

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Danielle Campos Ribeiro

O universo interior de Etty Hillesum transfigurado pela presença de Deus

Juiz de Fora

2019

Danielle Campos Ribeiro

O universo interior de Etty Hillesum transfigurado pela presença de Deus

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração Religião Comparada e Perspectivas do Diálogo, Do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Couto Teixeira

Juiz de Fora

2019

Suas lições são difíceis, meu Deus, deixe-me ser seu aluno bom e paciente. Eu me sinto como um dos muitos herdeiros de uma grande herança espiritual. ... Como posso te agradecer, meu Deus, por todo o bem que você traz para mim, ininterruptamente. Por toda a amizade, pelos muitos pensamentos férteis, pelo grande amor que há em mim e que posso derramar em tudo, a cada passo.

(Etty Hillesum)

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Campos Ribeiro, Danielle.

O universo interior de Ety Hillesum transfigurado pela presença de Deus / Danielle Campos Ribeiro. -- 2019.

93f.

Orientador: Dr. Faustino Couto Teixeira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, 2019.

1. Ety Hillesum. 2. Itinerário espiritual. 3. Holocausto. 4. Campo de concentração. 5. Deus. I. Couto Teixeira, Faustino, orient. II. Título.

DANIELLE CAMPOS RIBEIRO

**O UNIVERSO INTERIOR DE ETTY HILLESUM TRANSFIGURADO PELA
PRESENÇA DE DEUS**

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de MESTRA EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO.

Juiz de Fora, 27/08/2019.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Faustino Couto Teixeira – Orientador (UFJF)



Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (UFJF)



Prof.ª Dr.ª Maria José Caldeira do Amaral (PUC-SP)

AGRADECIMENTOS

A Deus, dimensão mais íntima de mim. Seu amor me conduz a caminhos desconhecidos, sua luz me ilumina e me tranquiliza para seguir em frente, a fim de atingir meus objetivos e não me permitir desanimar diante das dificuldades da vida. A esse Ser Absoluto que habita no mais profundo da minha alma, dedico todo o meu trabalho.

Aos meus pais, Eurico e Rosângela pelo apoio incondicional que me deram. Pela presença ao meu lado e por me ensinarem a enfrentar a vida com esperança e dignidade. Este trabalho é o fruto da boa educação que tive de vocês. Agradeço por todos os esforços somatizados ao longo dos anos para moldar hoje o ser que sou. Vocês estarão para sempre guardados muito além do meu coração... Amo vocês! Obrigada por serem meus pais!

Ao meu irmão, Carlos Eduardo, que acima de tudo é um grande amigo. A vida foi muito generosa comigo quando me presenteou com um irmão como você. Em todas as etapas da minha vida você tem estado presente e é sempre uma parte importante de todos os momentos que vivo. Não consigo encontrar palavras para agradecer tudo o que tem feito por mim. Só sei que continuaremos sempre unidos.

Ao meu orientador Professor Faustino Teixeira, por toda a paciência, empenho com que sempre me orientou nesta pesquisa e em todas aquelas que realizei durante a minha caminhada acadêmica. Muito obrigada pelo incentivo e exigência e por ter me corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar a escrever este lindo trabalho.

A todos os meus amigos de vida acadêmica, em especial, Elaine, Siloeh e Cristina que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentei, sempre com o espírito colaborativo. E a todos os outros que fora do mundo acadêmico estiveram sempre ao meu lado, suportando minha ausência em momentos essenciais e de muita alegria.

A todo corpo docente do PPCIR que sempre transmitiu seu saber com muito profissionalismo.

E por fim, agradeço a Etty Hillesum por me fazer acreditar que é exatamente no fundo do poço, no mais profundo da alma humana, é capaz de nascer a força chamada Deus, que nos impulsiona a viver a vida de forma bela e cheia de significado.

RESUMO

Esther (Etty) Hillesum nasceu em 15 de janeiro de 1914, na cidade de Middelburg, na Holanda e morreu em Auschwitz, em 30 de novembro de 1943. Superou seus conflitos internos quando conheceu o terapeuta Julius Spier iniciador de sua vida espiritual com quem aprende a pronunciar o nome de Deus e o descobre na profundidade da sua alma. Sua trajetória de vida foi baseada em seus escritos “Diários” e “Cartas”, escritas no campo de trânsito de Westerbork (entre 1942-1943). Aos 27 anos começa o regresso em si mesma, uma viagem espiritual fora de toda referência religiosa que a conduzirá muito além, tendo a convicção de que a verdadeira vida se encontra na interioridade. Transfigurada pela fé, em seus escritos, ela apresenta o seu encontro com Deus de forma viva e divinizada. Este presente estudo tem como objetivo reconhecer e compreender a espiritualidade de Etty Hillesum e mostrar como essa mística pôde através de seu percurso humano e relacional, ser possuída por uma força espiritual revelada pelo mistério de Deus. A partir deste aspecto traçamos a história de uma jovem judia, corajosa e resistente e analisaremos como a intensa presença divina em seu interior foi capaz de transformar sua alma e a fez dedicar sua vida aos mais necessitados e oprimidos presentes naquele campo sombrio, enfatizando sempre a presença de Deus, num momento de dor e sofrimento.

Palavras-Chaves: Etty Hillesum. Itinerário Espiritual. Holocausto. Campo de Concentração. Deus.

ABSTRACT

Esther (Etty) Hillesum was born on January 15th, 1914, in the city of Middelburg – the Netherlands – and died at Auschwitz on November 30th, 1943. She overcame her inner conflicts when she met the therapist Julius Spier, initiator of her spiritual life and with whom she learns to pronounce the name of God and also discovers Him in the depth of her soul. Her life trajectory was based on her writings "Diaries" and "Letters ", written in the transit field of Westerbork (between 1942-1943). At the age of 27, she initiates her return to herself, a spiritual journey out of any religious reference which will lead her far beyond, having the conviction that the true life is within interiority. Transfigured by faith, in her writings, she presents her encounter with God in a lively and divinized way. This study aims to recognize and understand Etty Hillesum's spirituality as well as to show how this mystic person could, through her human and relational course, be possessed by a spiritual force revealed to her by the mystery of God. From this aspect, we trace the story of a brave and resilient Jewish girl and we will analyze how the intense Divine Presence within her was able to transform her soul and made her dedicate her life to the most needy and oppressed ones in that dark field, always emphasizing the presence of God, in a moment of pain and suffering.

Keywords: Etty Hillesum. Spiritual Itinerary. Holocaust. Concentration Camp. God.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: A AVENTURA DA DESCOBERTA INTERIOR.....	14
1.1. VIDA ESPIRITUAL COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO.....	14
1.2. ETTY HILLESUM: A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO COM DEUS.....	23
1.3. O CRESCIMENTO INTERIOR DE ETTY HILLESUM.....	31
CAPÍTULO 2: O VALOR DA VIDA EM SUA PLENITUDE.....	41
2.1. O CORAÇÃO PENSAnte: A ORAÇÃO COMO ITINERÁRIO SINGULAR.....	41
2.2. ETTY HILLESUM: A FORÇA DA EXISTÊNCIA NUM CAMINHO DE PAZ INTERIOR.....	49
2.3. O BUSCAR DEUS NO SILÊNCIO E NA PROFUNDIDADE.....	58
CAPÍTULO 3: A EXPERIÊNCIA DE DEUS E A COMPAIXÃO PARA COM OS OUTROS.....	67
3.1. A VIVÊNCIA DE ETTY HILLESUM EM WESTERBORK.....	67
3.2. MÍSTICA E A RELAÇÃO COM A DOR HUMANA.....	74
3.3. ONDE ESTAVA DEUS DURANTE O HOLOCAUSTO?.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
BIBLIOGRAFIA.....	95

INTRODUÇÃO

Creio que a vida me coloca grandes exigências e que também tem planos para mim, mas eu devo continuar aberta à minha voz interior e segui-la, e continuar aberta e sincera, e a não querer sacudir a carga (DEP, p. 275).

O desejo de escrever sobre Etty Hillesum surgiu durante uma aula de diálogo inter-religioso, dirigida por meu orientador, professor Faustino Teixeira. O interesse começou pela história de Etty, pois fui me identificando profundamente com a sua sensibilidade e com seu poder de amar incondicionalmente. Amar e perdoar, principalmente, àqueles que a levaram à morte.

Buscar Deus nas pequenas coisas e nos piores momentos da sua vida, mantinha sua fé viva e inabalável, pois tinha a certeza de que Ele estava ali, como forte presença em sua alma, seu hóspede interior.

Chamou-me a atenção o tema “espiritualidade”, aquela luz que brotou na profundidade da alma desta judia, a fez encontrar Deus num momento muito conflituoso e trágico da sua vida. Essa jovem pôde através dessa forte presença, suportar momentos de dor e sofrimento.

Dessa busca nasceu o tema espiritualidade no interior de Etty Hillesum. Uma experiência fantástica que me fez adentrar no mundo interior dessa mística. Um desafio o qual me levou a voar, a viajar, a ir além... Etty ainda é pouco conhecida no Brasil, fui buscá-la em Lisboa, durante uma Conferência Internacional direcionada especificamente a ela com a apresentação de trabalhos, os quais os comunicadores falaram de forma reluzente da trajetória humana e espiritual dessa jovem mulher.

Essa experiência abriu novos caminhos. Analiso minha pesquisa como sendo uma viagem de trem, em cada estação que ele faz sua parada, vou preenchendo minha bagagem com mais conhecimento. Sigo a viagem cantando, já que para mim e para Etty Hillesum a vida é significante e bela.

Este presente trabalho é o resultado da leitura do Diário e das Cartas escritos por Etty durante o holocausto. No decorrer da escrita, no diário, Etty Hillesum revela sua mudança interior, seu crescimento interno mesmo vivenciando oposições durante a segunda guerra mundial.

Em seus escritos, ela nos mostra como sua personalidade foi desenvolvida de forma madura, seguida do seu encontro com Spier, outros amigos e lendo obras existencialistas.

O objetivo que me proponho nesse estudo é a investigação, a análise documental e de conteúdo dos escritos de Etty Hillesum, como sua vivência familiar, a superação de conflitos

interno, o sofrimento dessa judia, seu amadurecendo, como passou a ser segura de si mesma e, principalmente, o seu percurso espiritual, ou seja, o caminho que a leva a Deus.

A apresentação da dissertação está organizada em três capítulos. Cada capítulo apresenta três sub-capítulos.

No primeiro capítulo intitulado: A aventura da descoberta interior, nele traço o itinerário espiritual de Etty Hillesum, apresento o rompimento com bloqueios interno, sua singularidade e a experiência de Deus no mais profundo da sua alma. Como através desse percurso espiritual, Etty vivencia o amor e a gratuidade da presença da oração na construção da força necessária para trilhar seu caminho luminoso e alcançar à plenitude.

No segundo capítulo, com o título O valor da vida em sua plenitude, trato dos elementos que proporcionaram o crescimento interior de Etty Hillesum, como o seu encontro com Julius Spier, além disso, busca-se estabelecer um paralelo entre o amor Eros e Ágape. Retrato as experiências sentimentais e amorosas vividas por essa judia e seu amor a Deus, intuição que está dentro de si mesma, a busca pelo equilíbrio que veio de dentro.

No terceiro capítulo, intitulado A experiência de Deus e a compaixão para com os outros, concentro-me na vivência de Etty Hillesum no campo em Westerbork, sua contribuição em relação ao sofrimento do seu povo. A hospitalidade e acolhida àqueles que sofriam a dor e o terror do holocausto. Sua vivência, sua experiência espiritual e a forte presença de Deus que não a deixou esmorecer perante a tanta tragédia. Como sua força e sua fé foram cruciais para que Etty aceitasse a morte de forma tão natural, podendo assim se despedir do campo cantando.

Estudar os escritos de Etty Hillesum proporcionou-me maior vivência espiritual. Na verdade, uma espiritualidade que nasce de dentro, da profundidade da alma. Seus textos são orientações para uma vida plena e partilhada no amor. O amor entre o seu povo e, principalmente a Deus. Esse tema amor é o caminho que a leva ao encontro com esse Ser divino, forte presença espiritual em seu interior.

A obra de Etty Hillesum é composta de dois textos, “Diários” e “Cartas”, os quais, os Diários, em português, com menor edição, publicado pela editora, Assírio & Alvim, no qual no decorrer do texto, usarei a sigla DEP (Diário Etty em Português), da maior edição em Italiano pela editora, Adelphi, utilizarei a sigla DEI (Diário Etty em Italiano), essa edição, mais completa, composta de 922 páginas, não só oferece um novo texto, mas também uma centena de páginas de notas explicativas.

As Cartas de Etty Hillesum são um complemento do seu Diário, analisarei estes escritos, em duas edições, na portuguesa, pela editora, Assírio & Alvim e no corpo do texto utilizarei a

sigla CEP (Cartas Etty em Português) e na edição Italiana, pela editora, Adelphi em qual usarei a sigla CEI (Cartas Etty em Italiano).

Foram várias re-edições até o momento, a primeira, em holandês e as demais traduções foram feitas na Inglaterra, Estados Unidos, Itália, Espanha, Portugal, Suécia, Noruega, Dinamarca, Finlândia, Israel, Japão e no Brasil.

O diário não apenas servia de auxílio para a saúde psicológica de Etty, mas também, nele, exercia seu talento como escritora; por certo, Etty Hillesum tinha o desejo de se tornar escritora após o holocausto, ela queria escrever um romance sobre suas experiências. Nas Cartas, escritas no campo de Westerbork, Etty reproduz em vários lugares, passagens e formulações de seus diários.

As informações contidas na minha dissertação são também, o resultado de pesquisa documental; reportagem e entrevistas de estudiosos de Etty Hillesum. Essas entrevistas deram-me uma boa base para o aprofundamento e desenvolvimento dos meus textos.

Outro aspecto importante, foi assistir a documentários de refugiados que sobreviveram ao holocausto. Admiro a coragem dos entrevistados que decidiram se abrir e nos contar todo o sofrimento vivenciado naquela ocasião devastadora.

Nesse sentido, o objeto de estudo dessa dissertação será fundamentado na espiritualidade dessa mística e o seu encontro com Deus através da profundidade da alma, concentrando-se, sobretudo, em seus Diários e suas Cartas.

Antes de propriamente iniciar, apresento aqui Ester (Etty) Hillesum, – ou simplesmente Etty Hillesum, nasceu aos 15 de janeiro de 1914 na casa dos pais, em Molenwater 77, na cidade de Middelburg. Filha de Louis Hillesum, professor de línguas clássicas e Riva (Rebecca) Hillesum-Bernstein, emigrante russa. Etty tinha dois irmãos, Jaap destacou-se no campo das ciências médicas, e Mischa, o mais novo, embora atormentado por crises psicológicas, se tornou um dos pianistas de referência, na Holanda naquele tempo.

O pai de Etty nasceu em Amsterdã, em 25 de maio de 1880, o mais novo de quatro filhos. Louis Hillesum estudou literatura clássica na Universidade de Amsterdã. Em 1902, se formou, seguido por um doutorado em 1905. Publicou sua tese "De imperfectis in aoristo usu Thucydidis." Middelburg foi o primeiro lugar onde ele foi designado para ensinar. Começou a ensinar literatura clássica na escola Hilversum, mas por causa dos problemas de visão e audição teve várias dificuldades em manter a disciplina na sala de aula. Foi professor de literatura clássica e reitor em Deventer. Louis Hillesum era considerado um homem silencioso, discreto e muito gentil.

A mãe de Etty, Riva nasceu em 23 de junho de 1881 em Potchev (Rússia). Foi a primeira pessoa em sua família a abandonar Surash (Chernigol) e se mudou para Amsterdã. Era professora de língua Russa. Casou-se com Louis e permaneceu em Amsterdã. Riva Hillesum era descrita como uma mulher animada, índole caótica, extrovertida e muito dominadora. Por ser de caráter dominante, a relação de Etty com sua mãe era conturbada nos primeiros anos de sua juventude, mas aparentemente foi melhorando em Westerbork, onde as duas permaneceram no campo de concentração.

Seu irmão, Jaap Hillesum terminou o ensino médio e seguiu seus estudos em medicina. Considerado um rapaz inteligente, escreveu poesia e fazia sucesso com as mulheres. Era portador de uma fragilidade psicológica e esteve diversas vezes em hospitais psiquiátricos. Durante a guerra, trabalhou como médico num hospital de Holandês-judeu.

Mischa Hillesum, outro irmão de Etty, tinha um talento musical e passou a estudar piano. Assim como Jaap, sofria de problemas psiquiátricos e em 1939, Mischa foi internado para tratar sua esquizofrenia, mas após o tratamento continuou a ser bastante instável.

Etty passou a infância em Middelburg e em julho de 1924, mudou-se para Deventer. Lá cursou o ensino médio onde seu pai era diretor da escola. Etty estudou hebraico e era uma aluna muito brilhante. Mais tarde, estudou línguas eslavas em Amsterdã, mas a guerra a impediu de completar seus estudos. Entretanto, continuou a estudar a língua e literatura russa até o final, deu aulas particulares nestas matérias. Após terminar o ensino médio, mudou-se para Amsterdã para cursar Direito.

Em março de 1937, Etty foi ser governanta na casa de Hendrik (Hans) J. Wegerif, local onde seu irmão Jaap também residiu. Ali viviam o filho de Wegerif, Hans, de pouco mais de vinte anos, a cozinheira Käthe, e dois hóspedes, Bernard Meylink, estudante de bioquímica, e Maria Tuinzing, uma enfermeira que se tornará confidente e amiga de Hillesum. Hans, um contabilista aposentado e viúvo, contratou Etty a fim de cuidar das tarefas domésticas, mas também começou um relacionamento com ela. Nesse relacionamento, Etty engravidou, mas com medo de seu filho herdar problemas psiquiátricos como seus irmãos, decidiu pôr fim a gravidez, praticando um aborto. Foi nesta casa que Etty escrevia em grande parte seus diários e lá viveu até a sua ida à Westerbork.

Foi através de Bernard Meylink que Etty Hillesum conheceu Julius Spier (que quase sempre aparece nos diários como "S."), nasceu em Frankfurt em 1887. Era bastante interessado em quiromancia e resolveu dedicar-se aos estudos. Ele é submetido a análise por Jung em Zurique, e por sugestão do mesmo Jung começou uma prática de psicoquirologia em Berlim. Spier também deu cursos. Ele teve vários relacionamentos, e, eventualmente, ficou noivo de

uma aluna, Hertha Levi. Spier também deixou a Alemanha nazista e se mudou para Amsterdã, em 1939, como um imigrante regular.

Etty e Spier se encontraram casualmente e esse encontro acabou por ser decisivo para a vida de Hillesum. Foi Spier que a incentivou a escrever e logo depois se tornou sua secretária e amante. Etty se impressionou com a personalidade de Julius e decidiu começar uma terapia com ele. “S”, era um homem de fé e ajudou essa judia a desenvolver uma enorme sensibilidade religiosa que deu a seus escritos um caráter espiritual. Ele a ensinou pronunciar o nome de Deus sem constrangimento.

Spier morreu em 15 de setembro de 1942 e Etty já possuía forças suficientes para lidar com a morte do homem amado, sem muita objeção, pois estava ciente que esse era o seu destino. Ela o acompanhou em seus últimos momentos, juntamente com a amiga Tide. Esse momento foi vivido com serenidade.

Ele a fez enfrentar sua depressão e introduziu a leitura da Bíblia e de Santo Agostinho. Etty leu também outros autores, como Rilke e Dostoevsky. Foi Spier que a convidou a mergulhar no mais profundo da intimidade, no interior da sua alma, na qual a presença de Deus é despertada e aflora à consciência.

Uma vida de rotina interrompida quando a perseguição aos judeus chegou ao auge e essa jovem judia assumiu um cargo de datilógrafa para o Conselho Judaico. No entanto, após algumas semanas no conselho, Etty mesmo tendo a oportunidade de escapar, decidiu voluntariamente ir ao campo de Westerbork, como assistente social.

CAPÍTULO 1: A AVENTURA DA DESCOBERTA INTERIOR

Esther (Etty) Hillesum, uma jovem judia holandesa, residia em Amsterdã e fora deportada para o campo de concentração em Westerbork, no ano de 1942. Etty era portadora de uma força interior que a fez encontrar Deus de uma maneira profunda e a partir dali escolheu o seu próprio caminho. Era possuidora de uma fé inequívoca que a fez enfrentar dias difíceis como a ocupação alemã pelos nazistas. Sofreu os maiores sacrifícios em virtude do amor e da solidariedade que sentia pelo seu povo judeu.

Partindo de uma leitura minuciosa dos diários e das cartas escritos pela jovem, neste primeiro capítulo será abordado a trajetória espiritual desta mística que através do percurso pelo caminho interior, centrado no eu, conseguiu atingir à plenitude e esse encontro com um “Ser Absoluto” transformou sua vida e enobreceu sua trajetória espiritual.

1.1 VIDA ESPIRITUAL COMO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO.

A vida espiritual é estabelecida por uma dimensão constitutiva do ser humano, uma predisposição humana para procurar aceitação para a vida através de conceitos que transcendem o que é tocável, em busca de um sentido de conexão com algo maior que o si próprio. Ela é algo fundamental para todos aqueles que querem se abrir à vida, de ouvir as vozes que vêm de um Ser Absoluto (Deus) e de saber escutar a súplica que vem do outro, “é necessário trazer os outros dentro de si, espiritualmente” (DEP, 2009, p. 16).

A vida espiritual possui uma vasta proporção de transcendência e essência interior. O indivíduo que pretende traçar um caminho espiritual, deve estar aberto a algo sublime, à oração. A mística Teresa de Ávila¹ fala sobre o equilíbrio entre o céu e a terra, entre o transcendente e o imanente, recorrendo a uma imagem na qual o homem e a mulher espiritual vivem com os pés na terra e a cabeça voltada para Deus.

O teólogo Francesc Torralba argumenta que: “A vida espiritual é não fechamento, intransigência, menos ainda autismo. É, bem ao contrário, fluidez, doação e abertura”.

¹ Teresa de Ávila nasceu em Ávila, Espanha, em 28 de março de 1515. A religiosa, que viveu na Idade Média, é reconhecida como doutora da Igreja pela sua experiência de busca por Deus. Madre reformadora, mestra espiritual, patrona dos escritores e jornalistas, Teresa inaugurou um pensamento humano acerca da busca por um Deus, numa jornada que busca esse Deus dentro de si e nos outros.

(TORRALBA, 2012, p. 47). O ser humano busca de forma constante a vida espiritual ou por um caminho de Santidade.

Segundo o místico Thomas Merton:

A vida espiritual não é vida mental. Não é só pensamento. Também não se trata, é claro, de vida de sensação, de sentimento – de ‘sentir’ e experimentar as coisas do espírito e as coisas de Deus. Mas a vida espiritual também não exclui pensamento nem sentimento. Precisa de ambos. Não é apenas vida concentrada no ‘ponto alto’ da alma, vida da qual mente, imaginação e corpo estejam excluídos. Se fosse o caso, seria para poucos. Ainda mais: se vida espiritual fosse isso, não seria vida. (MERTON, 2001, p. 24)

A vida espiritual é abertura para Deus, mas acima de tudo abertura para o ser humano. Não existe vida espiritual quando se esquece da condição de ser humano. A vida espiritual é como uma árvore com sua raiz arraigada na terra e os galhos e folhas voltados para o céu (para Deus).

O indivíduo espiritualizado possui uma percepção diferente da realidade que está a sua volta, adquirindo uma maior facilidade de compreender as diferenças, tendo consciência relevante em viver processos internos como forma de evoluir a sua fé, a qual inspira e motiva as pessoas que estão ao seu redor. Maturidade espiritual é um processo interno que se manifesta nos atos das pessoas.

Na vida da judia Etty Hillesum, a espiritualidade e a abertura ao transcendente são fatores determinantes como elementos formadores da construção da nova relação social e do profundo despertar espiritual. Esta mística é reconhecida por seu radiante itinerário espiritual. A partir de um sentimento religioso, a princípio vago, ela chegou a viver quase interminavelmente na presença de Deus. É como se algo presente nela tivesse se entregue a uma oração contínua.

Para ela, o nome de Deus parecia destituído de qualquer tradição, pois jamais se ligou a uma crença religiosa e a nenhuma prática do ritual familiar próprio dos judeus, ou qualquer tipo de observância religiosa institucional (LÉNA, 2004, p. 57-58). A expressão "Palavra de Deus" não se refere apenas à Bíblia. É antes uma espécie de conhecimento original, uma inspiração, na qual, Deus continua a sua revelação no interior dos corações humanos.

Mantinha a fé e a compaixão com o seu povo. Ela inspirava-se apenas em suas leituras, sendo assim, elabora a sua própria linguagem “mística” e com ela expressa a sua experiência espiritual.

A razão determinante de sua profunda transformação e conversão foi o encontro com Julius Spier, este contribuiu para seu processo de amadurecimento, libertação, de comunhão com Deus que aconteceu através de um profundo despertar espiritual de Etty. “[...] Não sinto que esteja nas garras de ninguém, só sinto estar nos braços de Deus” (DEP, p. 19).

Para Hillesum, Spier foi o responsável pelo seu crescimento interior, chamava-o de: “o obstetra da minha alma” (DEP, p. 15). Foi ele quem a conduziu para um caminho de oração, seu conselheiro espiritual, o homem que a fez despertar para um vasto mundo interior, se libertar do medo da angústia e a se interessar por leituras fundamentais, as quais a acompanharam por toda a vida, e esses encontros literários a ajudaram a estar melhor com Dostoievsk, com a Bíblia (desta tinha o hábito de leitura matinal, apesar de ainda lhe faltar paciência para lê-la). Santo Agostinho e também Rilke, com o qual aprende a lidar com a paciência, com o sofrimento e com a liberdade de amar.

Em 3 de abril de 1942, confessa: “As cartas de Rilke são para mim como um mar, no qual”[mergulho cada vez mais em alto m ar e me aprofundo cada vez mais]” (DEI, p. 476). Além de Spier, Rilke foi também o seu maior professor e sua leitura a acompanhou no tempo em que residiu em Westerbork.

Foi através dessas leituras e da prática da oração que Etty conseguiu trabalhar a sua autonomia. O mais importante de todos os ensinamentos de Spier que contribuiu para a transformação interior desta mística, foi a fé manifestada na possibilidade de vivermos plenamente sem estarmos presos à matéria.

O seu despertar espiritual adere-se também a outra amizade, Tideman. Com ela, alcançou a oração e aprendeu a dirigir-se a Deus através de suas próprias palavras, agindo de forma natural à menção ao sofrimento.

Antes de alcançar a plenitude e o amor a Deus, Etty vivia um conflito interno e tinha uma vaga e assustadora sensação dentro de si e a cada momento enfrentava sentimentos contraditórios como o perigo e o medo de se perder. Em 4 de julho de 1941 escreve:

Há um desassossego em mim, um desassossego bizarro, diabólico, que poderia ser produtivo se eu o soubesse utilizar. Um desassossego criador. Não se trata do desassossego do corpo. Nem mesmo uma dúzia de excitantes noites de amor lhe conseguiriam pôr fim (DEP, p. 95).

Para esta jovem, tudo era tão caótico e ao mesmo tempo tão perturbador dentro de si que primeiro precisava ganhar a autoconfiança, libertar-se de tudo que a incomodava e criar a

sua própria forma. Sabia que mais tarde, se soubesse canalizar esse desassossego, colocaria ordem nesse caos interior.

Seu encontro com Deus foi essencial para a superação de toda a desordem dentro de si, e o itinerário espiritual desta jovem judia foi considerado um passo determinante para encontrar o caminho da doação, da alegria, da acolhida e da hospitalidade para com os outros. “Encontrei o contato comigo mesma, com a parte melhor e mais profunda de meu ser, aquela que chamo Deus” (DEP, p. 141).

Com o exemplo de Teresa de Ávila que, segundo Teixeira², em seu artigo ao Instituto Humanitas Unisino (2014), o processo transitório de acesso ao Mundo Interior na visão de Teresa, se cumpre através da oração. No caso de Hillesum, esse acesso foi sua própria vida.

Etty Hillesum dizia que “A maldade dos outros também está dentro de nós” (DEP, p. 170), ou seja, a única solução para melhorar o mundo exterior, era voltar-se para dentro de si e erradicar toda a maldade. Para melhorar o mundo exterior, primeiro deve-se melhorar a nós mesmos. “A pessoa constrói o seu próprio destino a partir de dentro” (DEP, p. 171). O modo como o indivíduo lida com os acontecimentos da vida é o que determina o seu destino.

Hillesum reafirma: “Como se a paisagem exterior fosse o reflexo do interior” (DEP, p. 160). Vive-se aquilo que sentes. Tudo o que acontece dentro de cada ser se reflete no mundo exterior. E para que o exterior seja mudado, é preciso mudar os sentimentos e a maneira de ver a vida. Dizia Rûmî: “Para mudar a paisagem, basta mudar o que sentes” (RÛMÎ, Poemas místicos, p. 54).

Em sua trajetória espiritual Etty Hillesum estava decidida a se afastar do ódio e da crueldade e repousar em Deus. A prática da oração alimentava sua alma e ela não falava devidamente em meditação, mas em fazer silêncio dentro de si. Uma prática rotineira através da qual foi criando forças para enfrentar as dificuldades que apareceram no decorrer de sua breve vida. Dizia:

A cada manhã, nessa hora serena e tranquila, todos deveriam se recolher e voltar ao seu interior, meditar uns trinta minutos e abrir espaço para a renovação do ser, ouvir o universo da profundidade e renovar o dia com essa iluminação[...] (DEP, p. 89).

Segundo Etty, o silêncio requer aprendizagem, não com o afastamento das pessoas, e sim, silenciar seus pensamentos, suas ansiedades e preocupações para ouvir a Deus. É um direcionar-se a Deus em silêncio interior e exterior. É entrar em contato com o mais profundo

² Faustino Couto Teixeira é professor e pesquisador do PPCIR/Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

de seu ser. “Acredito que é isto que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora ‘para dentro’, a escutar o que está dentro de mim”. “Submergir-me” (DEP, p. 89). Mergulhar para dentro de si é fazer Deus um hóspede da sua alma, assim como também diz a escritora Adélia Prado: “Sei que Deus mora em mim como sua melhor casa” (PRADO, 2015, p. 345).

O silêncio e a solidão fazem bem à alma. Sempre nos acompanha como parte de nossa existência. Os místicos comprovam que a solidão e o silêncio têm seu lado positivo, torna a alma receptiva, ou melhor, aberta para o divino. Rûmî dizia que só o silêncio é capaz de dar conta da lâmina de seu conteúdo. Ele devolve a plenitude das pessoas tirando-as do mundo das ocupações e conversas vazias, para uma realidade de relacionamento e comunhão com o Divino.

Este momento de silêncio e meditação que muitas vezes Etty praticava, exigia aprendizagem. Todo sofrimento interior deveria ser eliminado. Sentimentos de desapego e libertação, por dentro o ser humano é capaz de se tornar uma planície ampla na qual o mato não esconda a vista. Que algo de Deus penetre em si, que o amor puro e incondicional também penetre em si. Segundo Chardin, para se crescer espiritualmente é preciso silenciar e meditar. Assim diz:

Então, pela primeira vez de minha vida (eu, que supostamente devo meditar todos os dias!), eu tomei a lâmpada e, deixando a área aparentemente clara de minhas ocupações e de minhas relações de cada dia, desci ao mais íntimo de mim mesmo, ao abismo profundo de onde eu sinto que emana confusamente meu poder de ação. Ora, à medida que eu me distanciava das evidências convencionais, pelas quais é superficialmente iluminada a vida social, eu me dei conta de que eu me escapava de mim mesmo (CHARDIN, 2010, p. 44).

É necessário abrir a janela espiritual da nossa interioridade para o espírito de Deus soprar um novo vento e através deste, a alma saia da sua infertilidade possibilitando a abertura interior do indivíduo. Temos uma poesia de Alberto Caeiro, a qual o poeta português manifesta muito bem a questão da abertura interior:

Não basta abrir a janela
 Para ver os campos e o rio.
 Não é bastante não ser cego
 Para ver as árvores e as flores.

É preciso também não ter filosofia nenhuma.
 Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
 Há só cada um de nós, como uma cave.
 Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
 E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
 Que nunca é o que se vê quando se abre a janela (PESSOA, 1993. p. 75).

Abrir as janelas da alma é deixar que Deus entre e transforme tudo que está dentro de nós, da nossa casa interior. Significa abrir o coração para a vida e deixar que a espiritualidade penetre e fique enraizada em nosso coração. Sendo assim, sentimos nos desapegados do materialismo e da vaidade que nos rodeia. Etty diz:

Às vezes sinto-me como um caixote do lixo, tenho tanta turbacão, vaidade, meio-termo e inferioridade em mim! Mas, também existe uma verdadeira honestidade, e uma paixão quase elementar, para induzir pureza e encontrar harmonia entre o exterior e o interior (DEP, p. 101).

Mesmo num momento turbulento Hillesum sentia uma força e um equilíbrio sustentando o seu interior, mesmo sentindo-se sufocada por dentro, a presença de Deus amenizava seu sofrimento.

Etty Hillesum deixa claro para nós, que para viver em harmonia e manter o equilíbrio interior, deve-se aprender a viver com simplicidade e alegria, em prol e ao bem do outro sem querer possuir nada, para enfim atingirmos a felicidade.

Assim como dizia o monge budista Thich Nhat Hanh: “A fim de sermos felizes, deveremos aprender a viver com simplicidade. Quando vivemos assim, temos mais tempo para estar em contato com as maravilhas da vida [...]” (NHAT HANH, 2010, p.55)

A simplicidade é o caminho para a vida espiritual. É através dela que se pratica o desapego, o despojamento onde se descobre o essencial e vive-se em paz, pois “O ódio não faz parte do meu feitio”. (DEP, p. 69) O que fundamenta a vida espiritual é a espera paciente. Esperar por Deus com paciência é o sustentáculo de toda vida espiritual. É agradecer a Deus pelo que se é, ou, pelo que se tem.

Meu Deus, agradeço-te por me teres criado como eu sou. Agradeço-te por às vezes poder estar cheia de vastidão, essa vastidão não é senão o estar repleta de ti. Prometo-te que toda a minha vida há-de ser uma luta para atingir a bela harmonia e também humildade e amor verdadeiro de que me sinto ser capaz nos meus melhores momentos. (DEP, p. 69)

Através da oração, Ety sentia-se protegida. Essa concentração interior erguia muros altos a seu redor, dentro dos quais se re-encontrava. Arrancava tudo que estava dentro de si e seu mundo interior se tornava amplo e tomado pela presença de Deus.

A vida espiritual desta judia se tornava mais forte à medida que ela se aproximava de Deus. O místico Thomas Merton descreve que a vida espiritual é o buscar Deus através da oração:

A vida espiritual não é, portanto, uma vida completamente separada, desarraigada da condição humana [...]. [...] Vivemos como criaturas espirituais quando vivemos como homens que procuram a Deus. Para sermos espirituais, temos de permanecer humanos [...] (MERTON, 2001, p. 39).

Segundo Merton, somos espirituais quando procuramos Deus, procurando Deus somos capazes. A oração é um método importante para se ascender a espiritualidade interior, manter o ser humano vinculado ao sagrado. Porém não é tão simples fazer isso na prática porque é necessário se desligar do mundo material somente o suficiente para silenciar-se e orar. Há muitos desafios a serem vencidos na atualidade para que se consiga ter um momento com Deus. São muitos os compromissos, distrações. Frei Betto aborda o tema espiritualidade e diz claramente que para superar o medo, a ansiedade e a angústia, despertando para uma vida interior intensa, é preciso mudanças de atitudes.

Um dos grandes desafios da vida espiritual é reservar, em nosso dia a dia, alguns momentos para curtir o amor de Deus, assim como encontramos um tempo para comer e dormir. Sim, sei muito bem que essas duas coisas situam-se na esfera da necessidade, enquanto “namorar” Deus pertence à esfera da gratuidade (VASCONCELOS, 2015, p. 20).

Não se deve praticar uma vida espiritual centrada na superficialidade da vida. O ser humano é muito ansioso para contemplar e orar por alguns minutos. Temos que ser gratos a Deus e desafiar a agitação do dia a dia.

O silêncio e a solidão fazem bem e traz paz à alma. Torna a alma receptiva e aberta para o divino. Numa passagem do evangelho de Matheus: “Quando oraes entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora ao teu Pai que está lá, no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6:6), há a necessidade de certo nível de silêncio e solidão na vida, se alguém pretende crescer na vida espiritual. Sem as águas profundas e purificadoras do silêncio e da

solidão, pode-se incidir numa vida espiritual estagnada e infecunda. O silêncio constitui o lar do contemplativo, mesmo no meio do turbilhão do mundo em que ele permanece solitário.

Em seu livro, *Diálogos com o Silêncio* (2003), o místico Thomas Merton enuncia que a prática da solidão e do silêncio o permitia escutar a voz de Deus dentro de si, já que veio ao mundo como qualquer outro ser humano dotado de egoísmo, de crueldade e de ambição, entretanto, por uma vida comprometida com a oração e o trabalho, ele aprenderia métodos necessários para praticar o desapego, se libertar do materialismo.

No entanto, a vida espiritual necessita de alimento, isto é, a oração. A vida espiritual sem prece é como anunciar o Evangelho sem o Cristo. É premente cultivar diariamente um relacionamento e uma comunhão pessoal com Deus. Em seu diário, Etty escreve: “Deus, pegame pela mão, acompanhar-te-ei bem comportadamente, sem muita resistência. Não me desviarei de nada do que nesta vida vier de encontro a mim com as minhas melhores forças”. (DEP, p. 139)

É através do sustento da oração que nasce o alimento e a resistência de toda vida. A jornada espiritual envolve a união com Deus e o serviço incondicional do bem aos outros e nos convoca a antecipar um pedaço do céu aqui na terra, sempre com o coração voltado a Deus e os pés firmes no chão. Dizia Etty: “Deus, meu Deus, afinal sempre andas um bocadinho perto de mim.” (DEP, p. 123) A vida inteira é sempre um caminhar constante com Deus.

Hillesum foi uma mulher forte que soube transfigurar a própria vida, aprendendo a rezar e a meditar. Sua jornada espiritual é dotada de muita oração e de um verdadeiro itinerário interior, uma busca por Deus.

Sua experiência espiritual representa uma esperança para toda a humanidade, pois a partir dessa experiência, se pode encontrar Deus dentro de nós. E re-encontrarmos a nós mesmos em Deus. “Muitas vezes senti, e ainda me sinto como um navio que embarcou a carga preciosa: as cordas são cortadas e agora o navio vai, livre para navegar em todos os lugares”. (DEI, p. 763)

Etty sentia-se livre para navegar no seu interior, para buscar Deus dentro de si. Ele (Deus) é a carga preciosa dentro da sua alma. Seu hóspede interior. E dizia: “[...] o céu vive dentro de mim. Tudo vive dentro de mim [...]” (DEP, p. 282)

O Deus de Etty brota de dentro e não pode ser lançado a partir de fora. A presença divina no coração humano não é semelhante a água que “desce do céu” (Is 55,10), mas aquela que deve ser procurada nas profundezas da terra e nas bases da humanidade.

É como se o coração humano fosse um deserto árido e que após uma longa perfuração, brotasse água, um milagre verdadeiro, assim como o conhecimento de uma companhia divina se encontrasse nas profundezas da alma. Deus está dentro de nós.

Dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalho a obstruir o poço, e Deus fica soterrado. Então é preciso desenterrá-lo (DEP, p. 112).

O caminho espiritual consiste, propriamente, numa verdadeira jornada até à nascente interior onde se encontra tudo o que é necessário para viver na plenitude, permitindo alcançar a imagem e semelhança de Deus.

A única segurança em como você deve se comportar pode vir das nascentes que jorram nas profundezas de si mesmo. [...] Meu Deus, te agradeço porque me criou como sou. Agradeço-Te porque às vezes eu posso estar tão cheio de vastidão, essa vastidão que nada mais é do que ser cheio de você. Prometo-Te que toda a minha vida será uma tendência para essa linda harmonia, em direção a essa humildade e amor verdadeiro que sinto a capacidade em mim, nos melhores momentos (DEI, p. 270-271).

A trajetória espiritual de ETTY HILLESUM foi marcada por conflitos, sofrimento, repugnância e medo, estes superados pelo despertar de sua verdadeira autonomia interior. Seu percurso até ao poço profundo fê-la desenterrar todos esses entulhos, assim como se referia, e encontrar Deus ao meio de tanta ruína. Esse Deus sumo, excelente, poderoso, onipotente, misericordioso e justo. Que segundo Santo Agostinho:

Ó Deus tão alto, tão excelente, tão poderoso, tão onipotente, tão misericordioso e tão justo, tão oculto e tão presente, tão formoso e tão forte, estável e incompreensível, imutável e tudo mudando, nunca novo e nunca antigo, inovando tudo e cavando a ruína dos soberbos, sem que eles o advirtam; sempre em ação e sempre em repouso; granjeando sem precisão; conduzindo, enchendo e protegendo, criando, nutrido e aperfeiçoando, buscando, ainda que nada Vos falte (1973, p. 27).

HILLESUM com sua fé inabalável, tinha compaixão e amor por seu povo necessitado e oprimido. Mesmo no meio a tanta tragédia, no fim de cada dia ela dizia: “A vida é bela, apesar de tudo é muito bela” (DEP, p. 176). Conseguiu através da descoberta interior, atingir a plenitude, repousar em Deus, abandonar-se em seus braços e embriagar-se no hálito do Amado. Toda sua aflição foi transformada espiritualmente pela misericórdia de Deus. Conforme o

evangelho de Mateus: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mt 5:7).

1.2 ETTY HILLESUM: A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO COM DEUS

Etty experimenta um Deus que nasce de dentro e não pode ser emitido a partir de fora³. Um conceito de Deus misericordioso que condensa a justiça e o amor. Quanto mais ela mergulha no fundo da sua alma, mais tem a certeza de que Deus lá se encontra. Deus surge pela primeira vez em seu Diário no dia 9 de março de 1941: “Como uma melodia, o mundo rola da mão de Deus, estas palavras de Verwey não me saíram da cabeça durante todo o dia. Quem me dera ser melodicamente eu a rolar da mão de Deus” (DEP, p. 65).⁴

Para o Papa Francisco, o Deus misericordioso é o Deus da paciência, o Deus que sabe acariciar, que sabe abrir os corações. A misericórdia é o modo como Deus nos perdoa. É luz e amor. Diz Santo Agostinho “[...] A alma do homem, ainda que dê testemunho da Luz, não é, porém, a Luz; mas o Verbo — Deus — é a Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. [...]” (SANTO AGOSTINHO, 1973, p. 137)

Deus é a luz forte e brilhante que habita no interior do coração de Agostinho. E somente quem é capaz de amá-Lo, reconhece essa luz.

Logo, observo que Deus está presente na alma humana, contudo para que se alcance o transcendente é necessário atravessar caminhos, às vezes, conflituosos, mas não impossíveis, pois Deus nos é revelado de várias formas em nossas vidas. Conforme cita Edith Stein:

O homem não é um animal, nem um anjo, é um outro junto. Está ligado aos sentidos em modo diferentes dos animais, e a sua espiritualidade é diferente daquela dos anjos. Ele sente ou percebe o que acontece no seu corpo e com o seu corpo, mas este sentir é um sentir consciente de tal modo a transformar-se na percepção intelectual do corpo e dos processos vitais e na percepção de quanto o mundo externo cai sob os sentidos (STEIN, 1994, p. 322).

No início de seu Diário, Etty ocasionalmente revela-se insegura e duvidosa a respeito da forma como se refere a Deus, por muitas vezes chegou a questionar o sentido dessa palavra.

³ Em páginas do seu Diário, Etty está profundamente consciente de que deve “escutar-se por dentro”. Já “não se deixar guiar por aquilo que se aproxima, vindo de fora, mas por aquilo que brota de dentro”.

⁴ De uma canção escrita por Albert Verwey, poeta holandês.

Parece viver momentos que renega a palavra de Deus em sua vida. Para ela, às vezes a palavra de Deus é apenas um símbolo e um questionamento.

No entanto, com sua profunda transformação interior a palavra Deus foi mudando de sentido e no decorrer de seu diário, a imagem desse ser Absoluto torna-se mais autêntica e menos conceitualizada.

Pois nesse sentido, “Deus é uma teoria, uma opinião, uma imagem que o espírito humano cria na sua limitação para exprimir uma experiência impossível de idealizar, impronunciável” (CEP, p. 30).

Segundo o mestre Eckhart (1979) para unir-se a Deus, o homem deve voltar-se para o seu interior, é lá que se encontra a nobreza da alma, isto é, o homem não deve se apegar a nada, pois o interior de sua alma deve ser vazio a fim de acolher somente Deus. É no fundo da alma que Ele faz morada, logo nesse fundo, somente Ele consegue chegar.

Deus vai conquistando cada vez mais o coração de Etty, até se tornar o princípio de toda a sua existência. Ela caminha em pequenos passos, porém jamais se deixa desviar de sua vida material, sempre com os pés firmes na terra e ao mesmo tempo voltada para o seu íntimo numa experiência temperada de heroísmo.

Seu objetivo era ajudar a Deus, servir aos outros e não deixar que Ele seja destituído dos corações dos homens. Sendo solícita com seu povo diante de tanta desgraça presenciada e vivida no campo de concentração em Westerbork. Relata em uma passagem do seu diário: “Partirei sempre do princípio de ajudar Deus o mais possível e se isso resultar, muito bem, quer dizer que também saberei estar presente para os outros”. (DEI, p. 708).

Hillesum colocou toda a sua vontade e paciência a serviço de Deus e do próximo. Aboliu o ódio do seu coração mesmo diante de tanta injustiça pela qual os judeus foram conduzidos, pois o mais importante da sua vida espiritual era rejeitar o ódio e continuar pensando bem sobre cada homem, mesmo estes sendo seus opressores. Desejava solidificar a sua liberdade em relação a si mesma e aos outros e desenterrar Deus dos corações humanos.

Ela não está à espera de que tudo venha de Deus. Ela sente que vive com Deus, o todo poderoso de humildade. Um Deus desarmado e Nele colocara toda a sua vontade, toda a sua paciência. Apesar de estar no centro do sistema nazista, mesmo diante de tanta desgraça, a alegria está presente nela.

Etty parte do princípio de que Deus está nela, no seu interior e em todas as outras pessoas e é seu dever ajudar a mantê-lo vivo, despertá-lo em si, sinaliza que não é uma tarefa fácil:

Vou tentar ajudar você a não ser destruído dentro de mim, mas a priori não posso prometer nada o que, no entanto, se torna cada vez mais evidente para mim, e isso é que você não pode nos ajudar, mas somos nós que temos que ajudá-lo, e desta forma nós nos ajudamos. A única coisa que podemos salvar nos dias de hoje e também o único que realmente conta, é um pequeno pedaço de Ti em nós mesmos, meu Deus. [...] (DEI, p. 713)

Para que Deus não seja destruído dentro de si, Etty encontra um abrigo dentro dele, oferecer-lhe hospitalidade, pois sua pretensão era salvar um pouco desse Deus nos seres humanos. Aceitava tudo o que havia dentro dela como uma unidade forte.

Demonstra consciência da sua responsabilidade e não leva todas as suas amarguras para Deus e diz, “apenas minhas lágrimas e meus medos” (DEI, p. 713). De Deus também vem aquilo que é belo no mundo, na vida, uma manhã de domingo, um amanhecer tempestuoso, por que não um jasmim perfumado, somente. Deus ao seu ver, também merece receber algo além de dores e tormentos, todas as flores encontradas pelo seu caminho, são muitas as coisas belas e preciosas pelo caminho.

No pensamento de Etty é preciso libertar Deus do aprisionamento e da dor. A forte presença divina na vida dela e a condição de sua fé, até lhe permite dizer, “E se Deus não me ajudar mais, então serei eu a ajudar Deus” (DEI, p.707), expressa a mistura de aspectos concretos com aquilo que inquietava o seu coração. Assim dizia:

O meu coração, hoje, já morreu várias vezes, voltando a despertar de novo. Tenho estado a despedir-me minuto após minuto, libertando-me do mundo exterior. Corto as amarras que ainda me mantêm atada, carrego a bordo tudo aquilo que me pode servir durante a viagem. Agora estou sentada na margem de um tranquilo canal, as minhas pernas pendem de um pequeno muro de pedra e interrogo-me se o meu coração, algum dia, estará tão cansado e consumido, que já não poderá voar por onde quiser como um pássaro livre (DEI, p. 728).

Em algum momento no campo, Etty costumava refletir sobre a vida e também sobre cada momento angustiante o qual suportava e questionava a si mesma se suas forças sobreviveriam diante de tanta desgraça. Entretanto, mesmo neste momento, Deus estava presente no centro do seu ser e lhe dava coragem para seguir em frente, sentia-se como se um pássaro livre de todas as amarras da vida. Segundo ela, para que se adentre nesse mundo divino é preciso que Deus se torne um princípio, a ordem, um guia...” E eis-me aí, com a minha ‘obstipação espiritual’. E ele teria posto ordem no meu interior, teria vencido as forças contraditórias que atuam em mim. [...]” (DEI, p. 33).

Depois que Deus habitou o seu mundo interior, ela sentiu-se mais livre e aquela sensação de aprisionamento desapareceu, com a influência da personalidade mágica de Deus, sua alma estava em ordem e em paz.

Para essa judia, a paz estava dentro de cada um, sendo assim, possuída por uma força que transcendia a ela mesma, fez do sofrimento um local profundo de conhecimento e de revelação, dava hospitalidade à alteridade, sabendo sofrê-la e aceitá-la e tendo a consciência de que, contudo, sempre há a possibilidade de aprendermos algo de belo na vida, mesmo que isso venha parecer algo muito doloroso. Etty diz: “Aquilo que esperamos dos outros, como vindo do exterior, é o que temos, inconscientemente, dentro de nós” (CEP, p. 29).

Deus passa a ser presença constante em sua vida e ela sente como se estivesse nos seus braços, protegida e segura. Para ela, Deus é amor, é alguém com quem pode dialogar. Quando essa jovem busca sua autenticidade, ela faz o caminho de uma experiência corporal para uma “aventura interior”, na qual introduz um diálogo consigo mesma, com os outros e com Deus. A partir de tal experiência, ela quer encontrar Deus dentro de si, e assim, re-encontrar-se verdadeira e completamente a si própria em Deus.

Hillesum que se confessa ser uma mulher plena de ‘conflitos’, aprendeu com Spier, seu orientador e iniciador espiritual, a pronunciar o nome de Deus sem constrangimento. Foi ele que a convidou a empreender a jornada até o fundo mais profundo da sua alma na qual a presença de Deus é despertada. “Estas palavras acompanham-me há semanas a fio: é preciso ter a coragem de o dizer. A coragem de pronunciar o nome de Deus. S. [Spier] como sempre tivesse achado isso uma coisa ridícula, apesar de acreditar nele” (DEP, p. 155).

Em 11 de janeiro de 1942, na casa de Hans, sentia-se enfraquecida e cansada, não satisfeita completamente consigo mesma, mas Deus continuava próximo dela e num gesto íntimo para Deus, o agradece as dificuldades encontradas pelo caminho e diz:” ‘Uma pessoa também deve ter a coragem de dizer que crê’. Pronunciar Deus” (DEP, p. 167). Era corajosa e neste momento, enfrentava tudo e procurava entender e analisar coisas ruins que aconteciam com ela. Através de seu desenvolvimento interior, Deus é revelado com total liberdade, segurança, no entanto, aprendeu, enfrentou, resistiu às contrariedades e as dificuldades que confrontava.

Naquele 14 de dezembro de 1941, Etty menciona: “às vezes eu tenho a sensação de ter Deus dentro de mim [...]” (DEI, p. 279). Spier lhe dizia que era preciso expressar sua a fé, sentir Deus e ter a coragem para pronunciar o Seu nome. A fé, no entanto, não é silenciosa e contemplativa; ela resulta na força da pronúncia do nome divino.

Sendo assim, passa a ter um “diálogo ininterrupto” com Deus. Numa das cartas que escreve em Westerbork à sua amiga Tide, Etty dividi com ela uma passagem do seu diário que é, por bem dizer, uma verdadeira oração.

A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo. Quando estou em algum canto do campo, de pés plantados na Tua terra, os olhos levantados para o Teu céu, há alturas em que me correm lágrimas pela face, brotadas de uma comoção e gratidão interiores que procuram uma saída. Do mesmo modo, à noite, quando estou deitada e descanso em Ti, meu Deus, as lágrimas de gratidão correm-me, por vezes, pelo rosto, e isso é, também, a minha prece. (CEP, p. 200)

A relação de diálogo com Deus faz essa mulher se apoderar cada vez mais da oração e em 2 de julho de 1942, pergunta a Spier: “Não é quase ímpio continuar a ter tão grande fé em Deus em tempos como estes?” (DEP, p. 672). A resposta de Etty foi comprovada ao decorrer do seu diário. Diferente de Jó, Etty jamais foi contra Deus, pois era consciente de que a paz eminente era responsabilidade dos homens. E junto a Deus, encontrou a segurança que precisava.

Tudo o que de mal e de bom pode existir numa pessoa estava dentro de ti. Todos os demônios, todas as paixões, toda a bondade, todo o amor ao próximo, tu, grande entendedor, procurando e achando Deus. Procuraste por toda a parte, em cada coração humano que para ti se abriu — e muitos foram — e em toda a parte achaste um pedacinho de Deus. (DEP, p. 285)

Em 25 de setembro de 1942, caminhando com seu amigo Ru, radiante de alegria pela rua Govert Flinckstraat, Hillesum interrompe o seu longo diálogo para dizer: “Sim, veja, eu creio em Deus” (DEI, p. 774). E continua:

Ele parecia um pouco desconcertado, ele olhou para o meu rosto como se estivesse procurando por algo misterioso, mas depois acredito que foi muito bom para mim. Talvez seja por isso que me senti tão radiante e forte para o resto do dia? Porque eu disse de maneira tão simples, tão simples, no meio daquele bairro cinzento: Sim, você vê, eu creio em Deus. (DEI, p.774)

‘Deus’ continuará sendo presente em Westerbork. Diante de um mundo em processo decadente e destruidor, Etty revelará de onde vem sua força, para ser uma fortaleza inabalável. O estar consciente da presença de Deus foi para ela de suma importância, pois conseguiu tornar responsável a sua credibilidade a Ele, mesmo na trágica ocasião em que estava no campo de

concentração de Westerbork. Lá, essa judia pôde viver e provar como testemunha, a existência de Deus, através disso, cumprir a sua missão como voluntária no campo e prestar ajuda e hospitalidade ao seu povo judeu e redescobrir a fé escondida no seu “coração pensante”.

Afirmava que cada um deve voltar-se para o seu interior e destruir em si tudo aquilo que acha que deve destruir nos outros. E o que significaria viver conosco mesmos? Seria a capacidade de escutarmos o nosso interior sem dependência dos outros, pois estes são incertos e indefesos. Deve-se aprender a ser sós, pois sem essa aprendizagem, as relações com os outros e com Deus ficam deturpadas com a possessividade.

Para ela, Deus é a essência penetrada nas suas entranhas, do verdadeiramente humano em objeção a atitudes desumanas e cruéis. Neste sentido, afirma que a única reação verdadeiramente criativa ao sofrimento é suportá-lo.

(...) Às vezes penso que desejo a reclusão de um convento. Mas eu sei que devo procurar-Te entre as pessoas, no meio do mundo. E hei de fazê-lo, apesar da aversão e do cansaço, por vezes. Mas prometo que hei de viver a vida em pleno e até ao fim (CEP, p. 215).

Sempre alerta a alguns sinais dessa vida, estava resolvida a não ficar desnorteada pelo ódio, mas a continuar a vê-lo para relatar a história do seu destino. Foi descobrindo a cada dia que o hábito de descansar em Deus expandia e libertava no seu interior uma profunda fonte de gratidão que, por algumas vezes, se continha e até no inferno daquele campo ela desabrochava das profundezas do seu ser.

Embora em alguns momentos em Westerbork, Etty afirmava que nada fazia mais sentido, ela foi conduzida ao desejo mais profundo em dizer que sua vida havia se tornado um diálogo ininterrupto com Deus. Foi através deste diálogo constante com Deus que essa jovem judia reafirmou a sua fé e através de sua espiritualidade, sua luz interior, pôde acalentar seu coração e iluminar os corações humanos. Fazia de Deus, um hóspede interior.

Em dados momentos é como se a vida se me tivesse tornado transparente e o coração humano também, e eu vejo e vejo, e compreendo cada vez mais e tenho mais e mais paz dentro de mim, e interiormente tenho uma confiança em Deus [...] (DEP, p. 242).

Em Westerbork olhamos para ela e deparamos com a eleita de Deus, aquela que soube sustentar a relação com um ser sublime através da dor humana. "Se toda essa dor não ampliar

nossos horizontes e não nos tornar mais humanos, nos libertando das pequenas coisas e das coisas supérfluas desta vida, foi inútil" (DEI, p. 732). Através do murmúrio da dor humana, Etty torna-se consciente da sua responsabilidade frente à missão de abrandar a humanidade, pois assim se expressa:

No entanto, sou uma dentre os teus eleitos, meu Deus, porque me concedes participar tanto desta vida, e porque me tens dado força suficiente para suportar tudo isso. E porque o meu coração, por seu lado, também é capaz de suportar sentimentos tão fortes e intensos. Esta noite, às duas horas, quando finalmente subi e me ajoelhei no meio do quarto do Dicky, quase nua e com toda a agilidade, disse de repente: neste dia e nesta noite vivi certamente coisas grandes, meu Deus, agradeço-te por ser capaz de suportar tudo e por Tu deixares que tão poucas coisas passem a meu lado sem me tocar (DEI, p. 725).

Sentindo-se só, naquele lugar nostálgico e sombrio, coberto de lama, durante a madrugada, sempre se retirava num canto em busca de um instante de silêncio e de concentração para escrever suas cartas. Para Bingemer, em *Um lírio que floriu no arame farpado*, essa progressiva autoaceitação ocorre a um grau tal que ela realiza e aceita a habitação da divindade em seu interior.

Ela olha a vida de frente e reconhece que se deve aceitar as coisas como elas são. Hillesum tinha uma sensibilidade requintada quando se tratava da dor humana, fazendo-a mergulhar “num estranho estado de dolorosa felicidade” (CEI, p. 91). Considerava-se a eleita de Deus com sua maturidade, soube reconhecer e acolher cada dor com gratidão. Dedicava-se atenciosamente aos deportados, curando, intervindo, ela mesma ferida pela agressividade da dor, sempre à procura de uma janela donde se alcance um pedaço do céu, alívio pela fé.

Foi em Westerbork que Etty pôde mostrar toda a sua coragem e fé. Em 17 de setembro de 1942, em página de seu diário dizia:

No fundo, a minha vida é um ininterrupto escutar dentro de mim mesma, os outros, Deus. E quando digo que escuto dentro, é em realidade Deus que escuta dentro de mim. A parte mais essencial e profunda de mim que presta atenção à parte mais essencial do outro. Deus a Deus. (DEI, p. 756-757)

Etty era reconhecida no campo como o “coração pensante”, “a centelha luminosa na escuridão de breu da Shoa” (MICHAELDAVIDE, 2016, p. 86). Teixeira (2018) afirma que ela foi um testemunho de fé, esperança e amor entre aqueles despojados. O seu trabalho essencial foi o de dar hospitalidade aos seus companheiros de tal modo que eles pudessem conhecer e amar, a fim de evitar que a apatia ou o desânimo tomassem conta de seus corações.

Era uma mulher forte e repleta de esperança e o seu maior sentimento era o da ‘Presença de Deus’. Este Deus que a fez perceber que por trás de todo sofrimento e dor, havia “um raio de luz”. Mesmo estando consciente de toda essa dor, mantinha viva a esperança e o amor:

No entanto, em um momento de abandono, eu me vejo encostada no peito nu da vida e os braços dela me envolvem de modo muito protetor, e nem sequer consigo descrever as batidas do coração: tão lento e regular e tão doce, quase abafado, mas tão fiel, como se nunca fosse parar, e também tão bom e misericordioso (DEI, p. 568).

Apesar de ser perseguida e sentir-se atordoada, Hillesum jamais foi contra Deus, pois era consciente de que a paz é de total responsabilidade dos homens. Dizia: “Creio em Deus e creio na humanidade, e aos poucos vou-me atrevendo a dizê-lo sem vergonha”. (DEP, p. 202) O homem corajoso é aquele que não se abate pelas possibilidades humanas, pode sentir-se assustado, porém mantém-se firme.

Cristina de Stefano (2017) relata que Etty tem amigos na resistência que poderiam escondê-la, mas quer compartilhar o destino de seu povo. Hillesum recorda-nos que, “também devemos aceitar os momentos ‘não criativos’; quanto mais você os aceita honestamente, mais eles passam rapidamente” (DEI, p. 796). Assim nos mostra que é preciso enfrentar a dura realidade sem ser oprimidos interiormente.

A pesquisadora e carmelita Cristina Dobner nos diz que acolher o outro no próprio espaço interior é deixar que ali seja um lugar onde possa crescer e desenvolver sua espiritualidade (TEIXEIRA, 2014). Etty Hillesum mostrou toda a sua força em Westerbork voltada a sua escuta interior e ao mundo da profundidade. Do seu íntimo desabrochavam esperanças que a fortalecia e a avigorava. Tudo era motivo desse íntimo e belo diálogo com Deus, que fazia parte de seu percurso espiritual:

Como vês, trato bem de ti. Não te trago somente minhas lágrimas e pressentimentos temerosos, até te trago, nesta tempestuosa e parda manhã de domingo, jasmim perfumado. E hei-de trazer-te todas as flores que encontre pelo caminho, meu Deus, e a sério que são muitas. Hás-de ficar sinceramente tão bem instalado em minha casa quanto é possível. E já agora para te dar um exemplo ao acaso: se eu estivesse encerrada numa cela acanhada e uma nuvem passasse ao longo da minha janela gradeada, então eu iria trazer-te essa nuvem, meu Deus, se pelo menos ainda tivesse forças para isso (DEP, p. 253).

Etty seguia a vida com alegria, com o coração habitado por Deus, pois tinha consciência da Sua presença e que estava generosamente em suas mãos.

1.3 O CRESCIMENTO INTERIOR DE ETTY HILLESUM

O crescimento espiritual e a conversão de Hillesum evoluíram através de três encontros decisivos: “o primeiro tem o nome de uma pessoa (Julius Spier); o segundo tem o nome de um lugar (Consultório de Spier); o terceiro não tem nome: é o encontro com o próprio Inonimável” (Deus) (DEP, p. 13). Há claramente duas figuras que influenciam de forma decisiva na caminhada espiritual de Etty: Julius Spier e Henny Tideman.

Em razão de sua trajetória de vida, teria sido para Etty inconcebível uma compreensão de Deus que não fosse marcada por uma compreensão amorosa. Segundo Edgarda Ferri⁵ (2018), Etty é uma jovem com sede de vida e de amor, que vive paixões intensas na carne e no espírito, cruelmente sincera e ligada a um Deus misterioso ao qual chega a perdoar a indiferença pela dor do mundo (MICHELUCCI, 2018).

A iniciação de sua vida espiritual e os caminhos de uma relação total e íntima com Deus se deu através de uma verdadeira amizade amorosa com Julius Spier que mais tarde se revela “uma verdadeira escola de libertação mediante a dura prova de necessidade de possuírem e serem possuídos” (MICHAELDAVIDE, 2016, p. 34).

O projeto de um Diário pessoal foi uma proposta terapêutica sugerida por S [Spier]⁶. Chamava-a amorosamente “a minha secretária russa” (DEP, p.15). Foi através dos ensinamentos de Spier e a contínua prática de oração que Etty foi transformada e vivia a vida repleta de integridade.

Ajuda-te que o céu te ajudará. E quando nos ajudamos a nós mesmos, cultivando uma sincera confiança em nós, que confiar em Deus se torna possível.

⁵ Edgarda Ferri, escritora, ensaísta, jornalista, tem desenvolvido inúmeras biografias, incluindo as de grandes mulheres como Maria Teresa da Áustria, Joana a Louca, Catarina de Siena, Letizia Bonaparte, Matilde di Canossa, Eloisa, Elena Flavia Giulia etc. Também colabora com a revista *La Repubblica*. É autora do livro *Um gomito aggrovigliato è il mio cuore. Vita di Etty Hillesum* (2017).

⁶ Etty geralmente trata por S. [Spier]. Este dedicou-se integralmente à carreira de quirologia, o estudo das mãos. Formou-se com Jung, tendo começado a exercer como psicoquirólogo em Berlim por volta de 1930. Em 1939, emigrou para Amsterdã e em fevereiro de 1941 Etty decidiu fazer terapia com ele após S ter examinado suas mãos. Desde logo tornou-se sua secretária e amiga. Foi por conselho de Spier que Etty começou a escrever seu Diário.

É necessário trazer os outros dentro de si, espiritualmente: esta pode ser uma “memória orante”, uma verdadeira oração. Para rezar é-nos requerida a entrega a um profundo recolhimento (DEP, p. 16).

A fé de Etty é uma fé na fronteira entre o judaísmo e o cristianismo, uma fé convertida que a incentivará para o coração de sua própria história e de seu povo judeu. Embora reafirmo que ela não estava ligada a nenhuma crença religiosa, porém mantinha viva a sua fé.

Sob o comando de Julius, ela atreve-se a dar os primeiros passos e avançar nesse caminho o qual é desconhecido para ela. Essa jovem judia sente que há nela um anseio pelo divino, da qual não tinha consciência.

Quando olho para a trajetória de vida desta jovem judia, posso fazer menção à Anne Franck, com destinos similares, ela também morava em Amsterdã e escreveu seu diário na mesma época que Etty. Mas em Etty a experiência de Deus é mais centrada e absorta, porém seus escritos, assim como os de Anne Franck, revelam a tragédia de um tempo angustiante e pavoroso, o da Segunda Guerra Mundial e o Shoah.

Outra amizade que foi fundamental para o crescimento espiritual de Etty foi Henny Tideman, Hillesum dizia que Tide (assim como a chamava) tinha “a inteligência da alma” (DEP, p. 16). Uma fé simples e ensinou-a a dizer o nome de Deus a cada momento do dia e da noite, por palavras suas, num mistério total e natural à alusão ao sofrimento ou até mesmo a um verso de Rilke. Será igualmente, em seus escritos que Hillesum conseguirá encontrar algo de si mesma. Cada palavra que lia sobre Deus em suas cartas tinha um significado forte para ela. Com Rilke irá meditar sobre o amor, a paciência e a capacidade em sofrer. Em 3 de abril de 1942 confessa:

As cartas de Rilke são para mim como um mar, no qual [eu nado mais longe e sempre mergulho mais e mais fundo]: uma tal coisa não conseguirei formular em holandês (DEI, p. 476).

Quando parte para Westerbork, leva em sua mochila: a Bíblia, as Cartas a um Jovem Poeta e o Livro de Horas, estes dois últimos, ambos de Rilke. A Bíblia é uma das grandes referências no itinerário espiritual de Etty. Nela, encontra palavras capazes de devolver a sua paz interior. A sua leitura, que no início será remota e modesta, transformar-se-á progressivamente num hábito matinal durante o seu processo de meditação e silêncio.

Um dos textos bíblicos que Etty terá contínuo acesso é o Hino ao Amor, da primeira carta de São Paulo aos Coríntios. Este amor, indulto e que tudo suporta, é para Etty a única resposta capaz de ascender a humanidade acima do ódio.

Se eu falasse todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor, seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine.

Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de remover montanhas, mas não tivesse amor, nada seria.

Se eu gastasse todos os meus bens no sustento dos pobres e até me fizesse escravo, para me gloriar, mas não tivesse amor, de nada me aproveitaria.

O amor é paciente, é benfazejo; não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho; não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não se alegra com a injustiça, mas fica alegre com a verdade. Ele desculpa tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo. (1 Cor 13,1 – 4).

Em seu diário, Hillesum comenta que estas palavras atuaram nela como uma vara que tocou no fundo do seu coração. “Este amor, que tudo desculpa e tudo suporta, é para essa jovem mulher o único caminho com saída, a única resposta capaz de elevar a humanidade acima do ódio” (PINHO, 2014).

Para essa judia, o amor é o único caminho de salvação e realização para o ser humano. “O amor é a força primordial do espírito dotado de atividade volitiva, força afirmadora e criadora de valores...” (BRUGGER, 1962, p 54-55).

A amizade com Tide foi de um significado fundamental para o crescimento espiritual de Hillesum e durante uma conversa, Tide confessa claramente que quando estava com problemas, ajoelhava-se no meio de seu quarto e perguntava a Deus o que fazer. Seus gestos para com Deus eram maduros e seguros. Numa carta que lhe escreve em 11 de setembro de 1942, em Amsterdã, Etty fala da importância da presença de Tide em sua vida.

Grande, querida Tide mulher! Sabes que também tu és um dos presentes preciosos desta vida que Deus me deu? Digo-o de forma tão aberta e natural: Deus. Foi graças a ti que aprendi a dizê-lo, a cada momento do dia e da noite, graças a ti e ao nosso Amigo, de quem já me despedi, sozinha, na charneca de Drente, á noite, sob as estrelas, e por quem agora rezo, a toda hora, pedindo a Deus que tome para Si este último restinho de invólucro material e sofredor (CEP, p. 49-50).

Mas foi Spier quem realizou a grande obra em seu interior. Colocou ordem no seu espírito e a fez dominar as forças contraditórias que habitavam em seu íntimo. Agradecia a Deus por compreender Julius e por ter alguém como ele em sua vida (CEP, 2009, p. 45).

Em sua tese Baccarini (2018) nos relata que quando se refere ao amor, Hillesum hesitava e tinha um forte desejo de encontrar um homem a quem pudesse se entregar e tivesse toda a capacidade de amar, contudo, por outro lado, questionava-se com a questão de um amor mais ecumênico e universal, proporcionando possibilidades de a mulher oferecer o seu amor a todos os homens, como comprova numa das passagens do diário:

E pergunto-me até que ponto isso limita a mulher: até que ponto se trata de uma tradição secular, da qual se deveria libertar, ou, talvez se trata de uma qualidade tão essencial à mulher que ela própria se sentiria violentada se desse o seu amor a toda humanidade em vez de a um único homem (DEI, p. 121).

Etty, uma mulher moderna, sedutora e profundamente erotizada, passou a viver de forma descontraída e livre, superou o seu bloqueio espiritual e sentiu a paz em seu interior, "teve uma vida diferente, mais livre e mais fluida. O sentimento de bloqueio foi apagado e um pouco de paz instalou-se dentro da sua alma. Hillesum consegue descobrir em Spier, um homem de "personalidade mágica" (DEP, p. 75).

Desenterrou Deus do meu interior e fê-Lo viver e eu irei cavar e procurá-Lo em todos os corações de todos os Homens com quem me cruzar, seja em que lugar da Terra for. (CEP, p. 50).

Spier ensinou-a que o amor por todas as coisas é mais bonito do que o amor por uma só pessoa. Etty Hillesum e Julius Spier estão envolvidos em uma relação terapêutica sentimental e erótica. Ela será seduzida por aquele homem incomum e perturbador, mas os sentimentos que a inspiram no início de suas reuniões são contraditórios, assim como a contradição de Spier, "um ser que luta, lutou entre as forças primitivas e as espirituais, um homem de olhos claros e uma boca sensual" (HILLESUM, 2000, p. 31). Foi ele quem a desafiou a redigir o diário. Ele a iniciou na contemplação e na escuta interior e estimulou nela um novo processo de prudência, equilíbrio e sensatez, no qual se descobriu feita para amar a todos e não apenas a um só homem. Foi um mediador entre ela e Deus.

Às vezes, Hillesum demonstra por ele respeito e admiração, outrora ela se inflama e o deseja carnalmente, uma espécie de fantasia erótica muito instigante, mas por momentos, acha-

o repugnante e cínico, porém quando o acusa dessa maneira, é para defender-se melhor da atração que exerce sobre ele. E dizia: “Meu Deus, onde é que fui me meter?” (DEP, p. 82).

Até a voz de Spier, quando ouvida ao telefone era suficiente para colocar o seu corpo em total euforia. “A cada momento continuo ainda em perigo de me desorientar e me perder, é o que sinto um pouco neste momento” (DEP, p.79). E após cada reverência feita em seu Diário, ela recua e se arrepende de ter feito um julgamento apressado demais em relação a Julius e acaba confessando que não consegue compreendê-lo em sua totalidade. Ele é um homem complexo, muito oscilante na aparência. Só aos poucos poderá controlá-lo, compreendê-lo e amá-lo verdadeiramente, isto é, um amor liberado do condicionamento do fascínio.

Segundo Bingemer⁷, Etty era alguém muito consciente de seu corpo e de suas fomes e sedes sexuais. Muito feminina, era ao mesmo tempo extremamente independente e livre em suas escolhas. Essa jovem vivia de forma profunda suas variadas e múltiplas relações, assim também foi com o viúvo Han Wegerif, com ele, manteve um relacionamento fixo, uma relação sentimental, já com Julius Spier, uma paixão avassaladora e arrebatadora.

Inclinava-se sobre as palmas das mãos como se estivesse em espelhos refletindo as sombras e as luzes da consciência, certamente teria sido instantaneamente atingido da personalidade forte da jovem e, acima de tudo, das suas contradições, dos seus desacordos interiores, tão semelhantes aos dela (HILLESUM 2000, p. 32-33).

Spier revelou-lhe que ela também era um desafio para ele, que apesar de sua índole, era um homem fiel a sua namorada, Hertha Levi, uma judia alemã, a qual residia em Londres. Ele prometera casar-se com ela e mesmo tendo casos com outras mulheres, tinha atitudes que entendia como lealdade. Etty sentia-se enciumada em relação a essa mulher, (mesmo assim a chamava de “amiga”), pois queria ter esse homem, embora lhe causasse repulsa, já havia estabelecido em seu devaneio que ele seria o seu homem, queria conhecê-lo como amante.

Disserta por várias páginas de seu Diário, sobre se deveria ou não ser de um homem apenas. Algumas vezes demonstra desejo de estar com ele, de ser dele, unicamente; outras vezes, afirma que não é uma mulher para um só homem. “Não acredito que vá ser esse o meu caminho: um só homem, um só amor. Mas tenho realmente uma forte tendência erótica e muita necessidade de carícias e meiguice” (DEP, p.125). A mão de Spier sustentava seus dias, e a

⁷ Maria Clara Lucchetti Bingemer é mestra em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG-Roma). Docente associada no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

sensação que ela tinha quando ele acariciava os seus cabelos ou apertava o seu corpo em direção a si, era de um abraço de quem havia decidido crer nela.

Essa judia buscava um homem a fim de possuí-lo por toda a vida, mas ao mesmo tempo invoca a Deus, o qual pressente e acredita que esteja dentro de si, pois possuir Spier não significa ter a posse de Deus. Etty conhecia os gestos íntimos de Spier com as mulheres, contudo interessava saber dos seus gestos íntimos com Deus.

A paixão por este judeu foi algo que a desorientava e desequilibrava e a cada encontro era motivo de tristeza e solidão. Ela não o amava como homem e sim como pessoa. Na verdade, não conseguia chegar a uma conclusão do que realmente sentia por ele, talvez fosse mais o calor e o seu anseio à bondade do que amor. “Não o amo absolutamente nada como um homem é isso estranho, ou será a maldita vontade de afirmação em querer possuir alguém?” (DEP, p.102). Tal como a mão de Deus, a partir da qual Etty imaginava “rolar melodiosamente”, a mão de Spier também rolava de forma móvel e discreta que a transformava e a perturbava; no fundo, seu amante era a outra parte de Deus, perfeita unificação em um mundo igualmente vulnerável (PIGLIARU, 2017).

Etty se perguntava se duas pessoas de sexos opostos com grande intimidade, poderiam ser levadas a pensar em dado momento que também deve ser íntima fisicamente, pois isso era presente nela, já que sempre procurava num homem as mesmas expectativas sexuais em relação a ela. Spier precisava lutar contra seus impulsos sexuais em relação a Etty, esta também sentia sua alma atormentada. Lutava contra ela mesma a fim de livrar-se do medo e atingir a paz no espírito.

Na tarde de 21 de abril, sentado em seu colo, neste momento não havia entre eles erotismo algum, apenas uma grande amizade e calor humano. Mais tarde, Etty sentiu o corpo de Spier sobre o seu e estendeu-se em seus braços, e nesse momento ela sentiu uma grande solidão e tristeza. “Ele ia beijando minhas coxas brancas e eu me sentia-se cada vez mais só”. (DEP, p. 88). Foi a partir de então, que ela começou a imaginar teorias que envolviam sua solidão. E resolveu voltar-se para dentro de si e escutar o seu interior.

Etty invoca a Deus como forma de súplica para que ela seja capaz de resistir e de controlar o desejo sexual que Spier lhe despertava. Esse, praticava métodos terapêuticos muito estranhos, não digo a leitura das mãos, em que ele acreditava que corpo e alma estão interligados, “corpo e alma são uma só coisa” (DEP, p. 74), e deve viver em total entendimento, falo sobre a luta corporal entre seus pacientes para que os mesmos possam alcançar a harmonia, libertando-se dos medos que os bloqueiam. Representavam para ambos um grande combate contra todas as suas pulsões eróticas e sensuais.

Esse método estranho aproxima seus corpos e desperta um desejo que os deixavam completamente atraídos um pelo outro. Etty se apaixona pela sensualidade de Spier, por sua boca selvagem e o desejava carnalmente. O encontro entre Hillesum e Spier não poderia acontecer sem conflitos e sem um certo sofrimento. Ele contemplava suas mãos como um segundo rosto. Em seus escritos, encontramos algumas referências a Spier, como as suas mãos, que além de objeto de estudo, também tem um sentido de puro erotismo.

Foi como se ele me tivesse pegado pela mão e me dissesse, ‘Vê, é assim que deves viver.’ Toda a vida tive esta sensação: quem me dera que houvesse alguém que me pegasse pela mão e se ocupasse de mim (CEI, p. 6).

Apesar de sua honestidade e reverência, Julius também se apaixona por Etty e entre os dois surgem situações bastante embaraçosas e paradoxais. A explosão de sentimentos e o impulso sexual permeava entre eles e aumentava ao mesmo tempo o sentimento de culpa, pois a rapariga de Amsterdã estava envolvida com o senhor Han, de quem engravida e aborta. Seu aborto foi devido ao medo que ela tinha em receber uma criança em que ela não desejava e não estava preparada para ser mãe. Sentiu-se por um momento todo aquele horror em descobrir uma gravidez indesejada.

Hillesum não queria ser a responsável por acrescentar à humanidade mais uma criatura infeliz. O psicólogo sedutor, também mantinha seu relacionamento e não desejava abandonar sua namorada.

E com esta personalidade desordenada e com todo este tumulto interior que na manhã do dia 9 de setembro de 1941, a pequena judia dizia que nunca havia conhecido ninguém que possuísse tanto amor, intensidade, dinamismo e personalidade como Spier. Ele dizia: “Se eu dirigisse todo o meu amor e energia a uma única pessoa, então eu arruinava-a (verderben)” (DEI, p. 161). Muitas vezes ela desejava ir para outro mundo, a fim de se livrar dele, contudo, ao mesmo tempo, percebe que é com ele que deve conviver.

Etty fazia a todo tempo questionamentos sobre o amor que os envolvia, pois almejava em alguns momentos um amor concentrado e direcionado somente a ela. A dúvida era um pensamento constante em sua mente e concluía não saber o que realmente fazer com este “indivíduo”.

Etty reconhece em todo ser humano um amor Divino. Sua vida, mesmo atormentada e sofrida não deixa de ser significativa e bela. Uma noite, sozinha, silenciosa em seu leito, no campo de concentração, através da janela, olhando para o céu escreve que a guerra com todo o

seu mal existe, no momento em que se sentia só e abandonada, se encontra no peito nu da vida e os braços de Deus a circundam tão protetores, o seu coração era tão lento e tão doce que não conseguia descrever tanta emoção e encantamento.

Um acalento do todo misericordioso. Ela buscava Deus naquele momento de dor e sofrimento. Isso nos faz lembrar uma passagem bíblica num dos salmos: “Ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água” (Sl 63:1).

Hillesum avança na descoberta de si mesma, do próprio corpo, na construção de um mundo interior bastante profundo. Tudo é experimentado no seu interior, os sentimentos, as fantasias, emoções, os afetos e sonhos... e isto participa assiduamente na edificação do seu eu criador.

A mística Teresa de Ávila defende a valorização do corpo contra teorias dogmáticas que pregavam uma espiritualidade imaterial, diz-nos:

(...) nós não somos anjos, ao contrário, temos corpo. Querer fazer-nos anjos estando na terra (...) é desatino. Ao contrário, é preciso ter apoio, o pensamento, para a vida normal. (...) em tempo de secura, é muito bom amigo Cristo, porque o vemos Homem, e o vemos com fraquezas e tormentos, e faz companhia (TERESA DE JESUS, 1997, p. 203-204).

O caminho espiritual de Hillesum e a descoberta de si é relatado em seu Diário como o mistério de uma “alma” que não perde o contato com o seu interior e com o seu corpo, isto é, ela busca no seu interior o sentido e a força para suportar a loucura da perseguição nazista.

Etty Hillesum atinge a Deus pela carne e pela sensualidade, até compreender que não se separa alma e corpo, sofrimento e beldade do mundo. Deus a fizeste um ser tão admirável e seu diálogo constante com essa divindade a fez partilhar generosamente todas as maravilhas do Criador.

Para Etty, o indivíduo não é interpretado de uma única forma pela sua invocação espiritual, mas frequentemente, na totalidade do estar no mundo. Recordamos o importante documento do Concílio Vaticano II – a *Gaudium et Spes*, n. 14 – “a própria dignidade humana exige que o homem glorifique a Deus[também] no seu corpo”⁸

⁸ *Apud in* “Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja”, n. 14. Nota-se, igualmente, a incoercível compreensão bíblico-antropológica do ser humano. Para a inteligência bíblica o corpo não é um apêndice dispensável ao homem, é parte integrante dele. O homem não tem um corpo, é corpo. O corpo foi criado diretamente por Deus, assumido pelo Verbo na encarnação e significado pelo Espírito no batismo. O homem

Deste modo, o processo estabelecido de “enraizamento interior”, o “escutar para dentro” (HILLESUM, 2009, p.112) demonstra-nos a superação das dificuldades, paradoxos e contradições vivenciadas em seu próprio corpo, a qual fê-la descobrir a beleza e o valor do corpo, os quais ultrapassam a dimensão física da “sexualidade”, a capacidade em re-encontrar um significado capaz de manifestar o amor e a comunhão para com o próximo: “ser um bálsamo para muitas feridas”(DEP, p. 333).

A relação que Hillesum estabelece com Deus, em contrapartida, insinua-nos que ele surge como substituto de Spier, isto é, Deus é o amante, o detentor, aquele no qual provoca o prazer e o apetite sexual. Etyy desejava que alguém a segurasse pelas mãos, imagem frequente na relação com Deus. Essa jovem judia projeta nessa divindade a imagem de um amante sublime e próximo dela, o qual pode oferecer um alicerce e a garantia de um sossego interno, um acalmar o conflito interno e desejos contraditórios que sofria constantemente, assim manifesto:

Ontem à noite, de bicicleta pela fria e escura rua Lairesse, desejava poder repetir o que então murmurei em voz baixa: «Deus, pega-me pela mão, acompanhar-te-ei bem- comportadamente, sem muita resistência. Não me desviarei de nada do que nesta vida vier de encontro a mim, tentarei integrar tudo em mim com as minhas melhores forças. Mas dá-me de vez em quando um momento de sossego» (DEP, p. 139).

Esse “casamento” com Deus permiti-lhe se defender das ameaças exteriores, pois Deus é algo muito profundo em si mesma:

Na realidade a minha vida é um “escutar interiormente” contínuo, a mim, a outros, a Deus. E quando digo: “escuto interiormente”, é efetivamente Deus em mim que “escuta interiormente”. O que há de mais essencial e profundo no outro. Deus a Deus (DEP, p. 289).

Protegida por Deus, Hillesum torna-se seu instrumento, e tem a missão de despertá-Lo no coração dos homens, de desenterrá-Lo dentro de cada ser, mostrando a eles o verdadeiro sentido da vida. Libertando-os do medo, do sofrimento e da dor, ensinando-os a esvaziar a alma para deixar Deus ser enraizado em seus corações.

bíblico fica encantado ante o esplendor do corpo humano: “Tu me teceste no seio materno. Confesso que sou uma verdadeira maravilha, tuas obras são prodigiosas...” (Sl 139,13-14).

CAPÍTULO 2: O VALOR DA VIDA EM SUA PLENITUDE

Há muitos que buscam conhecer a Deus superficialmente. Entretanto, aqueles que buscam o mais profundo aproximar-se de Deus são aqueles que conseguem mergulhar-se na sua alma, mediante o silêncio, acredita-se através da constante oração. Etty Hillesum seria uma dessas pessoas, e, para compreender esse processo vamos analisar a vida desta jovem em sua totalidade.

Hillesum buscava esperança, coragem através da oração e de forma determinada expressa toda a consciência de si, tudo o que consegue captar da sua própria existência, num momento de paz interior, entrega a própria alma àquele Deus do qual se espera o cumprimento dos desejos mais profundos e a ajuda superar a miséria da própria vida. Decidiu partilhar a dor, o sofrimento junto de seu povo, usar a sua luz interior para sustentar àqueles que andavam desesperados e desalentados naquele inferno do campo de concentração.

2.1 O CORAÇÃO PENSAnte: A ORAÇÃO COMO ITINERÁRIO SINGULAR

Etty Hillesum é reconhecida pelo seu reluzente itinerário espiritual. Mediante um sentimento pouco resistente e vago, ela chegou a viver de forma constante na presença de Deus. Aconselhada por Julius Spier e motivada por um desejo de se autocompreender, Etty começa a escrever seu diário com o objetivo de preenchê-lo com relatos do seu cotidiano.

Começou a praticar o constante exercício da oração e com isso aprendeu a escutar não só a sua voz interior, mas também aos outros e a Deus. Em consequência dessa prática de oração, libertou-se de si mesma e alcançou uma profunda comunhão com Deus e com os outros. Para ela, orar é acima de tudo o elevar-se da alma a Deus, e esquecendo de si mesmo ser com Ele em um só espírito. Seu itinerário é insólito, mesmo porque, não possuía vínculo com nenhuma tradição religiosa e estava mais interessada na dimensão humana da existência.

Etty Hillesum transfigurava a própria vida, deixando-se amadurecer até a sua plenitude, modificando-se. Mantinha continuamente de forma assídua a oração, um autêntico itinerário interior que não consiste em formas de devoções exteriores, muito menos em repetição de fórmulas. “Mediante a oração aprendeu a arte de meditar sobre as trevas humanas através da

luz de Deus, sem as negar, mas igualmente sem as tornar mais densas e tenebrosas” (DEI, p. 536). Tinha a necessidade interior de ajoelhar-se e encurvar-se em oração e a partir desse momento ter uma relação de intimidade com Deus.

Nessa mesma linha, outra grande mística, Teresa de Ávila enuncia que a oração é o laço de amizade com Deus, não devendo orar por medo ou por obrigação, orar por amor na certeza de que se é ouvido e amado por Ele. Esta profere também que: “Para aproveitar muito neste caminho [da oração] ..., não se trata de pensar muito, mas de amar muito” (TERESA DE JESUS, 2017, p. 75). A oração é cultivar um relacionamento diário com Deus, o amor a Deus cresce à medida que se dedica mais momentos a isso.

Relata, ainda Teresa:

E outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós - com quem sabemos que nos ama. E se ainda O não amais (porque para que seja verdadeiro o amor e para que dure a amizade hão de encontrar-se as condições: a do Senhor já se sabe, não pode ter falta; a nossa é ser viciosa, sensual, ingrata), não podeis por vós mesmas chegar a amá-Lo, porque não é da vossa condição; mas, vendo o muito que vos vai em ter a Sua amizade e o muito que vos ama, passais por esta pena de estar muito com Quem é tão diferente de vós (TERESA DE JESUS, 2016, p. 59).

Para Teresa, a melhor forma de orar, o mais eficiente modo de rezar, é recolher-se, pois o espírito deve esvaziar-se de si mesmo, e então, aprende-se a amar a Deus. Olhando para a nossa vida espiritual, nem sempre se vê a verdadeira realidade do amor. Muitas vezes se pensa na oração como um dever, uma conversa interior e não como um ato de amor. Mas quando se cuida do interior, o ser humano está zelando por si, é amor próprio. A realidade do amor está no fundamento da oração, na partilha com o próximo, daquilo com o que já está pleno em si. Toda a ação, é ato de amor, toda a confiança em Deus que possuímos, deve ser direcionados àqueles necessitados que atravessarem o nosso caminho.

Teresa define a oração como um ato de amizade. Uma forma de comunicação entre as pessoas, com especial insistência na sensibilidade, na proximidade e na familiaridade. Orar é exercitar o amor a Deus. E o ponto central da oração se encontra na construção de uma relação de amizade. Sua vida cristã se compreende a partir da oração como um relacionamento com Deus.

Já para Etty, rezar é uma aventura, um despojamento, é reservar um tempo do nosso dia para a escuta interior e conectar-se a Deus. Mas é permanecer numa atitude na qual a sua vida

é tomada gradualmente pelos mistérios que a contempla. A postura da oração é fruto do diálogo livre mantido com Deus, de forma simples, pois percebia a presença d'Ele em seu interior.

Das tuas mãos, meu Deus, aceito tudo, como me ocorre. Aprendi que suportando todas as provas, podemos transformá-las em bem (...) Sempre que decidi enfrentá-las, as provas foram transformadas em bondade. Os piores sofrimentos dos homens são aqueles que eles rejeitam. Quando me encontro em um canto do campo de concentração, os pés firmados sobre a terra, os olhos elevados para o céu, às vezes tenho a face banhada de lágrimas e é esta a minha oração (HILLESUM, 2004).

A oração é indubitavelmente um dos principais elementos da vida espiritual dessa judia. É um fenômeno universal que segundo Berkenbrock e Teixeira ao citarem Abraham Heschel: “a oração mantém o mistério sempre à vista, mantendo a árvore sempre firme ao solo de sua fonte” (BERKENBROCK e TEIXEIRA, 2018, p. 9). É através da oração que o ser humano se sente protegido e próximo ao transcendente. É na experiência de meditar, rezar e contemplar, que Jesus se retirava constantemente para estar a sós com Deus.

A passagem do evangelho de Marcos nos mostra o momento em que Jesus recolhia-se para orar: “De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi rezar num lugar deserto” (Mc 1,35). Ele se alimentava da fonte da oração e ecoava fortificado a fim de anunciar o Reino de Deus. É na solidão e no silêncio que Jesus mantinha sua intimidade com Deus. O místico cristão, São João da Cruz nos deixou uma experiência da solidão presente na vida espiritual:

Em solidão vivia,
em solidão seu ninho há já construído;
e em solidão a guia,
a sós, o seu Querido,
Também na solidão, de amor ferido.⁹

Teixeira (2006) nos afirma que a especificidade no poema de São João da Cruz, trata-se de um movimento para dentro si mesmo, isto é, segundo o próprio João da Cruz, para encontrar-se com o Amado, a Alma deve recolher-se para dentro de si mesma no mais profundo

⁹Poemas de São João da Cruz. Disponível em: <http://documentosocdsigreja.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 de Jun de 2018.

silêncio, pois é no íntimo desta alma que Deus se encontra. É através desse processo solitário que descobrimos no fundo da nossa alma que a vida espiritual não se trata de uma conquista a defender, contudo de uma virtude que deve ser repartida. De modo preciso, é quando estamos sós, que Deus se manifesta mais próximo de nós.

Destaca Pereira (2014), rezar em silêncio é rezar com a pureza e lágrimas de coração. O coração para ele é considerado o “santuário interior”, “centro do ser” em que Deus se faz presente como fonte desse próprio ser e como fonte da vida. A oração tem como função estabelecer um elo pessoal com Deus. Unida com a fé através de Deus com o homem, a oração proporciona benefícios como libertação dos medos e cura interior.

Etty Hillesum através do recolhimento, da solidão e da oração, buscava em Deus forças para enfrentar a tragédia da realidade em que vivia. Em 18 de maio de 1942 diz:

As ameaças exteriores aumentam cada vez mais, o terror cresce com o passar dos dias. Eu uso a oração como um escuro muro protector, na oração retiro-me como se estivesse na cela de um convento e, depois, saio cá pra fora, mais “una” e fortalecida e mais completa. Recolher-me na cela fechada da oração torna-se para mim uma realidade cada vez maior e também uma necessidade. Esta concentração interior ergue muros altos em meu redor, dentro dos quais novamente me reencontro, formo um todo, fora do alcance de todas as dispersões (DEP, p.183-184).

Enfrentava tudo e tentava compreender e analisar toda a desgraça ocorrida. Não se refugiava da realidade e encarava o mundo diante dos olhos de Deus. Repousava nos braços nus da vida e ali sentia-se protegida, abandonada em si mesma como se esses braços macios a envolvesse de modo muito protetor. Nos braços de Deus ela se liberta das suas próprias inseguranças e dizia que a causa do sofrimento do povo é a falta de preparo interior, que os fazem desistir antes mesmo de pisar num campo. Ela observava o ódio que vinha do povo judeu e procurou trilhar outro caminho, o da oração e da paciência. Em 20 de julho de 1942 descreve:

Meu Deus, esta época é demasiado dura para gente frágil como eu. Sei igualmente que, a seguir esta, outra era virá que será humanista. Gostava tanto de continuar a viver para transmitir na nova era toda a humanidade que guardo dentro de mim, apesar de tudo aquilo com que convivo diariamente. Essa é também a única coisa que podemos fazer para preparar a nova era: prepará-la já dentro de nós. E num certo sentido, estou muito ligeira por dentro, absolutamente sem nenhuma amargura e sinto enormes forças e amor em mim. Gostava tanto de continuar a viver para ajudar a preparar o novo tempo que há-de vir de certeza — não o sinto eu já crescer em mim todos os dias? (DEP, p, 263)

Etty é uma mulher forte que através da oração mantinha-se firme, fiel a Deus e aceitava tudo o que estava por vir, pois acreditava na vida e sentia-se feliz. E num momento profundo de encontro com o divino, orava: “ajoelhada no tapete rijo de fibras de coco na casa de banho e as lágrimas corriam-me pelo rosto. E creio que essa oração me deu forças para o dia inteiro”. (DEP, p. 263).

O único gesto de dignidade era ajoelhar-se diante de Deus, pois esse gesto amenizava suas dores e a emanava uma intensa calma interior. Através da prática da oração, Deus renovava suas forças e há momentos em que se sentia como um passarinho escondido numa grande mão protetora (DEP, p. 275). Hillesum era como um pássaro que voava em todos os arredores sem impedimentos.

O céu vivia dentro da sua alma, “tudo vive dentro de mim” (DEP, p. 282), e todo sofrimento se transformava em algo bonito e aceitava tudo o que viesse das mãos de Deus, já que tudo de bom e de belo era viver no seu mundo (DEP, p. 282). Um dia escreve:

O meu coração voará sempre para ti como um pássaro livre; parta ele de que lugar deste mundo partir, ele há-de encontrar-te sempre[...]. Durante a minha vida tornas-te de tal maneira um pedaço de céu cobrindo-me numa abóboda, que me basta levantar os olhos ao céu para estar contigo. E mesmo que eu tivesse numa masmorra, esse pedaço de céu estaria distendido dentro de mim e o meu coração haveria de voar como um pássaro livre para esse céu e por isso é tudo tão simples, sabes, tudo é extremamente simples e belo e pleno de sentido (DEP, p. 283).

Possuidora de uma grande força interior, a qual esteve presente nos momentos mais difíceis e dolorosos de sua vida, principalmente diante da doença de Julius Spier, Etty afirmava que seu amor por Julius era infinito e sua alma amava a dele com tamanha infinidade: “[...] levaste-me pelo teu caminho e partilho contigo em plenitude cada momento da tua vida. Estou sempre contigo e perto de ti, e mesmo que nos separem um dia, continuarei a percorrer contigo o mesmo caminho até ao fim” (CEP, p. 46).

O hábito constante de orar e sentir a forte presença de um Ser Absoluto dentro de si a fez suportar a morte de Spier, aquele homem o qual foi o intermediário entre ela e Deus morreu em Amsterdã, vítima de uma doença nos pulmões. Etty dizia a sua amiga Tide na circunstância da morte de Julius que: “este sofrimento foi-lhe imposto por Deus” (DEP, p. 284). Hillesum sentia-se agradecida por Deus ter liberto seu amante de todo o sofrimento e sentia-se após a sua

morte, grata por ele ter feito parte da sua vida, pois naquele momento sua tristeza não era maior que toda gratidão a Deus (CEP, p. 45). Assim dizia:

O meu amigo morreu; recebi a notícia há umas horas. Desde que o vira, na semana passada, que rezava continuamente, pedindo que ele fosse liberto do seu sofrimento enquanto eu ainda estava em licença. E agora que isso aconteceu realmente, estou muito grata, E, acima de tudo, o sentimento de gratidão por ele ter feito parte da minha vida será sempre maior do que o de tristeza por já não se encontrar aqui, fisicamente (CEP, p. 51).

A dor foi também companheira dessa judia durante o tempo em que esteve no campo de concentração e em uma de suas cartas escritas no campo de Westerbork, relata a sua amiga Maria: “Ficamos marcados pelo sofrimento para uma vida inteira. E, ainda assim, a vida, na sua irracional profundidade, é tão maravilhosamente boa, Maria” (CEP, p. 234).

Para Michaeldavide (2016), Etty era uma mulher só, porém sua vida era semelhante a uma árvore cujas raízes se afundam na solidão e cujos frutos se derramam na comunhão. A seiva desta árvore é precisamente a oração. A oração para ela é estar na presença de Deus, de si própria e do mundo que a cerca de forma cada vez mais equilibrada e de pleno respeito, até mesmo pelo mal e pelo inimigo.

Procurava somente estar presente e entregar a sua alma a Deus. Temos uma linda oração escrita pelo místico Charles de Foucauld na qual retrata essa belíssima atitude de Hillesum: a entrega total a Deus.

Meu Pai, eu me entrego em tuas mãos; seja o que for que fazes comigo, eu te agradeço. Estou pronto para tudo, aceito tudo. Se apenas tua vontade se cumpre em mim e em todas as tuas criaturas, não anseio mais nada, meu Deus. Em tuas mãos entrego minha alma. Eu dou a ti, meu Deus com todo o amor do meu coração, porque eu te amo e porque esse amor me compele a me entregar a ti, sem medida, em confiança. Pois tu és o meu Pai (SIX, 2008, p. 54).

Assim como escreve Foucauld, em sua linda oração, essa jovem mulher também lutava contra as suas emoções, os seus sentimentos, procurava viver de forma cada vez mais ligeira, sempre em busca de alguém em quem pudesse se agarrar e encontrar abrigo e confiança.

Ajoelhava-se diante de Deus e sentia-se como se estivesse ao lado de todos os seus companheiros de caminhada. A oração tornou-se um hábito, ou seja, uma maneira de estar presente e estar no mundo. Embora discreta, sua oração era muito profunda. Orava com as mãos

unidas e joelhos dobrados. As mãos unidas recordavam um gesto antigo de atar ou amarrar as mãos, essa postura representava toda a sua necessidade, não só a libertação de suas inseguranças, mas também uma maneira de sustentar os seus companheiros de caminhada, ajudando-os e protegendo-os de todo o medo. Essa postura também lhe ajudava a se concentrar mais em Deus. O carinho com as mãos também tinha forte presença nas reflexões de Rilke:

Deve-se atravessar a noite com as mãos vazias e abertas, mãos que a acompanharão voluntariamente toda a jornada. E só depois pode-se então repousar. E naquelas mãos repousadas e vazias, que nada quiseram reter, e nas quais não habita desejo algum, cada um de nós, ao despertar, acolher um novo dia (DEI, p. 619).

A representação das mãos unidas traz também uma sensação de paz, é um sinal de tranquilidade e faz a mente se acalmar. O mesmo acontece quando ela ajoelhava para orar_ que não é uma postura da tradição judaica —. Pôr-se de joelhos, ou cair de joelhos é, também, o que nos ensina São Paulo: “Por isso eu dobro os joelhos diante do Pai”, e orou para que “ele os fortaleça com poder, por meio do seu Espírito” (Ef:3, 14-16), joelhos dobrados e as mãos postas, podia sentir mais nitidamente a presença de Deus no mais profundo de sua alma, e mostrava a sua total reverência a Ele.

Assim dizia: “Há-de haver sempre uma nesga de céu visível em alguma parte e tanto espaço em meu redor, que as minhas mãos sempre se poderão juntar em oração” (DEP. p. 256). Joelhos dobrados, é uma espécie de reverência aceita por Deus que facilita a oração e a comunhão com Ele, uma vez que o espírito também esteja dobrado.

Ajoelhar para ela significa um ato mais íntimo do que sua vida sexual e amorosa. E essa postura é sinal de total entrega a um mistério que vai se apoderando de sua pessoa de forma sedutora. Ajoelhar-se é sinal de abandono, de seu desamparo e desabrigo, de seu consentimento e de sua adesão naquilo que brota nela, ou seja, o encontro com Deus. “É preciso que me encolha a um canto no chão, e assim, encolhida, escute o que se passa dentro de mim” (DEP, p. 115). Etty meditava e contemplava a beleza do mundo criado por Deus, uma experiência fascinante para ela. E escreve em seu diário:

Ontem à noite, pouco antes de me ir deitar, dei por mim de repente ajoelhada na alcatifa, no meio desta sala grande, por entre as cadeiras de metal. Assim sem mais nem menos. Puxada para o chão por algo mais forte do que eu. Há algum tempo atrás, tinha dito para mim mesma: “Vou exercitar-me a ajoelhar”. Ainda tinha demasiada vergonha desse gesto que é tão íntimo como

os gestos amorosos, acerca dos quais ninguém consegue falar a não ser que seja um poeta (DEP, p. 155).

Ela tinha a consciência de poder rezar em qualquer lugar, atrás de uma cerca de arame farpado ou em um quarto em Amsterdã. À medida que crescia espiritualmente, ela tinha o desejo de ajoelhar-se interiormente, uma postura que ela passou a assumir ininterruptamente.

Quando passava por dias difíceis, seu consolo era ajoelhar-se e rezar. Assim escreve em 10 de outubro de 1942:

Eu acredito que posso suportar e aceitar tudo nesta vida e desta vez. E quando a tempestade for muito forte e eu não souber como sair dela, sempre terei duas mãos juntas e meu joelho dobrado. É um gesto que nós judeus não temos passado de geração em geração. Eu tive que aprender na fadiga. É a mais preciosa herança que recebi do homem cujo nome já esqueci, mas cuja melhor parte continua a viver em mim (DEI, p. 793-794).

Essa judia promete em suas orações, cuidar de Deus e guardá-lo dentro de si mesma. A oração para Hillesum é uma leal forma de repousar em si mesma a fim de aflorar a “Eu mesma”, a parte mais profunda e rica de mim em que eu descanso, eu chamo “Deus” (DEI, p. 756), nasce uma espécie de autoridade moral que se desprende sobre os outros até permitir dar a vida e que ecoa de forma radiante nas seguintes palavras:

Afinal de contas, nosso único dever moral é o de cavar em nós mesmos, vastas áreas de tranquilidade, de maior tranquilidade, desde que você saiba como irradiá-la até mesmo para os outros. E quanto mais paz houver nas pessoas, mais paz haverá neste mundo conturbado (DEI, p. 778).

No meio do holocausto, Etty orava incessantemente:

Deus meu, fizeste-me tão rica, deixe-me, por favor, partilhar generosamente essa riqueza. A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo. Quando eu estou em algum canto do campo, de pés plantados na Tua terra, os meus olhos levantados para Teu céu, há alturas em que me correm lágrimas pelas faces, brotadas de uma comoção e gratidão interiores, que procuram uma saída. Do mesmo modo, à noite, quando estou deitada e descanso em Ti, meu Deus, lágrimas de gratidão correm-me, por vezes, pelo rosto, e isso é, também, a minha prece (CEP, p. 200).

A oração faz essa jovem avançar no seu caminho espiritual, não reza por dever ou porque alguém a ensinara, reza porque sua oração e a sua intercessão são frutos de um amor que se aprende a aceitar, a conhecer, a construir. Para ela, orar é estar em comunhão com o próximo, tanto com um amigo como para um inimigo e com isso tudo na sua vida se forma de um modo totalmente natural. E assim:

Quando rezo, nunca rezo por mim mesma, rezo sempre pelos outros [...]. Também me parece infantil rezar para que outra pessoa esteja bem: por outra pessoa só se pode rezar pedindo que consiga suportar as dificuldades da vida. E quando se reza por alguém, envia-lhe um pouco da nossa própria força (DEI, p. 721-722).

A oração concebe uma verdadeira comunhão de forças, um momento que Hillesum partilha com seu povo um tempo difícil e em uma de suas cartas escreve: “Reza um bocadinho por nós” (CEI, p. 82 e 84).

Etty pedia para poder comungar da vida com a dor do próximo, para que buscasse forças e coragem. Tudo isso se concretiza a partir de quando a oração se torna difícil no trágico momento do campo a caminho da morte em Auschwitz: “as minhas orações não são como deveriam. Eu também sei que é necessário rezar pelos outros, para que encontrem a força necessária para suportar tudo” (CEI, p. 722).

Essa jovem e forte mulher vivia para proteger e acolher o seu povo. Encontrou - ou terá encontrado - uma maneira de partilhar a vida no campo de Westerbork com aqueles que passavam por grande desgraça e sofrimento. Através de sua força e da presença divina em seu interior.

2.2 ETTY HILLESUM: A FORÇA DA EXISTÊNCIA NUM CAMINHO DE PAZ INTERIOR.

Etty vivia um drama em solidariedade com o seu povo judeu. Lutava diariamente contra a morte que sempre a ameaçava, conforme perspectivas físicas, psicológicas e espirituais. Enfrentou o inimigo dentro de si e descobriu um caminho novo: o da paz.

A bonita experiência de seu amor por Julius Spier e por Deus, a fortaleceu em meio às limitações impostas aos judeus pelos nazistas na Holanda. Hillesum estava convencida de não abandonar àqueles que se encontravam em perigo e ser um bálsamo para as feridas deles. Nega-se a prender-se na infelicidade, na melancolia e no desânimo consigo mesma e com os outros.

Desde o seu primeiro encontro com Spier, um pouco de paz e de ordem começou a habitar Etty, pois com a ajuda de seu amante, ela começou a conduzir um caminho de acolhimento e de abandono muito gradativo. Aquele que ela chamará de Deus. E em todas as manhãs meditava a fim de buscar a paz interior.

Acho que vou fazer assim: todas as manhãs, antes de me entregar ao trabalho, vou “voltar-me para meu interior”, permanecer uma meia hora à escuta de mim mesma. Entrar em mim mesma”. Eu podia dizer assim: meditar. Mas a palavra me apavora um pouco. Sim, por que não? Uma meia hora de paz consigo mesmo. De manhã, no banheiro, a gente movimentava bastante braços, pernas e outros músculos; mas isto não basta. O ser humano é corpo e espírito. Uma meia hora de ginástica e uma meia hora de “meditação” de concentração para um” podem fornecer uma boa base dia inteiro. Mas “uma hora de paz” não é simples. É preciso aprender (DEP, p. 35).

Etty precisava recolher-se, voltar-se para si mesma, num momento de silêncio, solidão, refletir sobre tudo que estava acontecendo com seu povo e consigo mesma. Seu olhar era direcionado àqueles desregrados, a outros milhões de seres humanos, massacrados pela temeridade e covardia. Contudo, pelo seu espírito iluminado, contemplava a verdade, compreendia que o ser humano é o responsável por toda a tragédia e pela maneira que traem os dons de Deus. Ela olha a vida de frente e é convicta de que se deve aceitar as coisas como elas são.

Começa a transformar o mundo a partir de si, estando convicta de que, de forma resplandecente, a mudança exterior só é possível se tivermos disponibilidade dentro de nós mesmos. “Nunca são as coisas externas, é sempre essa sensação cá por dentro, depressão, incerteza ou o que quer que seja, que dá as coisas exteriores uma aparência triste ou ameaçadora. Em mim, as coisas funcionam sempre de dentro para fora” (DEP, p. 195).

O caminho para o conhecimento próprio se traduz numa busca existencial e espiritual, para avançar nessa direção é preciso ir deixando pelo caminho nossas imperfeições, pois nossas imperfeições nos ajudam a ter medo; quando as resolvemos nos ajuda a ter coragem.

Esta mulher judia jovem, inteligente, bonita e brilhante é capaz de fazer a passagem dos prazeres imediatos da vida aos maiores sacrifícios por causa do amor e da solidariedade que sentia para com seu povo. E fazer isto com alegria, gratidão e uma profunda e espiritual consciência, sem o menor laivo de amargura, capaz de ver beleza na desolação mortal do campo, indo para Auschwitz cantando com sua família e apreciando em meio ao horror do campo os elementos da natureza, a água que corre, o aroma das flores. E sentir-

se rica e agraciada, mesmo sendo obrigada a enfrentar e suportar uma morte certa e injusta.¹⁰

Considerada uma jovem forte e determinada, ela dizia que se o mundo não mudar primeiro dentro de nós, jamais mudará fora de nós. Sendo assim, destacamos ser no íntimo da pessoa que partirá o ímpeto para que obtenha sucesso em suas buscas, é através da profundidade humana, do coração, que nasce o amor, é nele que abriga a essência do ser capaz de refletir no mundo exterior toda a solidariedade e gratidão do homem.

Se implorarmos exclusivamente para as externalidades não obteremos resultados em nossas ações, já que a pessoa foca o seu olhar apenas na realidade externa, somente o Eu interior pode fornecer critérios, para que a procura seja autêntica e verdadeira.

Cada indivíduo precisa encontrar dentro de si mesmo o fio condutor que lhe oriente em suas buscas. Para que ele possa renascer dentro dele mesmo, deve primeiro identificar a sua intuição, o seu eu verdadeiro, para que disponha da autonomia necessária a fim de encontrar o seu caminho, que depende da sua sensibilidade espiritual. Para estar em paz com os seus semelhantes o ser humano deve primeiramente estar em paz consigo mesmo, vivendo com serenidade. Para Hillesum:

A vida é muito engraçada e surpreendente e tão infinitamente matizada, e a curva do caminho surge repentinamente uma nova paisagem completamente diferente. A maior parte das pessoas tem na cabeça ideias feitas acerca desta vida, uma pessoa precisa de se libertar interiormente de tudo, de cada ideia fossilizada, de divisas, de cada vínculo, uma pessoa precisa de possuir a coragem de largar tudo, cada norma e cada ponto de segurança, uma pessoa deve ousar dar o grande salto no cosmos e em seguida, em seguida a vida torna-se infinitamente rica e abundante, até mesmo no mais profundo sofrimento (DEP, p.240).

Hillesum tinha a sede do Absoluto e um olhar divergente diante da vida e de todos os acontecimentos, pois podia adquirir a liberdade diante de tudo o que estava transcorrendo naquele momento; a guerra e o sofrimento junto a seu povo. E esta postura é fruto do diálogo ininterrupto que ela mantinha com Deus, de forma simples, pois percebia a presença d'Ele em seu interior.

¹⁰ BINGEMER, M. C. Um lírio que floriu no arame farpado. Cf.: <http://www.teologiahoj.com/other-languages/um-lirio-que-floriu-no-arame-farpado>.

Das tuas mãos, meu Deus, aceito tudo, como me ocorre. Aprendi que suportando todas as provas, podemos transformá-las em bem (...) Sempre que decidi enfrentá-las, as provas foram transformadas em bondade. Os piores sofrimentos dos homens são aqueles que eles rejeitam. Quando me encontro em um canto do campo de concentração, os pés firmados sobre a terra, os olhos elevados para o céu, às vezes tenho a face banhada de lágrimas e é esta a minha oração (HILLESUM, 2004).

Hillesum trilhou um difícil caminho interior de autoconhecimento, nele habitava suas frustrações, emoções e contradições e a partir dessas dificuldades, descobriu que a solução de todos os problemas humanos está em si mesmo. Baseado em seus escritos, concluímos que através desse caminho, o ser humano deve procurar a paz de espírito: na sua vontade interior, em harmonia com a voz da consciência. Etty dizia que temos tudo dentro de nós, Deus e o céu e o inferno, a terra e a vida, a morte e os séculos. Relata em seus escritos que cada um de nós, deve recolher e destruir em si mesmo tudo quanto acha que deve destruir nos outros.

Para ela, a paz constrói-se na profundidade da alma. Quem deseja a paz interior, deve antes, construir a paz consigo mesmo. Quando se encontra essa paz na alma, conseguiremos enfrentar as adversidades, compreendemos o medo e aceitamos com mais naturalidade aquilo que vem de fora.

A verdadeira paz só é encontrada quando o homem retira de si todo ódio contra o próximo, seja qual for seu povo e sua raça e transformá-lo em amor.

Conforme Etty, mesmo no inferno de um campo de concentração, podemos viver as nossas divergências, agir sobre nossa singularidade, a fim de fazer nascer novos pensamentos. “Quem me dera poder transmitir aos tempos futuros toda a humanidade que tenho em mim mesma, apesar das experiências quotidianas. A única maneira que temos para preparar estes tempos novos é de prepará-los desde já dentro de nós” (DEI, p. 179).

Esses novos tempos cresciam dentro de si e descia no mais profundo de sua alma, fazendo-a se livrar de toda a superficialidade e encontrar a verdadeira paz. E é nesse mergulhar nas profundezas da alma que essa rapariga encontra Deus: “Este mim mesma, a parte mais profunda e mais rica de mim na qual encontro descanso, eu chamo-a de Deus” (DEI, p. 201). Isso nos faz lembrar Santo Agostinho: “Fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso” (SANTO AGOSTINHO, 2007, p. 2).

Hillesum ensina que, nos momentos de desordem, temos que olhar para dentro de nós, encontrar a paz interior, esquecer o ego e voltar-se a Deus que é fonte de amor. Interiormente sentia paz e liberdade. Em trechos de seu diário, profere: “retirava-me para o canto mais

sossegado da casa e recolhia-me em mim mesma e reunia no corpo e na alma energias vindas de todos os quadrantes” (DEP, p. 246).

Essa jovem criava dentro de si uma vasta planície, livre das turbulências que servem de obstáculos em nosso caminho. Deixava brotar um pouco de Deus e um pouco de Amor em si, não um amor supérfluo, considerado mais do que essencial, contudo um amor que se possa praticar em nosso cotidiano, como um simples gesto de doação ao outro, da hospitalidade e da acolhida perante àqueles que tanto sofrem com a devastação e o extermínio humano.

Dizia que era neste mundo que ela devia encontrar com clareza, a paz e o equilíbrio, lançar-se à realidade, confrontar-se com tudo o que encontrasse em seu caminho, acolher e nutrir o mundo externo com o seu mundo interno e vice-versa.

Vimos que para ela, entrar em si mesma é uma decisão que provoca eficiência de determinação, energia e iniciativa, esvaziar-se de si mesma é uma tarefa difícil num tempo sombrio, contudo, convertia toda a sua força em diálogos interiores com Deus e, por conseguinte, sua riqueza interior ia crescendo a cada dia.

Agracia imensamente a Ele por toda tranquilidade e paz interior: “Agradeço-te Senhor. No meu reino interior reinam a paz e o sossego” (DEP, p. 167). A oração transformará todo o seu existir, conseqüentemente marcado pela busca, intermitente do amor pelos homens. Desejava: “Eu gostaria de viver como os lírios do campo” (DEI, p. 766).

Considerada uma jovem moderna, aventureira e emocionalmente contraditória para uma mulher do seu tempo, revolucionária para uma época muito conservadora, por intermédio do seu amante Spier, iniciou caminhos que estimulavam uma necessidade de encontrar a si mesma, desvendar o mistério da sua existência – começando pela psicoterapia e depois pela descoberta de Deus.

Segundo Wanda Tommasi¹¹, Etty traz para nós uma santidade profana, uma santidade secular, fora dos parâmetros tradicionais das outras místicas. É considerada uma mulher comum, teve dois amantes e sofreu um aborto ao longo de sua trajetória, isto é, ela viveu sua secularidade na sua pluralidade, situação não muito comum nos santos.

Temos aí uma santidade particular, que nos mostra uma mística que está vivendo o jeito comum de cada ser humano; suas angústias, seus medos, seus desafios, suas alegrias e suas esperanças.

¹¹ Professora associada de história da filosofia no Departamento de Ciências Humanas na Universidade de Verona, na Itália. Por muitos anos vem pesquisando o horizonte da diferença sexual. Sua intenção também é aumentar a contribuição de pensadoras mulheres, especialmente no contexto contemporâneo.

A transição de si para Deus fez essa judia perceber algumas complexibilidades, contradições e a fez superar diversos conflitos em sua vida, sem deixar-se roubar a paz por tudo o que acontece à sua volta. Superou o medo do sofrimento e investia na beleza interior, em vez de se preocupar tanto com a desordem externa. Ela sente um desejo indômito de comunicar seu segredo aos outros. Aos 29 de setembro de 1942 relata em seu Diário toda a sua força interior:

Se ao menos pudéssemos fazer as pessoas entenderem que podemos "trabalhar" para alcançar a paz interior, e começar a ser produtivo e confiante em nós mesmos, apesar dos medos e vícios que circulam. Que podemos nos construir para nos ajoelharmos no canto mais remoto e quieto do nosso ser, e ficar lá até que nos deitemos em nada além de um céu puríssimo (DEI, p. 778).

Etty era uma mulher benevolente, por isso compreendeu a necessidade de se perdoar e de se amar. Em 12 de julho de 1942, relata que: “Primeiro você tem que perdoar a si mesmo as más qualidades, se você quer perdoar aos outros. Isso pode ser a coisa mais difícil que uma pessoa tem que aprender” (DEI, p. 713).

Conforme seu pensamento, para conviver com a humanidade é preciso aprender todas as suas boas e más qualidades. É necessário primeiramente o auto perdão para enfim perdoar aos outros e ter a consciência de que para seguir em frente no seu caminho, é preciso ter a convicção da paz interior, essa paz, dava-lhe forças para enfrentar a luta consigo mesma. Sendo assim, Hillesum tornou-se forte diante daquela catástrofe nazista.

Conquistou sua liberdade, pois Deus fazia morada em sua alma e toda essa força permitiu-lhe discernir a dor real, do imaginado. Tinha a convicção e o poder em dizer que o sofrimento pode transformar a vida em algo valioso. Assim escreve:

Creio que é justamente o medo que as pessoas têm de se esforçarem demais que lhes retira as suas melhores forças. Quando uma pessoa, ao fim de um processo longo e difícil que prossegue diariamente, atingiu as fontes primárias dentro de si, a que eu agora desejo chamar Deus, e quando uma pessoa trata de manter esse caminho até Deus aberto e livre de obstáculos — o que acontece “trabalhando a si própria” —, essa pessoa renova-se na fonte e então não necessita de ter medo de oferecer forças a mais (DEP, p. 310).

Tornou-se uma mulher madura e segura de si. Vivia sem rédeas e vencida sua fragilidade através do domínio de si própria segurando a fúria do nazismo e do Shoa. Agradecia imensamente a Deus, seu hóspede interior, por toda aquela força que vinha de seu mundo interno e cada vez se tornava mais forte e fundamental para a sua existência.

O espaço interior consegue acolher cada vez mais, e as diversas contradições não subtraem a vida umas às outras e não obstaculizam mutuamente (...) ousou dizer com uma certa convicção: no meu reino interior domina a paz porque é regido por uma poderosa autoridade central (DEI, p. 335).

Em alguns momentos de sua vida, sentia um certo desânimo, mas rapidamente tinha superado graças ao seu enraizamento interno. Dizia que não devemos deixar que a memória de Deus seja rastejada pelo mal e devemos ajudar a esse Deus a sobreviver à catástrofe da desumanização.

Mesmo diante da dor, torna-se uma mulher completa que enfrenta os momentos tenebrosos da desolação humana nazi. O encontro com Spier, fez com que ela compreendesse o seu “eu interior” que indica um caminho libertador da sua própria consciência.

Em frente, então! É um momento doloroso, quase intransponível. Devo confiar o meu espírito reprimido a uma estúpida folha de papel de linhas. Às vezes os pensamentos são tão claros e límpidos na minha cabeça, os sentimentos tão profundos, e no entanto, não consigo escrevê-los. Deve ser por causa da vergonha. Sinto-me muito desajeitada, não tenho a coragem de mostrar as coisas deixando-as fluir livremente para fora de mim. Mas será necessário se quero orientar a minha vida para um fim sensato e satisfatório (DEI, p. 30).

Essa timidez e bloqueio foram colocados no mais profundo, do qual o papel dobrado pela sua escrita é capaz de a libertar. Num ponto de vista intelectual, era capaz de expressar todas as coisas com clareza. Sentia-se superior quando se tratava de problemas da vida.

Entretanto, no seu interior encontrava-se aprisionada a um novelo embaraçado e, ainda que tivesse um pensamento reluzente, por vezes achava-se uma pobre mulher cheia de medos.

Devo estar atenta a manter-me em contato com este caderno, quer dizer comigo mesma. Caso contrário poderia correr mal, poderia perder-me em cada momento, mesmo agora sinto-me um pouco assim, mas talvez seja somente cansaço (DEI, p. 82).

Etty passava para uma vida mais consciente: ao mesmo tempo re-estruturada e aprimorada que diante do olhar para Deus ganhava liberdade interior. Com sua experiência no campo de concentração, sua essência tornou-se mais forte e precisa. Para ela, em meio ao medo não havia porque desesperar.

Com paciência e perseverança poderia encontrar o caminho, pois a paz só se alcançaria com a mudança da vida. Dizia que a maldade dos outros também está dentro de nós e não acreditava que se podia melhorar alguma coisa no mundo a partir de fora.

Sabia ser, amar, brilhar; espalhar a alegria profunda, superando todos os obstáculos, irradiando beleza e bondade. Foi capaz de viver imensamente suas experiências através de uma serenidade ampla e profunda. Hillesum dizia, um ano antes de sua morte, que quando temos uma vida interior resplandecente, não importa o lado da cerca da prisão em que estamos. Apesar de toda a tragédia presenciada, para ela, a vida é rica e cheia de significado.

Irradiava luz a partir de dentro e não deixava ser dominada pelas ameaças que vinham de fora. Mesmo diante de todo sofrimento exterior dizia: “meu Deus: que é bom e belo viver no teu mundo, apesar de tudo o que nós humanos fazemos uns aos outros” (DEP, p. 282). Em seus escritos permanecia sempre em contato consigo mesma, não permitindo ser influenciada pelas circunstâncias em que vivia.

Etty tinha dentro de si uma porção da eternidade e buscava a força da sua existência e a paz interior. Buscava a Deus em todo o momento e pedia humildemente por essa paz. Em 02 de outubro de 1942, escreve: “Meu Deus, concede-me a grande e potente paz da Tua natureza. Se quiseres faze-me sofrer, concede-me a grande e plena dor, não as milhares e pequenas preocupações que se consomem completamente. Dá-me a paz e a fidelidade” (DEI, p. 786).

Praticava o exercício interior e constantemente higienizava a sua alma, buscava a paz através da oração e num momento de muita dor e sofrimento.

Quanto mais difícil se tornava sua situação no campo de concentração em Westerbork, mais a oração se tornava significativa em sua vida e através dela, encontrava a força necessária para manter acesa a sua resistência contra a dor e a perseguição.

Sua transfiguração ocorreu primeiro em sua própria personalidade. Aquela jovem confusa, emocionalmente transtornada e sexualmente conturbada, sentia-se renovada após ter atravessado um processo interior desestruturado. Buscava-se a cada dia sua integridade, libertando-se do medo e descobrindo-se uma mulher cada vez mais forte e segura de si. “Há realmente coisas que, em mim, encontram a sua forma. Uma forma cada vez mais delineada, concentrada e tangível” (DEI, p. 402). Assim em 11 de janeiro de 1942 escreve:

um ano atrás eu era realmente uma doente, com meu sistema de duas horas e meu meio quilo de aspirinas por mês, foi uma situação assustadora. Hoje estive a folhear de novo algumas páginas deste rabisco. Para mim tornaram-se verdadeiramente “literatura antiga” e os problemas que eu tive então parecem tão distantes para mim (DEI, p.338).

A imagem que ela encontra para descrever seu interior diz respeito a sua relação com o tempo. Ora revivia perdendo-se nos traumas do seu passado, ora desvanecia nas fantasias de um futuro desconhecido, porém gradualmente o presente foi-se respondendo cada vez mais como o seu lugar, um lugar no qual aprendeu a ser absoluta.

Após reconciliar-se consigo e com o tempo, Etty inicia-se numa nova busca, agora com o árduo e perturbado contexto histórico em que lhe é dado a viver: — o holocausto —. Dizia não se sentir incomodada com os medos e nem ficar amargurada. Trabalha e vive com a convicção de que a vida é cheia de sentido, apesar de tudo. O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as perseguições e os horrores, tudo nela é como se fosse uma unidade e aceita tudo como uma forte unidade.

Esse sentimento de forte unidade surge constantemente ao longo do seu Diário e a levará a aceitar tudo, até a própria morte. Dizia então: “por excluirmos a morte da vida, não vivemos uma vida completa, e ao acolhermos a morte dentro da vida, ela fica mais rica e mais ampla” (DEI, p. 351).

2.3 O BUSCAR DEUS NO SILÊNCIO E NA PROFUNDIDADE

O mundo interior é criado a partir do mundo externo, não entra como um todo, mas em fragmentos, por isso não é uma opção de completude, mas uma síntese que depende do modo como for realizado internamente. O homem para se tornar completo, deve se conectar com o mundo exterior e fazer uma alto-reflexão interiormente. Etty fazia desse modo, procurava manter-se em silêncio, voltar-se para dentro de si mesma e manter o contato direto com Deus. Buscava ininterruptamente o mundo interior, evidenciando a importância de um retorno ao cultivo da interioridade como fundamento de uma formação que desenvolva a sensibilidade e a espiritualidade.

As inquietações relativas à marca do seu tempo levaram essa judia a meditar sobre o mundo interior. Apreciar a beleza da profundidade da alma, explorar suas riquezas, trazer para o mundo exterior suas ideias, seu conhecimento adquirido através da autoanálise, do diálogo consigo mesma e com Deus. Sua relação com o Divino dá lugar ao amor próprio e ao amor aos outros. A importância do despojamento e do desapego de tudo era essencial para avançar no caminho da interioridade, mas avançar com humildade.

A fé torna-se o alimento do espírito, a sua vida interior florescia e crescia. A partir da intensidade de sua vida espiritual, percebe a riqueza de sua alma. Em 10 de outubro de 1942, foi registrada em cartório, porém a alma apresenta uma idade que diferencia desta: “Pode-se nascer com uma alma de mil anos de idade” (DEI, p. 794), isto é, possuir uma visão de vida muito diferente e mais amadurecida, aprender muitas lições através de seus próprios processos de pensamentos, possuir muito conhecimento sobre diversas situações da vida, devido a capacidade de silêncio e de atenta observação do que se passa ao redor.

Segundo Bingemer (2011), a dicotomia “mundo interior/mundo exterior” parece totalmente estranha e longínqua para esta mulher conhecedora da realidade em que vive, sobretudo a que a espera e a toma sobre si com amor e plena alegria. Sua experiência de Deus é livre, a partir do momento em que descobre estar habitada pelo Absoluto e pelo Infinito.

À medida que se aprofunda em sua vida interior, Etty conquista sua liberdade, a fé, a esperança e o amor se fortificam nela. Hillesum descobre não haver separação entre ela e Deus como não há uma dissidência entre corpo e alma, isto é, corpo e espírito são inseparáveis, ou melhor, o corpo é apenas a parte tangível, visível e temporal do homem, o espírito é o princípio ativo de nossa vida espiritual, religiosa e imortal. É o elemento de comunicação entre Deus e o homem.

Em trechos do seu Diário e de suas Cartas, evidencia-se o grande mistério de uma alma que está interligada à sua interioridade, através desse contato com o seu interior e também com o seu corpo. Etty transmuta o seu amor em ágape, o amor que se doa, o amor incondicional, o amor que se entrega. Aquele tipo de amor que não busca seus próprios interesses, é um amor desinteressado, puro e genuíno. Será esse amor vivido até as últimas entranhas do seu corpo que ela derramará sobre os seus irmãos deportados de Westerbork e Auschwitz até a sua morte.

Mulher sensível no plano sentimental, através de um caminho lento e longo experimenta a presença de um ser transcendente em que dizia ser a parte mais profunda dela mesma, a que chama Deus. Um Deus que será capaz de transformar de forma radical a vida dessa judia e foi cada vez mais conquistando o coração dessa jovem até se tornar o princípio e toda a sua existência. Etty torna-se cada vez mais consciente de que Deus para ela é um hóspede íntimo e amado. Deus é um princípio de ordem, uma espécie de pretensão divina.

E eis-me aí, com a minha “obstipação espiritual”. E ele teria posto ordem no meu caos interior, teria vencido as forças contraditórias que atuam em mim. [...] De repente comecei a viver de modo mais livre e “fluida”, aquela sensação de “obstipação” desapareceu, na minha alma há um pouco mais de ordem e um pouco mais de paz: de momento ainda sinto a influência de sua

personalidade mágica a produzir este efeito, mas, no futuro, formar-se-à uma base na minha psique, será um processo consciente (DEI, p. 33-34).

Deseja constantemente escutá-Lo e sua presença em seu interior é capaz de reconstruir a sua vida, dando sentido a mesma. Para ela, Deus não está presente no exterior, Ele é como nosso próprio ser. Essa mulher buscava enraizar-se em cada coração humano, ajudando os seus irmãos naquele momento de turbulência e sombria guerra.

O caminho escolhido para estar próximo de Deus era sempre o mesmo, o da oração. Sua maior necessidade era orar a sós com o Divino. Recolher-se para dentro significava para ela uma realidade cada vez maior e também uma necessidade. Esse voltar-se para si mesma e para seu interior, erguia muros altos e protetores ao seu redor, dentro dos quais se re-encontrava e se recompunha de todas as dispersões do mundo exterior.

O exercício de meditação e de práticas respiratórias, trazem ao coração desta jovem um profundo sentimento de paz interior, como quem habita nos braços de Deus. “Esta manhã eu tenho que conquistar essa alegria interior sobre um coração inquieto e palpitante” (DEI, p. 78).

Esse processo precisa de treinamento e isso requer um exercício profundo de aprendizado e escuta, Etty diz para si mesma que deve prestar a maior atenção agora é no seu interior. Essa atenção é inevitável, essa fonte interna faz a vida brotar, que habitava o universo interno, chave para o crescimento íntimo e espiritual. Um crescimento muito consciente dessa judia e ao qual ela vai dedicar toda a sua atenção. Sentia-se crescer a partir de dentro e como Paulo diria: "cresça até alcançá-lo completamente" (Ef 4:15).

Essa jovem judia constrói a oração de forma autêntica, um processo de aprendizagem e através dessa fluidez que se dá a verdadeira intimidade com Deus e consigo mesma. Gostava de orar em lugares excêntricos, como em cima de um caixote de lixo, com postura curvada, encolhida, à espera que algo se derretesse dentro dela. “Então eu me sentei no chão, no canto mais afastado do meu quarto, entalada por duas paredes, com a cabeça profundamente curvada. Sim, e lá fiquei sentada” (DEI, p. 153). Com essa postura, sentia que novas forças pudessem brotar de dentro dela.

Hillesum descobriu uma alteridade que a fez sair de si mesma para ir ao encontro do transcendente. Esse encontro misterioso que impelirá a se ajoelhar e colocar-se em oração.

Não sou muito capaz de me ajoelhar, sinto uma espécie de vergonha. Por quê? Sem dúvida, porque há também em mim uma inclinação crítica, racionalista,

até mesmo ateia. E no entanto, há em mim, às vezes, uma profunda aspiração a me ajoelhar, com as mãos no rosto, e a encontrar assim, uma paz profunda, colocando-me à escuta de uma fonte escondida no mais profundo de mim mesma (HILLESUM *apud* LEBEAU, 1998, p. 89).

A busca incessante por si mesma, ressaltava em Hillesum a importância de um retorno ao cultivo da interioridade na qual ela pudesse desenvolver a sua espiritualidade, mergulhar num universo interior, e assim, tinha a necessidade de buscar razões para a sua existência e para todas as coisas que ocorriam em sua atual experiência de vida.

É na profundidade da alma que ela também encontrava, pois, o seu verdadeiro oásis, sua fonte da vida, razão de sua existência, fonte inesgotável de Amor e Sabedoria, seu Eu Superior, o Deus que habita em sua alma.

O processo de seu crescimento interior foi, entretanto, progressivo, e com a ajuda de Spier, Etty praticava uma série de exercícios espirituais a fim de ordenar a própria vida, livrar-se de suas depressões e angústias, suas desorientações e sua totalidade de problemas com os outros.

E assim foi se libertando e confessa com simplicidade a capacidade da construção de sua paz interior capaz de lhe permitir uma vida iluminada e interiormente fecunda.

Tudo a impressionava em seu trabalho terapêutico, e aos poucos, ela foi se libertando interiormente, sentindo uma sensação de despojamento que nunca sentira antes. O processo de luta corporal a qual os envolvia durante a terapia, contribuiu bastante para a liberdade interior de Hillesum.

Julius Spier foi a peça fundamental para a higienização da alma de Etty, ele a aconselhava a levar ao coração tudo aquilo que se encerra na cabeça. Isto é, o caminho da busca do mundo interior na prática continuada da oração.

Essa judia desejava entregar-se humildemente a Deus, principalmente em momentos mais sombrios. Quanto mais presenciava a grande catástrofe no campo em Westerbork, mais significado a oração tinha em sua vida e mais a presença de um Ser Absoluto penetrava nas profundezas da sua alma.

Segundo Teixeira (2019), Etty adentra-se no mundo interior e busca ouvir o canto da profundidade, a escuta da paisagem de si mesma. Voltar-se para dentro de si, presta atenção em tudo o que envolve o seu mundo interior, o de Deus e dos outros. Gostava de repousar-se em si mesma, recolhia-se para o seu mundo, pois ali, sentia-se protegida. É nesse espaço de sua profundidade que através da alegria, encontrava forças para manter acesa a sua resistência contra a dor, o sofrimento e a perseguição nazi.

Para ela, quando uma pessoa leva uma intensa vida interior não há diferença entre estar dentro ou fora do campo de concentração. Tinha luz em seus olhos e conseguia apesar de todo desastre humano, enxergar flores naquela paisagem ameaçadora e transmitir alegria a seu povo.

Etty aprendeu a escutar o mundo da profundidade através do silêncio. Desapegava de tudo o que não a fazia bem e quanto mais mantinha-se o equilíbrio, mais forte e consistente estava para enfrentar seus desafios. Assim em seu Diário, escreveu para sua amiga Tide:

Mesmo se estivesse numa cela subterrânea, aquele pedacinho de céu se estenderia dentro de mim e o meu coração voaria até ele como um pássaro, e é por isto que tudo é assim simples, extraordinariamente simples e belo, e rico de significado (DEI, p. 752).

Hillesum era uma mulher reluzente, desejava viver alegremente como os lírios do campo. Tinha dentro de si as diversas paisagens, o céu, as montanhas e a natureza. Procurava manter-se calma diante das dificuldades, facilitando assim sua vida espiritual. Através do silêncio podia escutar melhor a Deus e as coisas e encontrar a verdadeira paz interior.

Para Teixeira (2019), a experiência de Deus acompanha profundamente sua experiência de mergulho no mundo interior que é a porta de entrada para o amplo e vasto segredo da gratuidade. É o ponto de contato com o divino, a experiência de liberdade interior. É nele que encontramos a paz, a sabedoria e o despojamento. O ponto em que habita o centro de nosso ser, o mistério maior, o qual reconhecemos como Deus.

Em Etty há uma busca por Deus que se torna cada vez mais intensa e profunda. Ela faz a sua própria ideia de que Deus é o ponto mais profundo da sua interioridade e, continuando ao longo deste caminho, Ele chega para sustentar a presença em cada ser humano. A leitura da Bíblia, provoca uma imagem da divindade ainda diferente, Deus como o outro que toma pela mão quando sua situação existencial se torna difícil.

Através de suas orações, essa jovem mulher dialoga com Deus, uma voz que vem lá de dentro e sua presença é capaz de reconstruir sua própria vida. Para ela, Deus se concentra no centro de cada coração humano.

A figura de Deus está enraizada em seu coração e renasce como fonte de esperança. Olhava os seus ofensores com amor e abria os seus braços como forma de os acolher, a fim de mostrá-los que o amor é fonte de transformação.

De mãos unidas em oração e com o corpo encurvado para si, essa jovem passa a abrir os seus braços e com as mãos estendidas recorda a imagem de Jesus que, na cruz, estendeu os

braços como forma de súplica, gesto que expressa a fonte de abertura ao outro, a entrega, a doação, a hospitalidade e o cuidado com o próximo:

Não chega só pregar sobre Ti, meu Deus, levar-Te aos corações dos outros. É preciso abrir nos outros o caminho que conduz a Ti, meu Deus, e para isso é necessário ser um grande conhecedor da índole humana (HILLESUM, 2002, p. 519-520).

Essa busca de Deus e a do próximo nos remete também ao monge Christian de Chergé¹², este visava a necessidade de um equilíbrio entre a busca de Deus e a do próximo como forma de caridade. Essas duas figuras, Etty e Christian confrontaram à adversidade de um modo radical e irreversível com o mistério do mal, com aquele rosto muitas vezes oculto, mas o real da condição humana. Testificam sua fé em Deus, essa fé que os guiarão e que os levarão a confrontar deliberadamente a morte violenta.

Trilharam caminhos diferentes, ele se entrega à Argélia, onde sua fé em Cristo é vivenciada e onde ele aprende seu trabalho como homem. Ela, apesar de uma fé jovem, era muito viva e pessoal. A fé de Etty é encorajada, a faz avançar por caminhos desconhecidos, porém a leva a uma experiência de fascinação. Uma experiência radical em que sua fé era enraizada em Deus e fora aplaudida por Chergé.

Etty Hillesum irradiava amor, o verdadeiro amor ao próximo e mesmo sentindo-se como se estivesse presa em um convento, desejava procurar Deus entre as pessoas, no meio do mundo e apesar do cansaço, jamais desistir de encontrá-Lo. Prometeu viver a vida de forma plena até o seu fim.

Etty é surpreendida por este amor ao próximo que vive nela. Ela escreve para uma amiga Maria Tuinzing, poucas semanas antes de sua deportação, 8 de agosto de 1943:

Muitos, sentem o seu amor pela humanidade definhando neste lugar, por não receber alimento. Dizem que as pessoas aqui não nos dão motivos para as amarmos. "A massa é um monstro horrendo, os indivíduos são deploráveis", afirmou alguém. Contudo, a minha experiência, mostra-me cada vez mais que

¹² Em 21 de março de 1964 para a arquidiocese de Paris, Christian de Chergé entrou na abadia de Aiguebelle na França em 20 de agosto de 1969. Dois anos depois, foi designado para o Mosteiro de Nossa Senhora do Atlas na Argélia, e tornando-se o prior em 1986. A seu pedido, foi para a Argélia, tendo morado lá com seus pais quando criança. Christian de Chergé e seis de seus irmãos trapistas foram sequestrados pelo GIA (Grupo Islâmico Armado) em 27 de março de 1996. Em 23 de maio do mesmo ano, o GIA anunciou em um comunicado: "Cortamos as gargantas dos sete monges". O desaparecimento desses monges teve muita ressonância em todo o mundo: filmes, documentários, entrevistas, livros, revistas, apreenderam um drama que choca a consciência humana, qual seja, a execução de monges pacíficos em nome uma ideologia que rapidamente assimilada ao Islã, assim como a todos os muçulmanos. O que os monges de Tibhirine seriam os primeiros a desafiar.

não existe relação de causa e efeito entre o comportamento dos seres humanos e o amor que se sente por eles. O amor pelo nosso semelhante é como um brilho elementar que nos sustenta. O nosso semelhante por si só quase não tem nada a ver com isso. Oh, Maria! O amor aqui é escasso, e eu própria sinto-me imensamente rica; não posso explicá-lo (CEP, p. 190).

Uma certeza residia nela, é que a guerra nasce no coração de cada ser humano, e por isso não temia a ela, pois o que precisa ser desarraigado é o mal no homem, não o homem.

Sentindo-se nos braços de Deus, Hillesum de frente a tenebrosa perseguição nazi, acolhia a vida com tudo. Na oração encontrou forças e enfrentou com devida integridade todas as circunstâncias. Assim, escrevia a Han Wergerif em 29 de junho de 1943: “também é necessária força interior para aceitar o próprio fim” (CEP, p. 142). Lutava junto a seu povo e não pensava jamais em abandoná-los. Assim dizia a Hans quando ele a propôs se esconder:

Você não me entende" Eu respondi: não, eu não entendo nada, nome de Deus ...! Então fique aqui, sua idiota! Ela disse: "Eu quero compartilhar o destino do meu povo. Com estas palavras, percebi que tudo estava perdido. Ela nunca viria a se esconder com a gente". Para ela, Deus é sempre misericordioso (HILLESUM *apud* LEBEAU, 2001, p. 195).

Notava-se que em cada situação, mesmo nas mais difíceis, o ser humano cria recursos que os ajudam a continuar vivos. Deus é sempre misericordioso. Para ela, as regiões do espírito são extensas e profundas e todo aquele incômodo físico e sofrimento não a importava, sendo assim não se sentia desapegada da sua liberdade e, por isso ninguém lhe podia fazer mal. Etty escolheu assumir plenamente seu destino em nome de sua fé em Deus.

Ela está convicta de que Deus primeiro, espera em nós, que Ele precisa de nós, e que Ele nos pede para estarmos com Ele à margem da humanidade, nos abismos mais profundos, para que se leve uma mensagem de esperança a qual será uma testemunha da grandeza da vida humana, mesmo onde ela é desrespeitada.

As ameaças exteriores aumentavam a cada dia, o terror crescia e o ato de orar fez com que ela se retirasse em reclusão e por alguns momentos pudesse voltar para si mesma e para Deus. Depois dessa reflexão, voltava para o seu mundo exterior mais calma e fortalecida.

Na verdade, sua vida era um diálogo ininterrupto com o Deus que nela habitava. Agradecia a Ele por poder suportar tudo e por haver poucas coisas que não ponhas em seu caminho. Escapar para ela não era a melhor opção. Mas porque sofrer tal violência, a ameaça constante, o risco de deixar a vida? Em 20 de julho de 1942, Etty escreve:

Meu Deus, esses são tempos tão agonizantes. Esta noite pela primeira vez eu estava acordada no escuro com meus olhos ardendo, diante de mim as imagens da dor humana passaram. Eu prometo a você uma coisa, Deus, apenas uma coisa pequena: eu tentarei não fazer os fardos de hoje com o fardo das minhas preocupações para o amanhã, o que também requer alguma experiência. Ele tem sua parte todos os dias. Eu tentarei ajudá-lo para que você não seja destruído dentro de mim, mas a princípio não posso prometer nada. (DEI, p. 713).

Quanto mais se tornava íntima e próxima de Deus, com a ajuda de Julius Spier, mais livre ela se sentia das ameaças exteriores e com essa libertação foi ganhando coragem para se ajoelhar e dedicar à oração.

E essa esperança que reside no coração dessa judia foi citada pelo escritor francês Sylvie Germain, que escreve sobre ela:

Não só a oração de Etty Hillesum não reivindica nada (exceto a força para perseverar e espalhar mais amplamente), mas consente a tudo o que está e está acontecendo. Nunca exige responsabilidade a Deus, mesmo considerando que é o oposto, que os milhares, milhões de crimes cometidos não são atribuíveis a Deus, mas aos homens - à insensatez humana (BÉRIAULT, 2011).

Foi através da oração que essa forte e corajosa judia encontrou forças para trilhar um resplandecente e iluminado caminho espiritual. Procurava viver em comunhão com o outro mesmo correndo o risco de deixar perder sua vida no campo de concentração. Aprendeu a amar e a se doar por amor a Deus e ao próximo. Não tinha medo da “morte”, porque para ela, o amor e a esperança são atitudes que nos faz viver hoje além da morte.

Finalizamos este capítulo com uma linda oração e acreditamos que Etty Hillesum concordaria com ela:

Senhor, quando você vier em sua glória, não apenas lembre-se de homens de boa vontade, lembre-se também de homens de má vontade. Mas não se lembra então da crueldade, do abuso e da violência. Lembre-se dos frutos que trouxemos por causa do que eles fizeram. Lembre-se da paciência de alguns, da coragem dos outros, da camaradagem, da humildade, da grandeza da alma, da fidelidade que despertaram em nós. E faça, Senhor, que os frutos que trouxemos serão um dia sua redenção (MÉTROPOLITE, 1988, p.222-223).

CAPÍTULO 3: A EXPERIÊNCIA DE DEUS E A COMPAIXÃO PARA COM OS OUTROS

Diante do holocausto, Etty Hillesum vivencia a dor e o gozo; o sofrimento e a alegria marcados pela doação ao outro e pelo encontro com Deus.

Naquele acontecimento, a precisão alemã assegurou-se de que nenhuma testemunha sobreviveria. O holocausto foi tão colossal que não pôde ser compreendido em sua totalidade. Precisava ser entendido em sua especificidade, imagem por imagem; fato por fato; momento a momento e história por história, pois os nazistas apresentavam a possibilidade de eliminar o povo judeu da face da terra.

Mesmo experienciando essa desgraça e perante a tanta dor, os elementos fé e benevolência foram indispensáveis para Hillesum naquele momento desolador, pois estes elementos ofereceram-lhe a certeza de, ela e todos os presentes no campo, estar sendo cuidados por alguém que transcendia a própria existência humana e dava-lhe o entendimento de que o ser humano nasce com um propósito especial.

Quando olhava a si mesma, Etty sentia como se sua existência fosse programada por Deus que a trazia o senso de pertencimento e esse pertencer a alguém onisciente e onipresente, trouxe para ela essa condição de que o sofrimento não era o fim e a oração e o amor podiam modificar a vida de seu povo mesmo perante a crueldade e a dor.

3.1 A VIVÊNCIA DE ETTY HILLESUM EM WESTERBORK

A guerra se intensificava e a repressão contra os judeus holandeses havia aumentado muito: foram encaminhados pelos nazistas até o campo de extermínio de Westerbork, a última morada antes de serem aniquilados totalmente em Auschwitz. Para os nazistas, os prisioneiros não eram considerados seres humanos, mas animais e o próprio prisioneiro tinha que estar ciente dessa “realidade”.

Etty chegou a Westerbork justamente no momento no qual as deportações para Auschwitz estavam começando, em meio ao arame farpado, presenciando inúmeras pessoas perante a uma crueldade gratuita, trancadas em vagões e sendo levadas em comboios, ela mantinha o seu olhar sereno, isso a fez seguir adiante e a induziu cada vez mais a escrever e a cuidar dos doentes no hospital do campo, pois afirmava estar tranquila por dentro, por estranho

que parecia, sentia-se feliz, já que Deus dava-lhe forças para suportar tanta tragédia e encarar tudo de forma suave, a gratidão por Ele era maior que a tristeza sentida.

Hillesum foi ao campo como voluntária e estava profundamente grata por poder partilhar a dor com seu povo, pois apesar de o ambiente ser sofrido, também era pleno de amor e cuidado. Durante este período, viajou com permissão oficial várias vezes para Amsterdam, levando cartas, certificando o fornecimento de medicação e trazendo mensagens. Entretanto, portadora de uma saúde frágil, a maior parte do tempo em que esteve na cidade, ficou hospitalizada, por estar doente e sofrendo vários desconfortos.

O campo em si era um local sórdido e imundo, onde se amontoavam uma multidão humana e se contraía várias doenças. Havia lama e como Etty mesmo dizia: “tanta lama, que é necessário termos algum sol interior algures nas nossas entranhas se não quisermos tornar-nos vítimas psicológicas de todo aquele lamaçal” (CEP, p. 82).

Mesmos doentes, os refugiados eram impossibilitados de serem transportados e Hillesum era obrigada a testemunhar o medo e o desespero de milhares de homens, mulheres, crianças e idosos que passavam por suas mãos e concluía que onde há pessoas, há vidas.

Era preciso aprender e suportar juntos o frio, o escuro, a sopa de ervilhas e o arame farpado. Com o aumento do número de pessoas em Westerbork, a quantidade de alimentos foi diminuindo, a alimentação era muito pouco variada e a cozinha não tinha a capacidade de responder à necessidade de alimentos.

Tudo no campo era paradoxal, enquanto uns dormiam em barracões grandes, deitados em camas de metal sem colchão e sem uma coberta, morria-se de frio e outros em casinhas com aquecimento central, não conseguiam dormir por causa do calor infernal. Hillesum dormia em uma barraquinha com cinco colegas. As camas eram juntas duas a duas, uma sobre a outra. À noite, ratos passeavam sobre o quarto e roíam as camas e os mantimentos, uma situação totalmente desconfortável e insalubre.

Crianças dormiam sobre o chão de madeira poeirento ou se jogavam em meio aos adultos. Cerca de trezentos católicos de origem judaica também foram presos, dentre estes, estava Edith Stein¹³. Alguns padres caminhavam em filas durante a noite, por entre os barracões escuros e rezavam o terço de forma tão perturbadora como se ainda estivessem nos corredores do convento.

¹³ Etty refere-se às irmãs Edith Stein e Rosa Stein. Nota-se apenas que Edith, além de freira, também foi uma filósofa famosa, por algum tempo aluna e assistente de Edmund Husserl, católico romano. Sua irmã, Rosa, havia fugido da Alemanha depois de ter perdido tudo. Em seguida, foi para o mosteiro carmelita, tornou-se também católica romana, porém jamais entrou para o Ordem. (DEI, p. 891-892)

O sofrimento humano que Hillesum presenciava durante aqueles últimos seis meses e ao qual ainda assistia diariamente era mais do que podia digerir nesse tempo. E por todos os dias podia ouvir: “Não queremos pensar, não queremos sentir, queremos esquecer o mais rapidamente possível” (CEP, p. 90). E escreve:

Por vezes, penso que cada nova situação, boa ou má, nos dá a possibilidade de enriquecermos com novas perspectivas. E se abandonarmos à sua sorte ou factos adversos que somos forçados a enfrentar, se não os acolhermos nas nossas mentes e corações para aí os deixar assentarem e transformarem-se em factos graças aos quais podemos amadurecer e dos quais podemos extrair um sentido — então, não somos uma geração viável (CEP, p. 90).

Para ela, se não for possível oferecer um novo sentido, nascido no centro da sua aflição e sofrimento, então não será suficiente, pensamentos de horror irão se espalhar para fora dos próprios campos, ultrapassar o arame farpado e fazer com que as pessoas fora do campo experimentem de forma sangrenta situações tão difíceis como a que ela estava enfrentando.

Etty Hillesum relata que o episódio mais triste que vivenciou em Westerbork foi aquele que se trata dos idosos. Foi com certeza o que mais a impressionou, assistiu imensos velhinhos a serem descarregados como mercadorias em caminhões a cair os pedaços. Um pedaço da história da humanidade terrivelmente triste e vergonhosa e sentia-se muito envergonhada ao falar dela em suas cartas. Narra sobre os idosos em carta em fins de dezembro de 1942:

Como eles caminhavam, arrastando-se penosamente, cambaleavam e caíam e necessitavam de ajuda e faziam perguntas infantis. Naquele local, não se podia fazer muito com palavras e, por vezes, uma mão sobre o ombro era demasiado pesada. Oh, não, estes idosos são um capítulo à parte. Os seus gestos desamparados e rostos exaustos assombram ainda muitas noites em branco... (CEP, p. 93).

A população em Westerbork ia aumentando sem total infra-estrutura adequada para receber uma grande quantidade de pessoas, sendo assim instalou-se um grande caos. A falta de espaço, devido ao amontoado de pessoas dificultava o acesso das mesmas no campo.

A casinha onde acomodaram Hillesum era desprovida de espaço. Camas de dois e três andares, malas e caixas para todo o lado. É nesse deletério que pessoas vivem e morrem, comem e adoecem sem terem alguma notícia sobre aqueles familiares que partiram e jamais tiveram notícias.

Lá, Etty Hillesum vivia momentos de revolta e ódio, numa ocasião, uma mulher desabafou a ela: “Não paro de dizer “Oh, meu Deus, meu Deus”, mas será que ele ainda existe?” (CEP, p. 116), mas ela nos deixou claro que cada momento de ódio acrescido no mundo, o torna um lugar ainda mais inospitaleiro.

E ainda relata que o mundo deve ser habitado pelo amor cujo apóstolo Paulo descreveu, no décimo terceiro capítulo, da sua primeira epístola aos Coríntios. “E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria” (1Co 13:2). O amor é a fonte da transformação. Aquele que possui o amor em seu interior, ameniza o ódio nas extremidades.

Hillesum mantinha a fé e o equilíbrio, conversava com pessoas demasiadamente otimistas e pessimistas, polêmicas, umas com vontade de tirar a própria vida como alternativa para o desespero total, já que aquela situação vivenciada no campo, as deixavam tristes e sem vontade de viver.

Em relação a Etty, seu espírito estava mais vivo do que nunca, seu corpo, entretanto, ainda não era constituído com base sólida para suportar um espírito tão intenso. Mas era paciente e levava uma vida sensata. Uma mulher resiliente a catástrofes, sentia-se satisfeita e por vezes nem se dava conta de que estava no campo. Assim relata que: “E, apesar de tudo, vai sempre dar ao mesmo: na realidade, a vida é boa, e se por vezes corre mal, a culpa não é de Deus, mas sim de nós próprios” (CEP, p.137). Sentia que mesmo nas situações mais difíceis, os seres humanos criavam novos recursos que os ajudavam a viver. Para ela, Deus é todo misericordioso.

Hillesum dizia que as regiões da alma e do espírito são tão profundas e dilatadas que todo desconforto físico e sofrimento não importam muito, não se sentia desprendida de sua liberdade e, também ninguém podia fazer-lhe mal.

Perante a miséria daquele local, costumava caminhar a passo do arame farpado, por esses instantes, uma força elementar lhe assolava e algo de glorioso e magnífico, um dia teria que se construir um mundo novo. E quanto mais ódio e horror forem evidenciados, mais amor teremos a oferecer, esse sentimento nobre deve ser conquistado dentro de cada ser. Assim relata Hillesum:

Esta vida é maravilhosa e grande, temos que construir um novo mundo depois da guerra. E para toda infâmia, para toda crueldade, temos que dar uma boa

dose de amor e boa-fé, que devemos primeiro encontrar dentro de nós mesmos (HILLESUM, 2007, p. 209).

Não tinha como se contrapor ao ódio que contagiava a todos os prisioneiros, senão pela fé, geradora de gratidão, a coragem, o amor e a valorização da vida.

O sofrimento é limitado e Deus só nos concede aquilo que de alguma forma suportamos. Etty presenciou a verdadeira espiritualidade no campo e descreve em suas cartas que o principal caminho da sua vida era alcançar um outro mundo. Como se tudo o que tivesse acontecido e fosse acontecer com ela já fosse superado e vivido. Como diz a passagem no evangelho de São Mateus: "Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal" (Mt 24 6:34). Deixava todas as suas inquietações nas mãos de Deus, com uma certa paz de espírito. Dizia crer em Deus, mesmo em meio àquela tragédia e tinha uma visão espiritual diferente dos homens.

Entretanto por entre os barracões e a cerca de arame farpado no campo, a humanidade ia sendo destituída, a fome, a doença, o frio, os maus-tratos, as humilhações iam tirando aos poucos os pedaços de cada alma humana, os prisioneiros morriam antes mesmo da morte física propriamente dita. Seus corpos rastejavam sem rumo pelo campo, esfomeados e humilhados, pois dentro desse corpo já não havia mais nada. A morte ia apagando aos poucos a luz que ainda existia em cada olhar, deixando-os opacos e sem brilho. Era exorbitante a luta pelo pão de cada dia e pela salvação da vida.

Caminho um pouco perdida por entre outros barracões. Passo por cenas que surgem com muitos nítidos pormenores diante dos meus olhos e que, ao mesmo tempo, parecem visões antiquíssimas e já indistintas (CEP, p. 219).

Essa jovem presenciava cenas como moribundos sendo carregados em péssimas condições, muitos fazendo a sua última prece antes de partir para o comboio que os levariam a Auschwitz. Via pais, prestes a partirem, abençoarem seus filhos e esposas e a ser, por sua vez, abençoado por um rabino.

Os deportados trabalhavam duramente em Westerbork, lá passavam um período de tempo que podia variar em algumas semanas a quase um ano. Contudo, sabiam que o seu destino não era permanecer ali, mas sim partir para Auschwitz.

Em julho de 1942, partiu o primeiro comboio com centenas de judeus presentes, estes foram destinados a campos de trabalhos em Auschwitz. A fila para embarque era sombria,

mulheres embarcavam com seus bebês no colo. Os doentes são levados em macas e sem total refrigeração para o número de pessoas presentes.

Cada vez mais os espaços vazios eram preenchidos nos vagões que por sinal estavam lotados e Etty preocupada exclamava a Deus: “Meu Deus, é preciso entrar essa gente toda?” (CEP, p. 223). Muitos iam com o seu nariz colado ao vidro de tão abarrotado que estava os vagões. E mais uma vez Etty se dirige a Deus: “Deus do céu, vão mesmo conseguir fechar todas as portas?” (CEP, p. 227). As portas se fechavam e a multidão era comprimida, amontoada e empurrada.

Através da desgraça humana, Hillesum recria a vida no meio dos escombros da morte, e decide desenterrar o ódio do coração e defendia que não podemos retribuir o ódio dos nazistas com o mesmo ódio que eles destinavam a seu povo.

E se este dia não me tivesse trazido nada, a boa e total confrontação com a morte -, não devo esquecer aquele soldado alemão *kosher*, que estava no quiosque com sua sacola de cenouras e couve-flor. Antes, no bonde, ele colocou na sua mão um bilhete, e então havia aquela carta que teria que ler uma vez: ele gostava tanto da filha de um rabino que ainda poderia ajudá-la dia e noite em seu leito de morte. E hoje à noite ele foi visitá-la (DEI, p. 679-680).

Essa atitude nos mostra a sua renúncia ao ódio, já que este é um sentimento que está vinculado com à destruição, desgosto, aversão, raiva, rancor profundo, horror. E dessa maneira, a luta contra o ódio faz Etty vincular-se com a paz. “E uma paz só pode tornar-se uma verdadeira paz mais tarde, depois que cada indivíduo for capaz de a encontrar dentro de si e banir o ódio contra o nosso semelhante, seja ele de que raça ou povo for...” (CEP, p. 638).

Temos que combater o ódio, a repulsa, a crueldade e toda antipatia perante ao nosso inimigo, pois todo o mal provém de nós mesmos e a guerra existe porque os seres humanos ainda não aprenderam a respeitar uns aos outros. Sem o respeito não existe amor, sendo assim não conseguimos combater o ódio dentro de nós.

Hillesum tinha a convicção de que o amor incondicional é o responsável pela metamorfose da transformação interior, pois apesar de tanta injustiça, o ódio e a repulsa não podiam estar presentes nos corações humanos.

O amor deve estar arraigado na alma humana e com ele pratica-se o exercício do perdão. Em subversão ao ódio, Etty escreve uma carta a Klaas Smelick,¹⁴ seu amigo e ex-amante:

Klass, nada é combinado com o ódio, a realidade é muito diferente de como nós construímos. Temos um funcionário. Vejo-o muitas vezes por partes. O que mais sobressai nele é o pescoço reto e rígido. Ele odeia os nossos perseguidores com um ódio para o qual terá suposto, razões fundadas. Mas ele próprio é um carrasco. Seria um líder exemplar dum campo de concentração (...) (DEI, p. 768).

Os carrascos e perseguidores são seres mobilizados pela doentia tese nazista, estimulados pelo ódio e esvaziados de sua própria humanidade, não eram mais capazes de reconhecer um semelhante entre os prisioneiros – tratava-os como bichos.

Apesar de toda aquela tristeza e rancor, Hillesum sentia compaixão por aqueles que se consideravam seus perseguidores, ela retratava a Klass que o ódio nos corações da humanidade não os levaria a lugar nenhum. Assim escreve: “E devemos primeiro aprender a perdoar a nós próprios, os nossos defeitos, se queremos perdoar aos outros” (CEP, p. 98). Conforme Etty, na realidade, os humanos tinham que trabalhar muito a questão do amor em sua alma, sendo assim, não teriam tempo de odiar uns aos outros.

Uma pessoa deve começar a levar-se a sério e o resto segue por si mesmo. E "trabalhar a própria personalidade" não é certamente um individualismo doentio. E uma paz só pode ser verdadeiramente uma paz mais tarde, depois de cada indivíduo criar paz dentro de si e banir o ódio contra o seu semelhante, seja ele de que raça ou povo for, e o vença e o mude em algo que deixe de ser ódio, talvez até em amor ao fim de um tempo, ou será isto pedir demasiado? Contudo é a única solução" (DEP, p. 202-203).

Odiar não fazia parte da índole dessa jovem judia, esse sentimento para ela, significava o veneno para a própria alma. Etty não culpava Deus pelo sofrimento do seu povo, porém fez nascer de dentro da sua alma um amor que vinha de Deus, um amor que a levou a perdoar todo aquele horror cometido por seu semelhante. Um amor gratuito que transforma e que perdoa a todos os que praticavam o mal.

Em Etty Hillesum, presenciava-se a alteridade, a capacidade de aprender com o outro, a respeitar os seus direitos, sobretudo suas diferenças. Se isso não fosse possível, haveria

¹⁴ Klaas Smelick começou por exercer a profissão de mecânico naval. Mais tarde, se tornou jornalista e escritor de folhetins radiofônicos e livros. Em 1934, tivera um relacionamento com Etty que durou seis meses e, por iniciativa desta, terminara sem conflitos.

conflitos. O amor ao próximo era uma propagação natural de sua experiência de Deus, visto que os dois sentimentos que traçavam o seu caminho espiritual foram Deus e o Amor.

Hillesum adentra em seu mundo interior e passa a escutar a si mesma, o canto da profundidade. Começa a prestar atenção em tudo a sua volta, nos outros, a repousar-se e a ouvir o canto das coisas. É nesse espaço interior que ela encontrou força necessária para manter acesa a sua resistência contra a perseguição dos nazistas e a dor.

3.2 MÍSTICA E A RELAÇÃO COM A DOR HUMANA

Na etimologia da palavra mística vemos uma transcrição do adjetivo grego *mistikós*, que se origina da raiz indo-europeia *my* e que, por sua vez, é encontrada em *myein*, que quer dizer “fechar os olhos”, “calar-se”. Isso auxilia ao termo “mistério” e favorece se perceber aquilo que é oculto e obscuro, ou seja, sobre o qual não se pode falar.

A mística envolve uma consciência imediata da presença de Deus. Destaca Teixeira que a mística, “são janelas que se abrem, permitindo um novo respiro, no lugar mesmo onde o sujeito se situa” (TEIXEIRA, 2013). É um ato de recolhimento interior, que não se traduz a uma reclusão, mas envolve a abertura, o doar-se ao outro, a união entre a experiência de Deus inspirada e a percepção intensa do sofrimento alheio.

O místico vive voltado para o seu interior, convidado a fazer uma viagem no mais profundo da intimidade e da solicitude humana dentro das quais a presença de Deus é despertada e aflora à consciência. Etty Hillesum também teve essa experiência de mergulho interior e após essa reflexão, ao abrir os olhos para o mundo, via a imagem de Deus em cada rosto padecente presente naquele campo sombrio.

Enquanto o mal se impunha com a brutalidade da violência, do sangue derramado, a ação de Deus pôde ser captada. essa mulher via beleza onde, aos olhos humanos, só aparece destruição e maldade. Deus estava presente em toda a realidade para ela, amando-a e libertando-a desde dentro de seu interior com discrição infinita. Percebendo essa presença, entregou-se profundamente à oração e começou a sentir-se agraciada com fortes experiências.

Para alguns místicos, assim como também para Etty Hillesum, a oração é meio, um caminho para que se viva uma vida espiritual em profundidade. Para ela, a oração é um elemento imprescindível na sua vida. Mas é necessário que ocorra uma transformação que brote a partir do esforço em mudar a si mesmo e desenvolver as suas potencialidades ocultas. É preciso penetrar no real significado do caminho que ela apresenta. Mas, o real significado

deve ser buscado muito além de uma apreciação superficial. Essa é uma parte singular do homem que nenhuma tradição religiosa pode se apoderar.

Etty nos relata em seus escritos que a vida espiritual é dinâmica, isto é, um movimento interno responsável por sua evolução. Segundo ela, quando mergulhava em seu interior descobria suas obscuridades, mas também sua faculdade de ser criativa. Na capacidade de doar-se aos outros e compartilhar esse dom na alegria, na solidariedade, no amor e na responsabilidade com um mundo mais humano e cordial.

Essa jovem mulher se preocupava com o próximo, procurava dar-lhe amor e atenção e dizia estar cada vez mais consciente de que o amor deve ser para todos com quem convivemos e não somente direcionado aos unidos por laços de sangue. Todos são imagem de Deus. (CEP, 2009, p. 202). Segundo a reportagem de Cristina Ugocioni (2018) rezar, para Etty, significava envolver-se na dinâmica da ágape com Deus por todos os Seus filhos:

Devemos abandonar nossas preocupações para pensar nos outros que amamos. Quero dizer isto: devemos estar à disposição de quem encontrarmos em nossos caminhos, e de quem tiver necessidade, disponibilizar toda a força, amor e confiança em Deus que temos em nós mesmos e que ultimamente estão crescendo maravilhosamente em mim. Ou uma coisa ou outra: ou se pensa apenas em si mesmo e na própria conservação, sem hesitação, ou se toma distância de todos os desejos pessoais e se rende. Para mim, esta rendição não se baseia na resignação, que é uma morte, mas se dirige para onde Deus, por aventura, me envia para ajudar como posso (UGOCCIONI, 2018).

Num campo sombrio, onde ela viveu seus últimos anos, em meio a solidão e a lama, escrevia suas lindas orações, num espaço onde se refugiava durante a madrugada em busca de silêncio e de concentração. A “eleita de Deus” dedicava toda sua atenção aos deportados, curando, intercedendo e mesmo diante de suas próprias feridas, procurava, assim como dizia: “uma janela donde se alcance um fragmento de céu”. (DEP, p. 22).

Apreendeu através do sofrimento, aceitar que o ser humano deve dividir o amor com toda a criação. Hillesum possuía uma extraordinária simplicidade interior e mesmo assim dizia: “— Ó Senhor, torna-me mais simples” (DEP, p. 212). Sabia que mais tarde, diante da dor no campo de concentração, suas duras palavras soariam com mais simplicidade.

Para esta jovem, o sofrimento estava abaixo da dignidade humana. Com essas palavras queria dizer que os ocidentais não entendiam a arte do sofrimento e por consequência disso, ficavam aterrorizados, amedrontados, repleto de ódio e desespero. Em sua reflexão, a morte

mesmo sendo um momento terrível, também faz parte da vida e a aceitava de forma mais natural.

E mesmo vivendo num campo em meio à guerra, junto aos esfaimados, aos maltratados e aos enfermos, sentia a presença de Deus nas flores e no pedaço de céu para lá de sua janela. Sua fé é inabalável e sempre estava convicta de que uma pessoa deve ter a coragem de sofrer sozinha e não sobrecarregar as outras com seus medos e aborrecimentos.

O que importa é o modo como cada um carrega seu sofrimento e ela sabia a cada momento, tudo o que se passava, todo o sofrimento de seu povo e todas as suas preocupações eram impostas à necessidade de se fazer um único gesto, aceitar; o de unir as mãos e dobrar os joelhos em oração. E assim ficava horas e horas e suportava tudo.

O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bolhas nos meus pés gastos e o jasmim atrás do quintal, as perseguições, as incontáveis violências gratuitas, tudo e tudo em mim é como se fosse uma forte unidade, e eu aceito tudo como uma unidade e começo a entender cada vez melhor, espontaneamente para mim, sem que ainda o consiga explicar a alguém, como é que as coisas são (DEP, p. 217).

Etty gostava de viver intensamente, para no fim poder explicar, se isso não lhe fosse possível, uma outra pessoa explicaria no seu lugar e daria sequência a sua vida no momento que a mesma fosse interrompida. Assim escreve:

...tenho de viver minha vida bem e tão completa e convincentemente quanto possível até ao meu derradeiro suspiro, para que o que vem a seguir a mim não precise de começar de novo nem tenha as mesmas dificuldades (DEP, p. 217).

Sua experiência com Deus foi vivida através da resistência, da solidariedade com seu povo e a compaixão como princípio sustentável, sendo este um termo relacionado à justiça, à piedade, à misericórdia e ao amor.

A compaixão pelos oprimidos diante do holocausto fez essa judia mergulhar no mais profundo da desgraça humana e reconhecer o sofrimento alheio. Ela queria ir além, para se manter de pé, procurava nutrir uma alegria diante às atrocidades impostas pelo regime nazista. Se confrontava a todo momento com a força do ódio espalhado por todo o campo, entretanto, deixava claro qualquer possibilidade em aderir a essa odiosidade, pois a vingança é um sentimento que amplia espaços de sofrimento e dor.

Uma pessoa deve começar a levar-se a sério e o resto segue por si mesmo. E "trabalhar a própria personalidade" não é certamente um individualismo doentio. E uma paz só pode ser verdadeiramente uma paz mais tarde, depois de cada indivíduo criar paz dentro de si e banir o ódio contra o seu semelhante, seja ele de que raça ou povo for, e o vença e o mude em algo que deixe de ser ódio, talvez até em amor ao fim de um tempo, ou será isto pedir demasiado? Contudo é a única solução (DEP, p. 202-203).

Com sua refinada luz espiritual, ela era capaz de amar a todos incondicionalmente. Esse amor estava enraizado em seu mundo interior, lugar em que habitava Deus e donde adquiria forças e esperança para evitar que a apatia e ou desânimo tomassem conta de seus deserdados companheiros. Teresa de Ávila em suas Moradas confirma que: "O amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente em nós se não brotar da raiz do amor de Deus" (TERESA DE ÁVILA, V M 3,9). O amor é a fonte inesgotável da perfeita doação de si ao outro.

Para Teixeira, em entrevista à revista IHU (2018), a voz de Ety Hillesum se erguia "das sombras como brasa nas cinzas e reinventava a esperança". Hillesum se manteve firme e resistente em meio a tanta desgraça, contudo através da oração, se fortalecia, diante de Deus e do amor ao próximo, mantinha acesa a chama da alegria.

O amor foi um fator fundamental na espiritualidade desta jovem. Em seus escritos: Diários e Cartas, mencionava o compromisso do ser humano no seu dever de contribuir para que o amor cresça e floresça na terra. A seu modo, o ódio torna o mundo cada dia mais inóspito e infundado.

Em Westerbork vivenciou tamanha dor que um ser humano pode enfrentar, a humilhação que cada um sofria era motivo de grande tristeza. Em uma de suas cartas escrita em 15 de novembro de 1942, relata: "não se podia fazer muito com palavras, e por vezes, uma mão sobre o ombro era demasiado pesada" (CEP, p. 66). Mesmo em tanto amargor, não se deixava ser tomada pelo ódio e assim, a paz reinava em seu interior.

Uma jovem que trilhou seu caminho espiritual a partir de suas contradições e da própria experiência individual é considerada uma mística fora dos padrões da sua época, passou a se sentir livre quando iniciou o seu diálogo com Deus e esse constante contato foi um passo fundamental para a abertura de seu espaço interior.

Tinha todo o cuidado com o seu mundo interno e procurava o silêncio a fim de repousar e poder escutar o canto das coisas e assim captar a voz do Criador. Diante da dor e da dura realidade em que vivia, sufocada pela morte e pela destruição, com os olhos abertos para o mundo, enchia seu coração de uma esperança, que a princípio, parecia como impulsiva e

arriscada. Contudo a partir de sua luz interior que lhe foi dada com os olhos fechados, buscava o contato com Deus no recolhimento e na oração, na ocasião, com os olhos abertos enxergava tudo de outra forma e com maior lucidez. Em fins de dezembro de 1942 escreve:

Por vezes, penso que cada nova situação, boa ou má, nos dá a possibilidade de enriquecermos com novas perspectivas. E se abandonarmos à sua sorte os factos adversos que somos forçados a enfrentar, se não os acolhermos nas nossas mentes e corações para aí os deixar assentarem e transformarem-se em factos graças aos quais podemos extrair um sentido — então, não somos uma geração viável (CEP, p. 90).

Para essa “rapariga”, novos pensamentos teriam de irradiar para fora do campo, um novo olhar deveria atravessar aquele arame farpado que os cercavam. Mulher forte superou toda a dor estando convicta de que o amor por seu povo e seu espírito religioso eram mais fortes do que o desejo em salvar a própria vida.

Outras duas mulheres de caráter corajoso que além de Hillesum possibilitaram obras com olhares díspares a respeito de seus contextos e suas experiências com Deus, foram Edith Stein e Anne Frank. Ambas permaneceram também no campo em Westerbork e foram deportadas para Auschwitz, onde morreram na câmara de gás. Para Frank, a experiência do sofrimento antecede a transformação espiritual, já em Hillesum, essa transformação espiritual acontece durante a experiência do sofrimento e para Stein o sofrimento ocorre após a formação espiritual.

Essas três jovens mulheres têm em comum o modo de como viveram a espiritualidade diante do sofrimento. Foi no campo de concentração que descobriram que no mais profundo de suas almas existia uma força indomável e indescritível que era capaz de superar todo sofrimento externo: o amor.

Para Anne Franck, o sofrimento é a oportunidade de crescimento espiritual. A seu ver, o ser humano deve encontrar uma razão que dê sentido ao sofrimento; como o amor pelo próximo e o desejo de encontrar Deus.

Cristã, apesar de ser considerada uma mulher fria e com tendência a sentimentos de inferioridade, Edite Stein possuía uma enorme força interior que a levou a conversão. E sua clareza interior foi se desenvolvendo a meio de grandes tormentos. Segundo ela, viver enclausurada num convento não traria nenhum benefício a outras pessoas. Sua veracidade foi uma das características de sua personalidade.

Essas três mulheres evidenciaram essa consciência da presença de Deus a partir de suas experiências sustentadas nesses locais que pareciam não fluir nenhum fio de esperança ou fé.

Assim, Bingemer defende que o místico é um ser que pode conservar toda a sua integridade, porque está em comunhão com toda a realidade. É um ser capaz de alcançar o mistério através da profundidade da sua alma. Possibilita ver, escutar o clamor, o sofrimento humano, não significando a fuga desse sofrimento, da dor, dos conflitos e problemas, porém ela nos leva a mergulhar dentro deles, acolhê-los piedosamente de forma solidária e compassiva. A missão do místico é comungar com a dor do outro. Escrevia Etty:

Eu procurei olhar cara a cara a dor da humanidade, com honestidade e coragem, eu enfrentei isso, eu fiz disso uma parte de mim. Muitas perguntas encontraram uma resposta. O absurdo deu espaço a um pouco de ordem e coerência, agora posso avançar de novo. Foi outra batalha breve, mas violenta, da qual saí com um pouco mais de maturidade. Escrevi que me confrontei com a "dor da humanidade" (essas palavras ainda me causam medo), mas isso não é inteiramente exato. Eu me sinto como um pequeno campo de batalha em que os problemas são enfrentados, ou pelo menos alguns problemas do nosso tempo. A única coisa que pode ser feita é oferecer-se humildemente como campo de batalha (DEI, p.113).

Etty, neste fragmento, mostra a consciência sobre o ser humano e durante seu percurso, aflora toda a possibilidade de um amor direcionado à humanidade com todas as suas implicações. É assim que o caminho para a realização do humano é composto, na abertura ao outro, para além da alteridade. Reconhecer, romper com a indiferença, acolher e preocupar-se com o outro é o caminho e condição de transcendência.

Hillesum descobriu a impossibilidade de permanecer indiferente diante da dor encarnada e vulnerável do próximo. Sua possibilidade de ser nasceu de estar atenta à demanda da face do outro, o que resultou um autoesvaziamento. Desta forma, o humano se torna a humanidade, abolindo a distância e ultrapassando a indiferença deixada pela fragilidade na proximidade da alteridade, e isso nos permite entender a passagem da questão, da denúncia e do apelo à disposição irrepresível.

Essa jovem judia, através de Deus, experimenta a experiência de ajudar os demais e relata: "...o que importa, não é que eu seja compreendida, mas que seja capaz de ajudar os outros da maneira que acho justo. Senhor, não me dê o desejo de ser entendida, não importa se eu pareço ridícula, é um risco que estou disposta a assumir" (DEI, p. 326). Dessa maneira afirma em seu diário: "Eu amo muito o meu próximo, porque eu amo em cada um de vocês um pedaço de Você, Deus, eu os busco em todos os seres humanos, e frequentemente encontro algo em você neles. Os corações dos outros "(DEI, p. 750).

Etty deixava claro a força que vinha de seu interior e dizia que o olhar sobre o outro e sobre as coisas era o reflexo que vinha de dentro de cada ser. Ela travou uma batalha dentro de si que é muito consciente desde o início de seu diário: "Às vezes eu sou como um campo de batalha sangrento e isso eu pago mais tarde com muita exaustão e uma forte dor de cabeça" (DEI, p. 113). E assim quando diz: "No entanto, até que a disciplina interior não esteja em vigor, a disciplina externa será muito importante para mim" (DEI, p. 207).

Desde as primeiras anotações de seu diário, ela compreende a importância de cultivar sua interioridade. E convencida de uma força interior que a sustenta, afirma: "E às vezes preciso me ajoelhar diante de minha cama, mesmo em uma noite fria de inverno, para ouvir dentro de mim, para não ficar presa no que vem de fora, mas com aquilo que brota dentro de mim" (DEI, p. 320).

No entanto, a mística de Etty Hillesum constitui a esperança de uma concreta profundidade e o mistério da própria humanidade, de modo que todo ser humano, carrega em seu coração um mistério, o qual chega a ser maior que ele mesmo.

Sua vida começou a florescer em meio à devastação do campo, alimentando e fortalecendo a partir do seu interior. Baseado na sua experiência espiritual, o humano passa a viver a imagem e a semelhança de Deus.

Etty Hillesum viveu em prol do seu povo judeu, sua vida, apesar de breve, foi vivida de forma intensa até os seus últimos momentos no campo de concentração em Auschwitz. Essa jovem judia declarou em seu diário, que mesmo quando se morre de forma trágica, a vida é plena de significado.

3.3. ONDE ESTAVA DEUS DURANTE O HOLOCAUSTO?

As ameaças exteriores aumentavam a cada dia, o terror crescia e Hillesum buscava na oração forças para suportar todo sofrimento. A oração para ela era como um escudo protetor. Por vezes, retirava-se num canto daquele campo sombrio, e na solidão, revigorava suas forças e sentia-se fortalecida para enfrentar o mundo exterior. Dizia: "Esta concentração interior ergue muros altos em meu redor, dentro dos quais novamente me encontro, formo um todo, fora do alcance de todas as dispersões" (DEP, p. 184). Tudo o que acumulava dentro dela naqueles instantes de recolhimento, brotava do lado de fora do campo, a fluir de modo suave.

Etty por algumas vezes não conseguia entender, Deus, o que sua imagem representava naqueles tempos tenebrosos. Entretanto, não foi por isso que ela se fechava para o mundo, pelo contrário, essa jovem holandesa enfrentava tudo e não fugia de nada. Procurava entender as coisas e analisá-las. Dizia a Deus que encarava o mundo de frente e não se refugiava da realidade. E apesar de todo sofrimento, continuava a louvá-Lo.

Etty Hillesum reinventava a esperança nos escombros da existência. Para ela, o ódio, a amargura, o medo, tudo isso era fácil de ser compreendido e estava distante de seus sentimentos. No campo de Westerbork era considerada uma jovem destemida que não gastou seu tempo fazendo questionamentos para Deus, refletia sobre a humanidade, parecia compreender que o sofrimento, o confronto, o ódio e o perdão deviam ser resolvidos entre os próprios seres humanos. Tinha uma grande força interior que mantinha viva a presença de Deus dentro de si.

Deus, para ela, era a fonte luminosa em um momento de trevas e escuridão. Firme e crente, era ciente que mesmo se tudo fosse destruído, seria possível reconstruir um mundo novo que também poderia vir a ser destruído, mas diante de tudo isso para ela, a vida é bela!

Mantinha firme a sua fé em Deus que mesmo diante da obscuridade, acreditava que a verdadeira luz estava dentro dela mesma, não buscava essa luz fora de si, como não buscava também a paz externamente. Cria em Deus, que lhe dava forças e a luz necessária para abater-se no meio às trevas.

Etty não escondia o medo, entretanto ele nunca fora mais forte a ponto de fazê-la retroceder. Criava em si mesmo o refúgio, recolhia-se para o seu interior e ao buscar Deus no mais profundo da sua alma, encontrava Nele forças para enfrentar as dificuldades do mundo assustador em que vivia.

O terror aumentava a cada dia em Westerbork, a oração foi o amparo essencial para que Etty enfrentasse esses tempos difíceis. Questionava a Deus a grandeza da miséria interior nos corações da humanidade. O agradecia por ter vindo até ela tantas pessoas com tanta miséria. Isso a fez criar uma resistência, principalmente espiritual, pois sentia-se amparada nos braços de Deus, se entregou totalmente a Ele, a força de que ela necessitava para contemplar naquele campo devastador, a beleza da vida.

Naquele momento, ela sentia que Deus a contemplava com amor, que Ele a visitava como o oleiro visita o barro e ia modelando-a, assim Deus a tocava, tudo se transformava.

O jeito de expressar sua fé nos marcou profundamente. Essa presença forte e arrebatadora que muitos judeus tinham dificuldade de sentir, Deus, quando se depararam com aquele quadro aterrador. E nos perguntamos: — Onde estava Deus naquele momento de tanto sofrimento? Por que Ele não interveio contra essa destruição?

Deus parecia ausente e sobretudo silencioso. Deus não se faz ouvir, oculta o seu rosto. Os judeus sofriam com a ausência divina, até à tentação do desespero, que os faziam pensar e dizer: Deus não existe!

Para Levi (1988), sobrevivente do holocausto, o campo de concentração era retratado como o inferno, onde os seres humanos sofriam humilhações e estavam a todo tempo sendo maltratados e comparados com bichos:

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa gota a gota (LEVI, 1988, p. 25-26).

Tratados como bichos, os seres humanos a cada dia se sentiam mais inferiores, viam-se como escravizados, sem cabelos, sem honra e sem nomes, espancados como verdadeiros objetos e possuídos por uma revolta, sem brilho nos seus olhos e sem fé. E, Deus, onde estava em meio a esse inferno? Numa passagem da bíblica lemos:

Tu nos bateste num local de chacais, e nos envolvestes em sombras tenebrosas. Por Ti fomos postos à morte, considerados como ovelhas num matadouro. Levanta-Te Senhor! Por que pareceis dormir, Senhor? Levanta-Te, não nos repilais para sempre! Por que escondes o teu rosto, esquecendo de nossa miséria e opressão? Porque estamos prostrados no pó, e o nosso corpo está estendido no chão. Levanta-Te, vem em nossa ajuda; salva-nos por tua misericórdia (Sl 44,20.23:27).

Muitos questionaram a presença de Deus diante de tamanha catástrofe. Onde estava aquele Ser misericordioso, onipotente, onisciente e onipresente que deu a sua vida para salvar seus filhos? A impotência da existência divina era forte entre os judeus massacrados, porém Deus estava ali, entre os refugiados, nos corações daqueles sofredores, os quais temiam perder a própria vida.

Deus estava por entre a cerca de arame farpado, no meio da lama e sobre o frio. Deus era um pedacinho de cada lugar naquele campo. Ele estava onde estava seus filhos, no meio do sofrimento e da dor.

O mesmo questionamento podemos fazer quando Jesus foi crucificado. Onde estava Deus no momento da crucificação de Jesus? Jesus neste momento demonstrou toda a fragilidade também sofrida pelos judeus. Foi torturado, humilhado de forma cruel e dolorosa até a morte

por homens também considerados filhos de Deus. Homens estes, deixados levar pela ganância, pela exuberância e pelo poder, em suas almas estavam enraizados a ira. E mesmo diante de todo martírio, Jesus clamava a Deus: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23:34).

Deus não permite nada além daquilo que a humanidade projeta em seu interior e faz refletir em seu exterior toda a maldade, a amargura e o ódio espalhados no mundo. Aqueles que torturaram e mataram Jesus, possuíam o ódio em seus corações. O mesmo ocorreu no campo de concentração, a maldade é o reflexo do sentimento presente em cada coração. Por isso não tem como culpar a Deus pela desgraça ocorrida durante o holocausto.

Deus é amor e está presente no interior de cada filho seu. Aquele que tem amor no coração, tem Deus acima de tudo e tem força necessária para suportar todo sofrimento.

Nem tudo está nas mãos de Deus, e tudo o que estava acontecendo era extremamente maldade humana, pois Deus nos dá a liberdade a qual podemos amar ou odiar. A maldade e o amor estão dentro de cada ser. Deus não vai fazer pela humanidade o que ela mesma deve fazer por si mesma.

Para Hillesum, Deus está no profundo de si mesmo, é a dimensão mais íntima de nós. A eleita de Deus, pedia-Lhe forças para conseguir suportar tudo o que acontecia. Gostava da vida e continuar a viver para ela, era poder transmitir todo o amor que tinha dentro de si à humanidade. Para essa jovem judia, o amor existente em seu interior transbordava e continuar a viver era a forma de aflorar esse amor e acolher o próximo a fim de prepará-lo para uma nova era.

Proclamava sua fidelidade a Deus, a cada sentimento, cada pensamento germinado e pedia-Lhe forças física e espiritual para tudo o que viesse acontecer, pois confiava nesse Ser misericordioso, entregava-se a Ele e não se preocupava com o que viesse no dia seguinte:

Deus, dá-me força, não só espiritual, mas também física. Quero confessar-te bem honestamente num momento de fraqueza: se tenho de me ir embora desta casa, não sei o que fazer. Mas não quero preocupar-me com isso nem com um dia de antecedência (DEP, p. 265).

Etty dizia que o dia de amanhã já terá outras preocupações e o maior sofrimento do ser humano é aquilo a que teme. Agradecia a Deus por ter lhe dado tamanha força interior, visto que a mesma continua ileso dentro de si e conseguia sempre arrancá-la das preocupações diárias e do medo fazendo com que se tornasse menos prisioneira da necessidade humana.

Acreditava que Deus estava presente e toda a catástrofe nazista foi imposta pelo homem. Pedia a Deus, forças para suportar o sofrimento que a impunha e não o que ela própria havia criado. E rezava:

Meu Deus dá-me a mesma calma grande e poderosa que também existe na tua natureza. E se queres que eu sofra, nesse caso dá-me o sofrimento imenso e absorvente, mas não me dê os milhares de pequenas nas relações que consomem uma pessoa e a destroem completamente. Dá-me calma e confiança (DEP, p. 321).

Naquele momento, essa judia holandesa Deus era a calma e tranquilidade. A vida no campo estava cada vez mais difícil e angustiante, porém suportava tudo com graciosidade. Um pedaço de Deus permanecia constantemente em seu coração e habitava a sua alma como uma melodia: “Não existe um poeta dentro de mim, há sim um pedaço de Deus em mim que poderia desenvolver-se até se tornar um poeta” (DEP, p.323). Num campo como aquele, havia de existir Deus, como poeta a cantar, a levar um pouco de alegria e esperança para aquele povo judeu tão massacrado pelo terror alemão.

Etty não tinha medo do sofrimento e em meio aquilo que as pessoas chamam de terror, ela sempre afirmava que a vida ainda é bela! Bela porque aceitava tudo como sendo uma consequência do sentimento humano e não punição de Deus. Amava os seres humanos e aceitava a maneira de cada um agir, pois nem todos estavam preparados interiormente para suportar tamanho calvário.

Para ela, todo sofrimento era uma manifestação do mal que atravessava a história da humanidade. Contudo, essa judia não renunciava seu olhar de amor, um olhar voltado para dentro do seu coração, para Deus, a fim de re-encontrar também dentro de si mesma, toda a origem daquela maldade que fazia tantas pessoas sofrerem e morrerem:

Deus, às vezes não se consegue entender nem aceitar aquilo que os teus semelhantes nesta terra fazem uns aos outros, nestes tempos tempestuosos. Contudo, isso não me leva a fechar-me no meu quarto, meu Deus: continuo a olhar as coisas de frente e não quero fugir diante de nada; tento compreender os delitos mais graves, tento localizar a cada momento o pequeno ser humano nu que muitas vezes se tornou irreconhecível, por entre os escombros provocados pelos seus atos desvairados. [...] Olho de frente para o teu mundo, meu Deus, e não fujo da realidade para me refugiar nos sonhos – ou seja, mesmo perante a realidade mais atroz, há lugar para sonhos maravilhosos – e continuo a bendizer a tua criação, apesar de tudo! (DEI, p. 565-566).

Etty em suas conversas com Deus, lamentava não conseguir compreender a maldade do ser humano, mas mesmo diante das atrocidades, Deus era seu interlocutor e ela não fugia da responsabilidade que ela mesmo se imputava naquele momento, agia sobre o mundo devastado pelo ser humano.

Procurava através da sua autenticidade, do seu íntimo, ver se como parte do todo que a cercava, os outros eram parte dela também, como todos filhos do mesmo criador, buscava entrar em comunhão com esse todo. Colocando-se como sendo todos responsáveis pelo mundo que se apresentava a ela, Deus estava a seu dispor através da oração. A força e energia vinham de seu estado de ligação com Deus, aceitava e suportava toda a dor. Por muitas vezes, quando a angústia a atormentava, juntava suas mãos, e em oração, era capaz de suportar tudo e ao mesmo tempo tinha a certeza de que a vida é digna de ser vivida e cheia de significado.

Deus nos mostra que muitas vezes a felicidade está em nossa maneira de ver a vida, de aceitar e enfrentar as adversidades. Apesar de todo extermínio ocorrido no campo de concentração, existiram também sobreviventes que enfrentaram a tortura e a injustiça. Com todos os seus valores destruídos, sofreram fome, frio, tortura e humilhação.

Um desses sobreviventes foi o psiquiatra, Viktor Frankl (2009), que perdeu praticamente toda a família no holocausto e em um de seus depoimentos relata que mesmo perante aquela dor, existiam homens que oravam a Deus, improvisavam cultos religiosos, como sessão espírita, no canto de algum barracão ou num vagão de gado escuro e fechado: “Um colega estrangeiro começou a conjurar os espíritos numa espécie de reza” (FRANKL, 2009, p. 24). As pessoas estavam sensibilizadas, frágeis e através da oração, acontecia também a reforma íntima, já que a situação externa do campo era muito dolorosa.

Era o mesmo que Etty fazia num canto do campo, na solidão da noite, orava e meditava. Clamava a Deus, pedia-lhe serenidade para suportar as vezes o desânimo e a impaciência que tomavam conta de si. Não pensava em nada, somente orava e pensava ao mesmo tempo que uma pessoa deve aceitar todos os momentos, principalmente os “não criadores” (DEP, p. 332). Ter a coragem de aceitar tudo conforme a vontade do Pai, pois assim esses momentos de desânimo são superados com mais rapidez.

Hillesum viveu momentos de muita angústia diante daquela catástrofe nazista, Deus foi o seu refúgio perante todo sofrimento. Ela aceitava suas limitações com mais naturalidade e procurava estar sempre disposta a ser hospitaleira com seu próximo.

Não deixava que a maldade exterior invadisse o seu íntimo e procurava estar sempre em paz. Essa paz que custou a sua vida e a vida de seus familiares. Mas a tranquilidade em sua alma a fez partir serena e convicta que Deus estava sempre a seu lado.

No dia 7 de setembro de 1943, Etty Hillesum embarca com sua família para Auschwitz, ambos em comboios diferentes. Em uma de suas cartas, deixa o seu último relato:

Abro a Bíblia ao acaso e eis o que encontro: O Senhor é o meu refúgio. Estou sentada em cima da minha mochila, no meio de um vagão cheio. O pai, a mãe e o Mischa estão uns vagões mais à frente. A partida acabou de chegar inesperadamente. De ordens repentinas de Haia, especialmente para nós. Deixamos o campo a cantar, o pai e a mãe firmes e calmos, tal como o Mischa. Viajaremos durante três dias. Obrigada pelos vossos cuidados. Amigos que ficam para trás não-de escrever para Amsterdã; talvez venhas a receber notícias por eles. E pela minha última carta longa. Até à vista, de nós quatro Etty (CEP, p. 237-238).

Ester (Etty) Hillesum, chega ao campo em Auschwitz. Aos 29 anos de idade, em 30 de novembro de 1943, a Cruz Vermelha anunciou a sua morte. Por muitas vezes, Etty era chamada de a eleita de Deus, a rapariga de Amsterdã, a judia holandesa, a personalidade luminosa e o coração pensante da barraca. Viveu firme e fiel, seguindo os passos de Deus. Jamais o abandonou, principalmente naquele momento que partira para a morte.

A câmara de gás era a única certeza do seu eterno silêncio, mas seguiu cantando, porque no mais profundo da sua alma, Deus estava presente e essa era a sua alegria. Seus pais provavelmente morreram antes de chegarem a Auschwitz.

Etty levou cada um dentro de si como se fossem botões de flores que deixava florir em sua alma. Partiu o seu corpo e o repartiu para suprir a carência de amor dos homens, pois Hillesum: “gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas” (DEP, p. 333).

Para celebrar os 100 anos de nascimento de Etty Hillesum, no ano de 2014, a poeta brasileira, Mariana Ianelli, escreveu essa poesia em sua homenagem:

Trabalhava. Trabalhava numa primavera fria
esperando ser como a lua, ser como um pasto:
uma vasta paisagem tranquila –
e desenterrava Deus de sob pedras e cascalhos.
O caminho até o cais era feito entre soldados
(todos tão pequenos por trás de seus crimes).
E trabalhava mais: era uma estaca no mar,
era um pedaço de granito, era o próprio mundo
prestes a ser destruído. E trabalhava mais:
estava com os deportados, com os desaparecidos,

estava com uma flor num retângulo de jardim.
De minuto a minuto, forjando a calma em pessoa,
o sorriso de Buda, um terreno baldio.
E já havia partido, muito antes de partir, debaixo
de um céu sem palavras: era uma estrela nos campos,
era a mulher já sem nome do vagão número 12,
na direção do Leste, cantando de alegria (*apud* TEIXEIRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E as palavras como Deus e Morte e Sofrimento e Eternidade devem ser de novo esquecidas. E devemos ser outra vez tão simples e sem palavras como o grão que cresce ou a chuva que cai. Devemos só ser (DEP, p. 242).

O presente estudo é o resultado da pesquisa e da leitura interpretativa do Diário e das Cartas da judia holandesa, Etty Hillesum, morta em Auschwitz, em 1943. Uma história de desapego, da abnegação do eu, do esvaziamento interior rumo ao encontro com o Absoluto.

A experiência espiritual e do encontro com Deus em Etty Hillesum começou por ser, em primeiro lugar, uma experiência de acesso à sua interioridade. Motivada por Julius Spier e distante de qualquer prática religiosa, Hillesum abriu-se à fé não pelo preceito religioso, mas pelo importante testemunho deste homem que de amante passa a ser o seu orientador espiritual, foi ele que a permitiu compreender a experiência da fé a partir da sua própria experiência humana. Spier foi para ela um mediador, fomentou nela o desejo de viver a mesma vocação mediadora, iniciando-a numa relação de profunda intimidade com Deus desenterrando-o do seu interior, assim dizia:

imagino que há pessoas que rezam com os olhos apontados ao céu. Esses procuram Deus fora de si. Há igualmente pessoas que curvam profundamente a cabeça e a escondem nas mãos, penso que essas procuram Deus dentro de si (DEP, p. 112).

Etty aprendeu a pôr ordem em seu mundo interior, reconciliando-se consigo mesma e com o seu próximo. A trajetória de vida desta mística e o caminho que a levou a Deus, narrada em seus escritos, surpreendeu-me pela tranquilidade e pelo equilíbrio com que ela respondeu a tamanha dor e crueldade dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nas páginas de seu diário, percebemos temas como o amor e ódio, o sofrimento, a dor, o conflito interior, o despertar espiritual, a morte e Deus, esse Ser Absoluto que a fortalecia e a quem ela sempre pronunciava no campo em Westerbork.

O diário deixa de ser um local onde Etty colocava suas ideias bem estruturadas em sua mente e se transforma no seu caderno de oração, onde Deus passa a ser o seu interlocutor. Sua proximidade com esse Ser Divino é uma experiência que ela irá defender contra toda a ameaça sofrida pelos nazistas.

À proporção que registrava seus acontecimentos interiores no papel, Etty foi tomando a consciência de que tudo o que escrevia era um testemunho de fé e amor vivido num período obscuro da sua vida. Através da oração, declarava-se segura e calma, sentia-se cada vez mais fortalecida como se estivesse nos braços de Deus.

Foi através da oração, ajoelhada, meditando e escrevendo que essa judia conseguiu encarar frente a frente a tragédia do holocausto. Dialogava constantemente com Deus e mesmo diante de toda tragédia vivida no campo de concentração, agradecia pela força em poder lutar e jamais dar precedência ao mal. Acreditava que Deus, apesar de todo o horror vivenciado no campo, ainda era possível desabrochá-lo e desenterrá-lo no mais profundo dos corações humanos.

Etty atribuiu-nos um testemunho de fé impressionante, cheia da gratuidade divina. De joelhos, em oração no tapete castanho de fibra de coco na casa de banho, se libertou e começou a prestar atenção no mais profundo da sua alma. A partir dali os diálogos com Deus nunca mais foram interrompidos. Na realidade, a sua vida tornou-se um diálogo ininterrupto com esse Deus que a habitava e através da oração encontrou a força necessária para enfrentar com dignidade todas as ameaças exteriores.

Hillesum registra em seus escritos um longo processo de crescimento interior, de elevação espiritual e de libertação pessoal. O diário é o local em que ela desabafa e analisa seu mundo interno. Lugar de confidências em que ela descreve o que sente e o que vive com muita simplicidade.

A descoberta de Deus para Etty despertou em si um sentido profundo de responsabilidade moral. O mundo parece desmoronar-se, a guerra contra os judeus acentuava-se, ainda assim, ela esperava e confiava neste Deus misericordioso. Acreditava que a violência não podia roubar a vida, invadir o interior de cada ser, local no qual Ele habita.

Ao entrar em contato com os escritos de Etty, página após página, experimentei admirada, o surgir das pérolas do “coração pensante” desta jovem, que apesar das inúmeras pedras em seu caminho, avança em direção a si mesma.

No decorrer do presente trabalho, ao ler seus escritos, descobri que ao mergulhar no mais profundo de si mesma, Hillesum pôde se autodescobrir e autoconhecer, através de uma imagem refletora, os seus próprios conflitos, a partir dessa reflexão, estruturar sua vida íntima.

Foi uma grande graça poder trilhar junto a Etty um caminho iluminado e reluzente. Essa jovem consegue levar o leitor a viajar pelas profundezas da alma. A ir ao encontro de si mesma e de Deus.

Por conta disso, procurei descortinar o possível seus escritos para expor com clareza, os pensamentos de Ety sobre a vida e Deus para tentar conduzir o leitor a passear pelo labirinto dos textos e conhecer profundamente a história dessa jovem judia.

A cada leitura: novas questões. Por isso, para fins metodológicos, destaco as mais belas passagens a meu ver. A primeira delas, foi a questão da estruturação em três capítulos. Em cada capítulo lança uma questão que dará seguimento a outro capítulo. Iniciamos pelo itinerário espiritual dessa mística, acompanhado do seu caminho de transformação e elementos que a levaram ao seu encontro com Deus, seguido por fim, de sua experiência em Westerbork.

Essa mística contemporânea do século XX, tornou-se uma referência da procura de autenticidade, da essência penetrada no seu âmago interior, o seu testemunho permanece para nós como exemplo notável de conversão de uma mulher forte e destemida que através da sua generosidade foi capaz de descobrir no mais profundo do seu ser, um mundo repleto de amor e misericórdia.

Com sede do Absoluto, Hillesum soube ter um olhar diferente diante da vida, pois percebia que a sua liberdade vinha de dentro de si, o mundo exterior é o reflexo dos nossos pensamentos e sentimentos. E essa postura é o fruto das suas conversas com Deus, já que o mantinha sempre vivo em sua alma e sentia-o cada vez mais próximo de si.

Ety Hillesum foi um ícone de resistência, superação e coragem, sendo capaz de suportar e enfrentar problemas das mais diversas situações. Mesmo diante da morte, ela foi capaz de descobrir dentro de si um mundo generoso, um princípio de eternidade e soube viver conforme ele. Durante a leitura de seus escritos, compreendi que por muitas vezes ela nos convida a rever nossas atitudes, os nossos pensamentos, a nossa fé e o nosso compromisso com o divino.

Uma mística singular que trilhou um caminho de luz, pôde através dessa luminosidade irradiar paz e alegria e amenizar a dor de um povo sofrido e condenados à morte. Ety decidiu através de seus recursos internos, partilhar o trágico destino de seu povo.

Em Ety descobri a capacidade de testemunhar a fragilidade de Deus e encontrar respostas para a alteridade lá. Para ela, a morte não era um ultimato; cada vez mais próxima do Ser Divino, ela o encontra como uma nascente que brota do fundo da sua alma e a faz comprometer-se em acolher e ser hospitaleira com seus irmãos judeus. Sua atitude com seu próximo é mais forte que a própria morte, fato este que a leva a aceitar a realidade como sendo um local onde o próprio Deus se manifesta. Através do outro, ela busca forças para seguir adiante.

Segundo Teixeira (2018), “apesar de todas as opressões, exclusões e marginalizações a que os humanos, e também as outras espécies companheiras, sofrem, faz-se necessário criar

novos espaços de acolhida, cuidado, ternura e hospitalidade”. A jornada espiritual de Etty Hillesum, a abertura ao outro tornou-se possível para a sua evolução, da sua experiência com Deus e também da sua própria consciência.

A vida no campo era muito difícil, mas Etty não deixava de lado a serenidade e o brilho que irradiava de dentro do seu coração, mantinha acesa a chama da sua alegria. A mesma alegria que a fez partir para Auschwitz cantando, visto que o contra-senso, a morte, não desaparecem, entretanto eles podem ser assumidos e adquirir um novo significado.

Soa quase paradoxal: por causa de excluírem a morte da vida, as pessoas não vivem uma vida completa, e ao acolher a morte dentro da vida, ela fica mais rica e mais ampla (DEP, p. 219).

Porque é a caminhada que importa, não há um ponto final, há um percurso em si e no outro a ser implementado durante a jornada, são as emoções, a espiritualidade descoberta e a fé que permitiram a essa jovem judia ser como foi tão ímpar, singular, tão forte e determinada na sua difícil jornada de vida. Não estava só, estava com o povo judeu e com Deus.

Que hei de concluir sobre a minha reflexão? Quando finalizo meu trabalho percebo não ser a mesma pessoa do início. Nesse sentido, esta dissertação é uma leitura, ou seja, é a minha interpretação, minha autenticidade. Como pesquisadora, entrei pelo labirinto do desconhecido e encontrei mais do que Etty e sua experiência de vida, foi possível encontrar autoconhecimento. O olhar para o outro faz-me descobrir sua essência. Compreendi que a vida apesar de inúmeros percalços, é bela, pois tudo o que nos acomete é provocado por nós mesmos. Tudo vem de dentro de nós.

Deus ofereceu a essa judia um referencial de ódio, sofrimento, dor e morte, ambos foram relativizados. Ela não se deixou levar pela desgraça, já que Deus foi o seu grande defensor. Hillesum foi capaz de descobrir dentro de si, uma vastidão e um mundo bom.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Livro I. Capítulo 4, 4. Coleção **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1973, p. 27.

BARRY, William A. **O desejo apaixonado de Deus e a nossa resposta**. Tradução Milton Camargo Motta. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BÉRIAULT, Yves. **La fécondité spirituelle chez Etty Hillesum et les moines de Tibhirine**. Rencontre intelligence et foi – Trois-Rivières, 2011. Disponível em: <<http://www.amisdettyhillesum.com/docs/YBeriault2.pdf>>. Acesso em 09 abr. 2019.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral: Paulus, 1988.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A Argila e o espírito**: ensaios sobre ética, mística e poética. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Mística e profecia no feminino: notas para ler algumas místicas contemporâneas. **Revista de Filosofia e Teologia**, Instituto teológico arquidiocesano Santo Antônio, Juiz de Fora, v. 15, n. 48, 49, 50, 2011. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/RHEMA/article/view/149>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

_____. Um lírio que floriu no arame farpado. **Teología Hoy**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<http://www.teologiahoy.com/other-languages/um-lirio-que-floriu-no-aram-farpado>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1962.

CHARDIN, P.T. de. **O meio divino**, Petrópolis: Vozes, 2010.

DRIESSCHE, Thibault Van Den. Entre éthique et mystique: quand Edith Stein et Etty Hillesum se rencontrent. **Revue d'éthique et de théologie morale**, Paris, v. 4, n. 247, 2007, p. 65-91. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-d-ethique-et-de-theologie-morale-2007-4-page-65.htm?contenu=article>>. Acesso em: 07 out. 2019.

ECKHART, Meister. **Predigt-meditationen**. Göttinger. 1979.

EDUCAÇÃO UOL. Biografias: Rainer Maria Rilke, ago/2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/biografias/rainer-maria-rilke.htm>>. Acesso em: 11 out. 2019.

FERRIÈRE, Pierre; MICHIELS-MEEÚS, Isabelle. **15 dias de oração com Etty Hillesum**. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2009.

GERMAIN, Sylvie. **Etty Hillesum**. Una coscienza ispirata. Traduzione Maurizio Ferrara, Maurizio. Roma: Edizioni Lavoro, 2000.

HILLESUM, Etty. **Cartas**: Etty Hillesum (1942-1943). Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

_____. **Diário**: 1941-1943. Tradução Maria Leonor Raven-Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

_____. E, Smelik, A.D.(ed), **Etty: The letters and Diaries of Ety Hillesum 1941-1943**, complete and Unabridged, trad. Arnold T. Pomerans, Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, 2002

_____. [Frases extraídas por Márcia Fernanda Moreno dos Santos]. **Feu Et Lumiere Mensuel de la Vie Spirituelle**, n. 225, L'eglise une éternelle jeunesse la celebre tapisserie de l'apocalypse, 2004.

_____. **Il Gelsomino e la Pozzanghera**. Firenze: Editoriale Le Lettere, 2018.

_____. **Lettere**. Edizione integrale (1941-1943). 2. ed. Traduzione di Chiara Passanti, Tina Montone, Ada Vigliani La collana dei casi. Milano: Adelphi, 2013.

_____. O colorido do amor no cinza da Shoá. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, v. 18, n. 531, 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/531>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

_____. **Una coscienza ispirata**. Sylvie Germain. Traduzione di Maurizio Ferrara. Roma: Lavoro; Fossano: Esperienze, 2000.

_____. **Una vida conmocionada**: diario, 1941-1943. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007.

_____. **Une vie bouleversée, suivi de lettres de Westerbork**: Journal 1941-1943. Paris: Seuil, 1995.

LEBEAL, Paul. **Etty Hillesum: un itinéraire spirituel** (Amsterdam 1941-Auschwitz 1943), Namur/Bruxelles, Fidélité/ Racine, 1998.

LEBEAU, Paul. **Etty Hillesum: un itinéraire spirituel**. Paris: Albin Michel, 2001.

LELOUP, J.-Y. **Uma arte de cuidar**: estilo alexandrino. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÉNA, M. La trace d'une rencontre - Edith Stein et Etty Hillesum. **Études**, 401, 2004.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MENDONÇA, José Tolentino. Nos 100 anos do nascimento de Etty Hillesum. **Secretariado nacional da pastoral da cultura**, Lisboa, 2014. Disponível em: <https://www.snpcultura.org/nos_cem_anos_do_nascimento_de_etty_hillesum.html>. Acesso em: 11 out. 2019.

_____. Prefácio. In: HILLESUM, Etty. **Diário**: 1941-1943. Tradução Maria Leonor Raven-Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

MERTON, Thomas. **Diálogos com o silêncio**: oração e desenhos. Edição Jonathan Montaldo. Tradução René Bucks. Rio de Janeiro: Fissus, 2003.

_____. **Na liberdade da solidão**. Petrópolis: Vozes, 2001

MÉTROPOLITE, Antoine. L'intercession. **La Vie spirituelle**, 1988, n° 679, pp. 217-227.

MICHAELDAVIDE. Frei. **Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MICHELUCCI, Riccardo. Etty Hillesum. Para Deus e para a vida. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579245-etty-hillesum-para-deus-e-para-a-vida>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NHAT HANH, Thich. **Nosso encontro com a vida**: discurso sobre viver com alegria no momento presente. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEREIRA, Cefas Sibélius. **Thomas Merton**: Contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014.

PESSOA, Fernando. Poemas Inconjuntos. *In*: _____. **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. Ed. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1993.

PIGLIARU, Alessandra. Etty Hillesum e a audácia de pensar o bem do mundo. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/571064-etty-hillesum-e-a-audacia-de-pensar-o-bem-do-mundo>>. Acesso em 10 jan. 2019

PINHO, Teresa Cláudia Correia de. **O acesso a Deus em Etty Hillesum**. 2014. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/16337>>. Acesso em: 05 out. 2019.

PINTO, Alexsander Baccarini. **Serei eu a ajudar a Deus?**: reflexão teológica sobre uma pergunta inesperada. 2018. Tese (Mestrado em teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2018.

Poemas de São João da Cruz. Disponível em: <<http://documentosocdsigreja.blogspot.com.br>>. Acesso em 25 Jun. 2018.

PRADO, Adélia. Direitos Humanos. *In*: _____. **Poesia Reunida**. Record, 2015.

RAMPON, Antonio Ivanir. **O caminho espiritual de Dom Helder Camara**. São Paulo: Paulinas, 2013.

RÛMÎ, Jalaluddin. **Manasvi**. São Paulo: Attar, 1992.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**: Livro Primeiro. Digitação Lucia Maria Csernik, [S.l.], 2007.

SANTOS, Márcia Fernanda Moreno dos. Etty Hillesum – frases extraídas da Revista *Feu et Lumière*, nº 225. *In*: COMSHALOM. **O olhar de Deus nos liberta**: Ele nos olha e ao mesmo tempo nos ama, Escola de Formação Shalom, Ceará, 2018. Disponível em: <<https://www.comshalom.org/o-olhar-de-deus-nos-liberta/>>. Acesso em: 07 out 2019.

SIX, Jean- François. **Charles de Foucauld**: O irmãozinho de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2008.

STEFANO, Cristina de. Ety Hillesum, a vida é boa. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568461-etty-a-vida-boa>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Tradução Alberto Pérez Monroy. México: Coleção Filosofia, 1994.

_____. **La mujer**: su papel según la naturaleza y la gracia. Madrid: Palabra, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. A mística nos rastros do cotidiano. [Entrevista concedida a] Márcia Junges e Andriolli Costa. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ed. 435. [n.p.], dez., 2013. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5322-faustino-teixeira-19>>. Acesso em: 07 out. 2019.

_____. A feminilidade da mística em Teresa d'Ávila. [Entrevista concedida por e-mail a] Patricia Fachin e João Vitor Santos. **Revista Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ed. 474. [n.p.], out., 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6175-teresadavila-faustino-teixeira>>. Acesso em: 07 out. 2019.

_____. **Buscadores cristãos no diálogo com o islã**. Coleção Dialogar. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Buscadores do Diálogo**: itinerários Inter-Religiosos. Coleção Percursos e Moradas. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Christian de Chergé, o mártir de Tibhirine. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/174-noticias/noticias-2010/563562-christian-de-charge-o-martir-de-tibhirine>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. Ety Hillesum: a força da vida e o mistério de Deus. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 78, n. 311, 2018. Disponível em: <<http://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1399>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

_____. Ety Hillesum e o canto da vida. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/527411-etty-hillesum-o-canto-da-vida>>. Acesso em: 30 set. 2016.

_____. **Na Fonte do Amado**. Malhas da mística cristã. São Paulo: Editorial, 2017.

_____. Nos rastros do amado: o cântico espiritual de João da Cruz. *In*: _____. **Nas teias de delicadeza**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. O caminho luminoso de Ety Hillesum. **Diálogos**, Juiz de Fora, ago/2015. Disponível em: <<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2015/08/o-caminho-luminoso-de-etty-hillesum.html>>. Acesso em: 11 out. 2019.

_____; BERKENBROC, Volney (Orgs.). **As orações da humanidade**: das tradições religiosas do mundo inteiro. Petrópolis: Vozes, 2018.

TERESA DE JESUS, Santa. **Livro da Vida**. São Paulo. Paulus, 2016.

_____. **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo. Paulus, 2017.

TOMMASI, W. A liberdade do Espírito: Etty Hillesum, uma santidade nova. **Concilium**, v. 351, n. 3, p. 113-120, 2013.

TORRALBA, F. **Inteligência espiritual**. Petrópolis: Vozes, 2012.

UGOCCIONI, Cristina. Etty Hillesum, a jovem que encontrou Deus durante a Shoah. Tradução André Langer. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584987-etty-hillesum-a-jovem-que-encontrou-deus-durante-o-shoah>>. Acesso em: 08 out. 2019.

VANNINI, Marco. **Introdução à mística**. São Paulo: Loyola, 2005.

VASCONCELOS, Eder. **Vida espiritual como caminho de realização**. Petrópolis: Vozes, 2015.

WEIL, Simone. **Autobiographie spirituelle**. Présentation de François Dupuigrenet Desroussilles. Montrouge: Bayard éditions, 2018.